
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHO

ANÁLISE DA RELAÇÃO SIMBÓLICA DA HOSPITALIDADE: DESDOBRAMENTOS E APROPRIAÇÕES EM FAZENDAS HISTÓRICAS INSERIDAS EM ESPAÇOS RURAIS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernadete Aparecida
Caprioglio de Castro Oliveira

ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHO

**ANÁLISE DA RELAÇÃO SIMBÓLICA DA HOSPITALIDADE:
DESDOBRAMENTOS E APROPRIAÇÕES EM FAZENDAS
HISTÓRICAS INSERIDAS EM ESPAÇOS RURAIS**

Tese elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação
em Geografia - Área de Concentração em
Organização do Espaço, para obtenção do Título
de Doutor em Geografia.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bernadete
Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira**

Rio Claro - SP
2012

338.4791
C331a

Carvalho, Alissandra Nazareth de
Análise da relação simbólica da hospitalidade:
desdobramentos e apropriações em fazendas históricas
inseridas em espaços rurais / Alissandra Nazareth de
Carvalho. - Rio Claro : [s.n.], 2012
132 f. : il., fots.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio de
Castro Oliveira

1. Turismo. 2. Espaço rural. 3. Ressignificação. 4.
Turismo rural. I. Título.

Ficha Catalográfica e laborada pela STATI - Biblioteca da
UNESP Campus de Rio Claro/SP

ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHO

**ANÁLISE DA RELAÇÃO SIMBÓLICA DA HOSPITALIDADE:
DESDOBRAMENTOS E APROPRIAÇÕES EM FAZENDAS
HISTÓRICAS INSERIDAS EM ESPAÇOS RURAIS**

Tese elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação
em Geografia - Área de Concentração em
Organização do Espaço, para obtenção do Título
de Doutor em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Bernadete Aparecida C. de C. Oliveira
UNESP – Rio Claro
(Orientadora – Presidente)

Prof. Dra. Solange Terezinha de Lima Guimarães
UNESP – Rio Claro

Profa. Dra. Sênia Regina Bastos
Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

Prof. Dr. Lélío Galdino Rosa
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Profa. Dr. Antonio Carlos Sarti
Universidade de São Paulo (USP)

Alissandra Nazareth de Carvalho
(Doutoranda)

Rio Claro, 08 de outubro de 2012

Resultado: APROVADA

Dedico com amor,

ao meu marido Fernando Schneider e às
vovós Rosa e Irene (em memória), pelo
acolhimento sempre incondicional nas
Minas, pelos “causos”, pelas
comidinhas deliciosas, pelo constante
aroma de café, por me despertar o amor
pela terra, pelo cheiro de casa de vó...

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pela oportunidade da vida, do trabalho, das produções, das alegrias e aprendizado.

Aos meus pais que, mesmo distantes, sempre vibram pelo nosso sucesso. Um verdadeiro porto seguro.

À todas as tias, tios, primos e primas, agregados e amigos de todo canto do mundo e também ao meu marido Fernando, que segue sempre ao meu lado, participando comigo e se mobilizando nos momentos de festa, assim como nos momentos de reclusão.

A minha querida orientadora Bernadete, pela paciência, pela amizade, pelas dicas e indicações. Foi uma grata surpresa e uma experiência muito agradável!

A todos os entrevistados, que contribuíram fortemente com essa pesquisa, à Fazenda Capoava e à Fazenda Águas Claras, assim como à UFSCar Sorocaba, que contribuiu para que o desenvolvimento dessa pesquisa acontecesse através da concessão de afastamentos e ajudas de custo.

À minha querida, grande e eterna amiga Isabela Fogaça, pelo apoio de sempre, pelas discussões enriquecedoras, leituras e conversas produtivas.

Ao grande amigo Lélío, por me apresentar à mestra Bernadete e me ajudar a dar início a essa grande empreitada.

*Não esqueçais a hospitalidade,
porque por esta, alguns, sem o
saber, hospedaram anjos.*

(HEBREUS, 13:2)

RESUMO

O presente estudo discute a temática da hospitalidade, tal como se apresenta em suas relações de bem-receber e também em sua vertente contraditória e representativa. Tem por finalidade analisar a produção de um espaço propício à expressão da hospitalidade em Fazendas Históricas Paulistas inseridas em espaços rurais, que se apropriam de símbolos presentes no ambiente doméstico rural para trabalhar o turismo rural, ressignificando a produção e as relações sociais. Para a realização de tal análise foi utilizado o método lefebvriano, que previu três momentos de investigação: o descritivo, o analítico-regressivo e o histórico-genético. Como resultado o presente estudo descreveu empreendimentos inseridos em um contexto de globalização, padronizado e comercial, constituintes de uma associação que impõe vários requisitos em termos de comportamento e gestão e, ao mesmo tempo, ainda se apresentam resilientes em termos da manutenção do tradicional, do rústico, da história, da essência e das reminiscências do passado. Foi possível constatar que, em se tratando das fazendas analisadas, destaca-se a importância da noção simbólica da hospitalidade, da história e sua estrutura, suas trocas sociais, o equilíbrio entre o paradoxo do doméstico *versus* comercial, da interpretação de valores e apropriações que ressignificam a dinâmica operacional e mercadológica dessas fazendas, onde o turismo se apresenta enquanto veículo que proporciona essas vivências culturais de solidariedade e de afetividade.

Palavras-chave: Fazendas Históricas, Hospitalidade, Espaço Rural, Ressignificação, Simbólico, Roteiros de Charme, Turismo Rural.

ABSTRACT

The present study discusses about hospitality, as presented in their relations of wellcome and the contradictory way and their representative. The purpose is to analyze the production of a space and your production that leeds to the expression of hospitality in Historical Farms in São Paulo, inserted in rural areas, which appropriate symbols present in the home atmosphere, to work as rural tourism, giving a new meaning to the production and social relations. To perform this analysis the Lefebvrian method was used, which predicted three moments of research: descriptive, analytic-regressive and the historical-genetic. As a result, the study described projects inserted in a context of globalization, standardized and commercial components of an association which imposes various requirements in terms of behavior and management and, at the same time, still keeps resilient in terms of maintaining the traditional, rustic, history, essence and reminiscences of the past. It was found that, in the case of the farms analyzed, there is the symbolic importance of the notion of hospitality, history and its structure, its social exchanges, the balance between the paradox between domestic and comercial trade, the interpretation of values and appropriations that give another significate to the dynamic operational and marketing of these farms, where tourism is presented as a vehicle that delivers these cultural experiences of solidarity and affection.

Key-Words: Historical Farms, Hospitality, Rural Espace, Reframing, Symbolic, Tours Charming, Rural Tourism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:hospitalidade doméstica versus hospitalidade comercial	46
Quadro 2: Tipologia de Valores Biofílicos.....	59

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Chalé Colônia adaptado para o turismo, representando hoje uma unidade habitacional.....	30
Foto 2: Antiga senzala doméstica restaurada com as características originais da época colonial, de taipa de pilão.	31
Foto 3: Amplo e único chalé, que acomoda no mesmo espaço quarto de casal, rede e sala de TV	32
Foto 4: Pergolado	39
Foto 5: Bar da Cocheira.....	40
Foto 6: Sala de Estar.....	41
Foto 7: Fachada de uma das unidades habitacionais, antigamente era a senzala doméstica	73
Foto 8: Casa sede no século XVIII.	80
Foto 9: Casa sede atualmente.	81
Foto 10: Sinalização no interior da fazenda.	82
Foto 11: Estrada Bairro Pedregulho – Itu, acesso à Fazenda Capoava	83
Foto 12: Portaria de entrada Fazenda Capoava	84
Foto 13: Espaço das cocheiras na Fazenda Capoava.....	85
Foto 14: Foto antiga da Capoava, à mostra no Espaço Cultural atualmente na Fazenda	86
Foto 15: Foto antiga da casa sede da Capoava, à mostra hoje no Espaço Cultural da Fazenda.....	87
Foto 16: Foto atual da casa sede da Capoava, tal como se apresenta hoje.....	88
Foto 17: Sala de estar junto à tulha.....	89
Foto 18: Utensílios antigos, utilizados na lida da plantação, hoje expostos em frente ao Espaço Cultural da Fazenda	90
Foto 19: Máquina original, de beneficiamento de café, hoje exposta no Espaço Cultural da Fazenda.....	90
Foto 20: Feijão tropeiro no fogão à lenha	92
Foto 21: Mesa posta para o feijão tropeiro completo	93
Foto 22: Alpendre localizado na casa sede da Fazenda, hoje, grande espaço de socialização	94
Foto 23: Fogão à lenha, localizado junto ao espaço da tulha e pergolado	95

Foto 24: Mis-en-place sempre pronta nos aparadores	96
Foto 25: A Capoava na mídia - Associação Roteiros de Charme	98
Foto 26: Pórtico antigo, de entrada para a Fazenda Águas Claras, datado de 1870.....	99
Foto 27: Estrada de acesso à Fazenda Águas Claras	100
Foto 28: Estrada de acesso à Fazenda Águas Claras	102
Foto 29: Recepção do Sr. Isaias, junto ao fogão à lenha	103
Foto 30: Unidades habitacionais anexas à casa sede, antigamente era a senzala doméstica	106
Foto 31: Cafeteria e loja de produtos da Fazenda, localizada junto à entrada, também funciona como espaço de recepção dos hóspedes/visitantes.	107
Foto 32: Casa sede, não assobradada, cuja varada compõe um patamar alargado que permite a conjunção de pessoas que pretendem conversar, se conhecer, interagir.	108
Foto 33: Fogão à lenha com a comida posta: virado de banana e feijão sempre presentes	109
Foto 34: Na casa sede, entrevistando, tomando café e interagindo com Eduardo Aranha	110
Foto 35: Caminhão utilizado para levar os visitantes à plantação de café	111
Foto 36: Plantação de café e explicação do funcionário Marconi sobre o tipo de café.....	112
Foto 37: Casas de funcionários da fazenda, localizadas dentro da propriedade, onde a vida acontece normalmente	113
Foto 38: Maquinário disposto no espaço cultural da fazenda	114
Foto 39: Religiosidade presente, observada pelos símbolos ao longo da fazenda	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – Contextualizando o objeto e a temática da hospitalidade	21
Descrevendo o objeto e problemática de estudo	22
A hospitalidade e seus domínios: uma discussão conceitual	27
Hospitalidade doméstica: a família e sua dinâmica no ambiente das fazendas	34
Hospitalidade comercial: a estrutura nas fazendas	43
CAPÍTULO II – O turismo e o rural	49
Atividade turística rural e a resignificação da hospitalidade	51
A busca pelo rural: o lar, o lugar, o espaço	61
CAPÍTULO III – As fazendas	75
A Fazenda Capoava	76
A Fazendas Águas Claras	99
REFLEXÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	127

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da hospitalidade e seus desdobramentos em um ambiente rural, levando em conta seus símbolos no que tange à atmosfera rústica, à natureza, à história, à gastronomia e, especialmente, ao ambiente doméstico e familiar coordenado, sobretudo, pela mulher.

Discute a relação contraditória estabelecida entre a hospitalidade doméstica de outrora e a hospitalidade comercial da contemporaneidade, tendo como objeto de estudo fazendas históricas paulistas, que hoje se comportam como turísticas, onde símbolos são adaptados e ressignificados com vistas a um atendimento voltado para a qualidade e o serviço.

Em se tratando de símbolos, o estudo também pretende discutir a temática da espetacularização, tomando como objeto de estudo as fazendas históricas turísticas do estado de São Paulo, que estão inseridas na Associação Roteiros de Charme, cujo mote de comercialização descansa sob a égide do requinte da mercadoria, ou seja, o que aparentemente é considerado símbolo do rústico, da simplicidade e do “caipira” é trabalhado de uma forma requintada, luxuosa e comercializável, atendendo critérios de qualidade e serviço, em atendimento às regras da hospitalidade.

É dentro desse contexto e, buscando o entendimento das relações pautadas pela hospitalidade, que o presente estudo lança mão de um arcabouço teórico da geografia humana, objetivando analisar como o espaço é configurado para a produção de um ambiente hospitaleiro, verificando a forma como os equipamentos localizados no meio rural se organizam para tal e acima de tudo, constroem, produzem e reproduzem socialmente um espaço que extrapola a divisão político-administrativa (CARLOS, 1996).

Segundo Carlos (1996), a acumulação cultural que se inscreve no espaço e no tempo define o lugar, ou seja,

A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecido-reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos (CARLOS, 1996, p.32).

Ainda, as preocupações com o crescimento da atividade turística, entre outras coisas, refletido na construção de grandes equipamentos turísticos, tem tomado a atenção de autores e feito parte das discussões acadêmicas/sociais/culturais, principalmente porque o sistema capitalista proporciona o surgimento de novas formas de apropriação do espaço em todos os lugares (FONTES e LAGE, 2003).

Investigar tal questão nos leva a conhecer a cultura e as culturas organizacionais desses estabelecimentos, aqui representados pelas fazendas históricas paulistas hoje turísticas, ajudando no entendimento de sua forma de gestão, visão e princípios que norteiam suas ações. Ademais, o papel do olhar geográfico sobre o turismo busca compreender os arranjos espaciais, as expressões territoriais da atividade, o sistema de objetos que o suporta, as práticas sociais que o legitimam e os sujeitos envolvidos nesse processo dinâmico de produção social do espaço.

Segundo essa linha de raciocínio, é possível observar que há espaços turísticos que evoluem através de “ondas” de ocupação, acompanhando modismos ou produzidos pelo consumo do espaço, ocasionando a degradação/destruição, descaracterização, perda, “enterro” dos recursos culturais/sociais de uma comunidade, população, ou seja, o lugar não é visto, vivido ou compartilhado, conforme discute Luchiari (2002, p.40), ocorrendo em torno desses produtos “a reprodução de modelos que participam de uma refuncionalização fragmentada e de uma valorização do solo que imprime ao território um uso seletivo”.

E, segundo Carlos (1996), a característica do espaço produzido é a do homogêneo, altamente excludente, com ausência de identidade, fazendo do lugar algo que pode ser visto, fotografado e depois esquecido, sugerindo a autora que o turismo reforça a hierarquia social, produzindo espaços diferenciados, exclusivos e fechados.

Dessa forma, no presente estudo, busca-se extrapolar as questões físicas e gerenciais pertencentes a essas fazendas e adentrar a seara da apropriação do espaço e sua reprodução com vistas à hospitalidade, buscando decifrar seus constituintes simbólicos, para entender ainda melhor esse fenômeno. Busca-se também, retomando Luchiari (2002), observar se ocorre a descaracterização, perda ou o “enterro” dos recursos culturais e sociais de uma comunidade e, sobretudo, se a história de outrora é vivida e compartilhada, pois, como discute Oliveira (2005), a construção espacial se prende ao espaço das sensações e também das operações, precedidos pelos espaços simbólicos.

Investigar tal questão nos leva a entender a cultura interna dos estabelecimentos envolvidos nessa temática, sua ligação com a cultura local, sua forma de atuação, visão e princípios que norteiam suas ações no que tange à hospitalidade. Ainda, traz à tona questões relacionadas aos símbolos, à apropriação destes, às relações de troca, aos ritos, enfim, aspectos culturais esquecidos, adormecidos, perdidos em virtude do assolamento que a contemporaneidade impõe.

Importante destacar também que, em se tratando de uma Associação de Roteiros de Charme, cujas fazendas históricas paulistas estão inseridas, compondo o objeto deste estudo, será possível investigar a ocorrência da produção de espaços diferenciados, exclusivos ou fechados, retomando Carlos (1996).

Aprofundando ainda mais o conjuntura das fazendas históricas, estas se inserem em um contexto simbólico que nos remete à ruralidade, ao produto da relação homem-natureza, revelando a identidade de um povo, seu modo de vida, suas relações econômicas, domésticas e culturais, traçadas mediante sua ligação com a terra, garantindo uma rede de significados que são construídos pela história e somados à cultura civilizadora, produzindo características representativas para o desenvolvimento futuro de uma atividade turística, em atendimento às tendências que buscam essa vertente.

O turismo, nesse contexto, lança mão da sacralização da história materializada no espaço, vendendo o passado histórico através do conjunto das edificações de um dado período, conforme discute Rodrigues (1996), como é o caso das fazendas históricas datadas do período do apogeu do ciclo do café, no final do século XIX.

O turismo apresenta-se como um fenômeno complexo, sendo caracterizado como uma instituição e também uma prática social, capaz de criar e recriar espaços diversificados, influenciar um sistema de valores e estilos de vida, verdadeiro elemento de transformação, tal como define Rodrigues (1996, p.91), “um produtor, consumidor e organizador de espaços, definindo áreas de interesse e se apropriando de bens, sejam eles naturais ou culturais”.

É, conforme discute Nicolas (1996), uma prática social coletiva que integra mecanismos distintos de relação ao espaço, à identidade e ao outro, não sendo um fator externo ou uma atividade exógena ao espaço e à sociedade e sim um fator construtivo das sociedades atuais.

Nicolas (1996) e Cara (1996) apresentam que o turismo cria, transforma e valoriza de forma distinta espaços que inicialmente não tem valor no contexto da lógica de

produção, como por exemplo, um campo ou um pasto que pode passar a ser uma área de camping ou mesmo uma casa em ruínas de alguém importante, já falecido, que pode se transformar em uma casa de hóspedes ou mesmo em museu. Ou seja, toda a questão do patrimônio “turistificado” pode ser analisada sob essa vertente.

O espaço, portanto, participa de um processo de troca, torna-se mercadoria, onde áreas desocupadas entram na comercialização ocupadas por novas possibilidades, como a cultura, o turismo e a o lazer.

Em se tratando de fazendas históricas, por exemplo, todo esse complexo patrimonial anteriormente tinha uma função agrícola, comercial e política, participando de uma lógica específica de produção e, atualmente, participa de certa forma, de outra lógica produtiva, a da prestação de serviços turísticos, através da hospedagem, da alimentação, e da fruição da paisagem, em virtude de se tratar de um patrimônio edificado de valor histórico, estético e arquitetônico que não poderia ser desprezado.

Aliado a essa questão, as discussões sobre hospitalidade buscam aprofundar esse conceito tão vasto, visando quebrar paradigmas culturais e, principalmente, ampliar o entendimento do termo, referente a aspectos de hospedagem, alimentação, entretenimento, eventos, espaço público, urbanidade. Há uma posição mais antiga que ultrapassa o contexto puramente comercial para adentrar o meio doméstico e enfrentar o campo complexo da sociologia e da antropologia, como discute Grinover (2007).

O presente estudo pretende, portanto, analisar estabelecimentos representados pelas fazendas históricas paulistas, remanescentes do ciclo do café, que outrora participaram de um período de apogeu econômico devido a essa atividade produtiva. Essas fazendas eram e continuam sendo, até hoje, compostas por casa sede, destinada a abrigar a família, dona da propriedade, casas de colonos, espaços e locais para o beneficiamento do café, tal como as tulhas e a própria área de plantação, secagem de grãos e pasto para animais.

Atualmente, essas fazendas não possuem mais a plantação de café como atividade principal em seus domínios, sendo utilizadas somente para subsistência da própria fazenda e, em alguns casos, a pequena escala de plantação ainda se mantém com objetivo de servir de atrativo para os visitantes que tem acesso a essas propriedades e também para a manutenção de pequenos negócios, como cafeterias e cafés gourmets.

Tal dinâmica configura e dá lugar a uma nova atividade produtiva, ligada principalmente ao setor de serviços, no qual a hospitalidade, que outrora continha um

caráter doméstico, hoje é mesclada com aspectos da hospitalidade comercial, coexistindo ambas em um espaço que era e ainda continua sendo pertencente à família, embora as famílias proprietárias dessas fazendas nem sempre permaneçam residindo nesses locais e pertençam a 4^a ou 5^a gerações da família original.

Nesse contexto, o turismo rural tomou um vulto tão significativo que, várias propriedades aderiram à atividade e muitas delas fazem parte de associações, formatam roteiros e maximizam sua participação dentro do turismo, atuando com a restauração, com atividades de recreação, eventos de negócios, casamentos, turismo pedagógico, cavalgadas, entre outras que fomentam o turismo.

Para o nosso objeto de estudo, foram selecionadas fazendas inseridas na Associação Roteiros de Charme, uma associação nacional que congrega atualmente 51 Hotéis, Pousadas e Refúgios Ecológicos. Fundada em 1992 como entidade privada sem fins lucrativos, seus membros são selecionados anualmente pela variedade de suas características e personalidades independentes, segundo rígidos critérios quanto ao conforto, qualidade de serviços e responsabilidade socioambiental, sempre de forma economicamente viável e sustentável. É uma proposta condizente com produtos referidos de forma variada como "*luxury*", "*thematic hotels*¹", "*wellness*", "*boutique hotels*²" ou,

¹ O conceito de hotéis temáticos se baseia na proposta de oferta desses estabelecimentos. Tal oferta privilegia um determinado tema ou conceito específico, geralmente exótico e que buscam atingir o imaginário dos hóspedes, onde em situações previsíveis, talvez não causariam tanto impacto. Há hotéis de sal, gelo, hotéis de selva, hotelaria para cães e hotéis que funcionam em antigos casarões-sede ou engenho de café.

² O conceito de boutique hotel é muito semelhante ao conceito de hotel de charme, mas com uma ênfase maior nos elementos de arte, individualidade e interatividade. Um boutique hotel deve ter poucos apartamentos, normalmente entre 5 e 50, mas uma infra-estrutura de lazer e serviços que só um hotel maior poderia oferecer, e, ao mesmo tempo, ter grande individualidade.

ainda, que pratiquem uma hotelaria que alia os princípios de "*fair trade*"³, "*slow food*"⁴ e do *trade*⁵ internacional (ética e responsabilidade social).

As fazendas inseridas na Associação Roteiros de Charme foram intencionalmente escolhidas, devido ao fato desta associação se apropriar de diversos elementos que são convertidos e traduzidos em requinte e sofisticação, ao mesmo tempo, se preocupando em cultivar tradições e, no caso do turismo rural, difundindo-o com muito mais charme e elegância, segundo o próprio argumento utilizado pela Associação Roteiros de Charme, pelo qual será possível analisar a dinâmica da espetacularização, perda ou manutenção de costumes e da tradição e, sobretudo, da mercadoria, ou seja, da apropriação de todo esse *mix* simbólico que agora é utilizado para a comercialização.

Dentre as fazendas que compõem a Associação Roteiros de Charme, apenas as localizadas no Estado de São Paulo atendem as características de terem feito parte do ciclo produtivo do café, sendo elas a Fazenda Capoava em Itu e a Fazenda Águas Claras em Itapira, Águas de Lindóia. São importantes propriedades rurais que propiciam ao hóspede a oportunidade de se hospedar e cujo atrativo se constitui no conjunto representado pelo ambiente rural, pela história, pela gastronomia, enfim, pelo patrimônio imaterial e material edificado, com toda arquitetura característica.

A justificativa do estudo se dá pelo fato destas fazendas serem componentes de um patrimônio cultural imaterial e material, remanescentes de um ciclo produtivo de importância determinante, tal como foi o ciclo do café, fortemente representado por relações e ditames familiares dos casarões. Ditames estes que envolviam aspectos da hospitalidade, presentes da dinâmica social e política da época, pautados por regras

³ Trata-se de um conceito ou movimento social que objetiva a prática de preços justos, bem como de padrões sociais e ambientais equilibrados, nas cadeias produtivas. No caso da hotelaria, diz respeito à tarifas condizentes com o serviço prestado e a preocupação de equalizar aspectos sociais, ambientais, econômicos e políticos/legais.

⁴ Movimento internacional que celebra o prazer da alimentação, promovendo uma maior apreciação da comida e preocupação com aspectos nutricionais e sustentáveis da produção do alimento.

⁵ O *trade* turístico é o conjunto de equipamentos da super-estrutura constituintes do produto turístico, tais como meios de hospedagem, bares e restaurantes, centros de convenções e feiras de negócios, agências de viagens e turismo, empresas de transporte, lojas de souvenirs e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente a atividade turística.

familiares e domésticas nas quais a mulher tinha um papel fundamental nesse processo. Esses casarões nos dias de hoje são utilizados para a atividade turística.

Nesse contexto de discussão envolvendo os ambientes rurais, faz-se necessário ressaltar as contradições presentes no universo componente do espaço rural, sendo este indissociável da relação cidade-campo.

Em atendimento a uma tendência do surgimento de produtos cada vez mais segmentados, e ainda, em virtude de constantes desdobramentos referentes à atividade turística que vêm ocorrendo nos últimos vinte anos como, por exemplo, a mudança de foco de um turismo de sol e praia para outras vertentes, é notório o aparecimento de novos tipos de turismo como o turismo rural ou em espaço rural, ainda que a visitação à propriedades rurais seja uma prática antiga e comum no Brasil, com a proposta de melhorar os rendimentos de proprietários rurais e valorizar os modos de vida tradicionais, a ligação com a terra e, em alguns casos a história e o contato harmonioso com o ambiente natural.

É importante lembrar que a vocação do Brasil é potencialmente agrícola, embora apenas 20% da população resida em áreas rurais. Nosso país é equivocadamente urbano, ou seja, essencialmente rural (VEIGA, 2002, p.34).

De acordo com o Ministério do Turismo (2008), o deslocamento voltado para áreas rurais começou a ser encarado com profissionalismo recentemente, apenas a partir da década de 1980, quando algumas propriedades nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, devido às dificuldades do setor agropecuário, resolveram diversificar suas atividades e passaram a receber turistas. Desde então, esse segmento vem crescendo rapidamente pelo país com características diferenciadas.

A partir do final de 1990, esses aspectos positivos do turismo no espaço rural foram amplamente difundidos no Brasil, fazendo com que um significativo número de empreendedores investisse nesse segmento, muitas vezes de forma pouco profissional ou sem o embasamento técnico necessário (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2008).

A prestação de serviços relacionados à hospitalidade em ambientes rurais faz com que as características rurais passem a ser entendidas de outra forma que não apenas focadas na produção primária de alimentos. Segundo Cavaco (1996, p. 95), “não há territórios condenados, mas apenas territórios sem projetos. O desenvolvimento rural não se decreta, se constrói”. É imprescindível, segundo a autora, que se definam estratégias de desenvolvimento local, alargando o conceito de desenvolvimento rural para além do setor agrícola, referenciando desenvolvimento endógeno, ascendente e autocentrado.

A autora ressalta que, além do crescimento econômico, identificado com o aumento global de produção e de riqueza, importa o desenvolvimento, que é simultaneamente econômico, social e territorial, envolvendo processos de mudança estrutural, produção social significativa, redistribuição mais equânime da riqueza, melhoria dos rendimentos, das condições de vida e de expectativa, sobretudo, em grupos sociais menos favorecidos.

Assim, práticas comuns à vida campesina, como o manejo de criações e o cultivo da terra, as manifestações culturais, a culinária, a mulher e o ambiente doméstico, a história e a própria paisagem, passam a ser considerados importantes componentes do produto turístico rural e, conseqüentemente, valorizados e valorados por isso, definindo novas funções para o espaço rural socialmente aceitas e oferecendo oportunidades de emprego, resultando em usos múltiplos dos espaços, diversificando funções e atividades e evocando a idéia de regeneração e definição de novos papéis para o meio rural (CAVACO, 1996, p. 95).

O presente estudo se justifica, portanto, por compreender várias dimensões de análise, sejam elas o meio doméstico mesclado com comercial e as contradições que essa situação carrega, ou seja, o que pode ser comercializado, o rural, o familiar e todos os símbolos que carrega, as ressignificações que ocorrem em virtude de uma adequação de valores, logo, o espetacular e a mercadoria, considerando esse território rural como sendo o lócus onde a hospitalidade, em se produzindo, está fundamentando suas manifestações mais complexas e contraditórias, segundo discute Grinover (2007), reproduzindo uma dinâmica doméstica familiar e social condizente com o que se pretende analisar nesse estudo.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO O OBJETO E A TEMÁTICA DA HOSPITALIDADE

Este capítulo contempla, em uma primeira parte, a descrição do objeto de estudo e a problemática que o envolve, ressaltando a metodologia utilizada e procurando pontuar as características e dimensões da hospitalidade que envolvem nosso objeto de estudo. Posteriormente, será descrita a hospitalidade tal qual a mesma se dava no ambiente das fazendas históricas analisadas. Essa descrição se dará através de uma observação fundamentada na teoria geral e na história.

A segunda parte coloca em discussão as trocas que permeiam a hospitalidade e sua forma de articulação com o meio doméstico, apresentando as diferentes trocas realizadas e a discussão sobre a família.

Na terceira parte deste capítulo as fotos e depoimentos coletados do material de divulgação das fazendas nos serviram de apoio para demonstrar o que de fato motiva intrinsecamente a expressão da hospitalidade comercial contemporânea por parte das fazendas estudadas. Essa análise nos remeteu também ao motivo da busca pelo visitante, quando descreveremos qual a real motivação do turista ao procurar estabelecimentos inseridos em espaços rurais, buscando o entendimento simbólico desse movimento, contrastando-o com a dinâmica familiar existente no ambiente das fazendas, o que se tornará possível através da observação sistemática de campo, complementando e amarrando, dessa forma, as reflexões finais desse estudo.

Procura-se expor, no decorrer desta fase introdutória do capítulo, algumas das questões teóricas que a problemática de pesquisa apresenta. Entre essas grandes questões com que se deve preocupar, destaca-se, de maneira sintética:

- o valor das trocas estabelecidas pela hospitalidade;
- símbolos presentes na hospitalidade, o que de fato é representativo;
- a padronização e a normatização comercial em termos de hospitalidade;
- as relações espaço-tempo nas fazendas.

Descrevendo o objeto e problemática de estudo

A análise da relação simbólica da hospitalidade associada à atividade turística realizada no meio rural, à Associação Roteiros de Charme e à produção e consumo do espaço advindos dessa atividade, leva à crítica da reprodução da hospitalidade.

Uma crítica dentro de uma discussão que leva em conta as variadas dimensões assumidas pela hospitalidade nos tempos de hoje, revelando-se contraditória, em alguns momentos, em termos de intenção, ação e objetivo, em detrimento de uma sociedade consumista, cujas relações se apresentam previsíveis. Ou seja, o que outrora foi considerado dádiva – dar, receber e retribuir, hoje é comercializável, não deixando, necessariamente de se configurar em hospitalidade, entretanto, tomando nuances diversas. Sendo, portanto, tais nuances o que se pretende discutir.

Para a realização de tal análise utilizaremos o método lefebvriano, que prevê três momentos de investigação: o descritivo, o analítico-regressivo e o histórico-genético. Este método, proposto por Lefèbvre, surgiu como uma alternativa aos estudos de sociologia rural, mas pela sua riqueza, mostrou-se adaptável para diversas áreas das ciências sociais.

Embora as concepções da vida, das mudanças e da história sejam apoiadas em extensões de tempo, não significa que serão identificadas a partir da ideia de sucessões de etapas históricas, ou seja, recuperam-se, através deste método de investigação, as temporalidades desencontradas e coexistentes.

O primeiro momento - o **descritivo** - se dá através da observação do objeto de estudo, nesse caso a hospitalidade em fazendas históricas paulistas e a Associação Roteiros de Charme, com o apoio de técnicas de observação sistemática e entrevistas exploratórias.

As entrevistas foram semi-orientadas, no qual o pesquisador de tempos em tempos efetuou uma intervenção para trazer o sujeito de pesquisa aos assuntos que se pretende investigar. Por esta técnica, o sujeito de pesquisa fala mais que o pesquisador, para que este perceba como o entrevistado conduz seu discurso, dispondo este de certa dose de iniciativa, entretanto, orientado pelo pesquisador.

O caderno de campo conterá todas as observações e reflexões que ocorreram durante a execução do trabalho de coleta. Essas observações esclarecerão possíveis mudanças que venham a ser perceptíveis nas entrevistas, além de conter impressões e detalhes da aplicação da técnica, permitindo que seu conteúdo ganhe outro significado.

Segundo Martins (1996, p. 13),

A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. Cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que vê (MARTINS, 1996, p. 13).

Não se trata, portanto, da descrição pura e simples dos fatos, pois isto fatalmente nos levaria a uma análise parcial do fenômeno. Essa descrição, que é a primeira fase do método, se apoiará, sobretudo, em uma discussão acerca do histórico da hospitalidade, desde a hospitalidade doméstica até a hospitalidade comercial contemporânea que ocorre no espaço rural, tomando como mote a análise da dinâmica do núcleo familiar, pois é fundamental se analisar a família para entender as formas e relações sociais que se estabelecem no espaço doméstico e que pautarão o espaço comercial da hospitalidade.

Foi desenvolvida uma análise comparativa das diferenças encontradas nas relações de troca que permeiam a hospitalidade, assim como os diferentes papéis que os componentes do núcleo familiar representam no rural, tanto nas novas e modernas formas e relações, como nas possibilidades do rompimento do homogêneo, do normatizado. Essa discussão encontra-se desenvolvida no primeiro capítulo, quando traçamos a problemática em um nível teórico e a seguir discutimos a materialização das formas de hospitalidade e da dinâmica familiar. Nesta fase do trabalho o tempo ainda não está identificado e o pesquisador procede mais como um etnógrafo (MARTINS, 1996).

O segundo momento é o **analítico-regressivo**, que prevê a análise da realidade descrita, sem fechá-la totalmente, isto é, são consideradas as contradições e as possibilidades observadas no espaço rural no que diz respeito ao turismo rural. Nesta fase nos propusemos a fazer uma discussão acerca da história do rural, da aristocracia rural, das famílias rurais e os papéis de seus membros, efetuando associações com a história das fazendas analisadas e suas famílias. Introduzimos essa discussão nos capítulos II e III, quando procuramos apontar as mudanças e persistências nas relações rurais e contemporâneas.

Apresentamos nos capítulos supracitados (II e III) a hipótese de que a ruralidade pode representar um símbolo da hospitalidade através da apropriação de estruturas, reprodução de um modo de vida característico e das relações familiares estabelecidas, figuras e cenários. Além disso, há também a hipótese de que o turismo se apropria dos significados, do lugar e da paisagem, ressignificando valores e criando um produto, uma mercadoria que lança mão da sofisticação que atende necessidades físicas e psicológicas de

visitantes e, também, todos os envolvidos na atividade das fazendas, cujo meio a qual se lança mão para atingir esses fins é a hospitalidade.

O terceiro momento previsto pelo método é o **histórico-genético**, fase também conhecida como regressiva-progressiva, quando reencontramos o presente já descrito, retomando as modificações assumidas pela hospitalidade e suas relações com o espaço e o tempo rural, discutindo a apropriação simbólica de aspectos da ruralidade com vistas à hospitalidade. Trata-se do momento em que buscaremos a gênese das formações dessas estruturas, apontando um marco geral de transformação sem perder o processo de conjunto. Segundo Lefèbvre (1978), será imprescindível neste método considerar a interação das estruturas, a influência das estruturas recentes sobre as estruturas antigas subordinadas ou integradas às primeiras.

Esta fase final do método está apresentada em uma análise geral das modificações apontadas em todo o estudo, sob a luz da teoria da apropriação do espaço. É quando retomamos o marco de mudança já identificado, ou seja, a mudança das fazendas produtivas-agrícolas em larga escala para produção de serviços requintados e individualizados, reencontrando o presente, procurando ainda apontar as contradições emergentes, traçando as nossas reflexões finais, que foram norteadas pelas questões:

A interação entre anfitrião e hóspede acontece de forma natural, desprendida, sincera, genuína? ou, prevalecem valores pautados no interesse comercial, social ou político? O lar hospitaleiro pode ser visto como refúgio das inquietações cotidianas ainda que prevaleçam diferenças e conflitos sociais? O lar é um conceito criado para o atendimento ao hóspede? O hóspede que busca a vivência simples e singela do campo, em oposição à rotina massacrante urbana, não se depara com um ambiente hostil? Estabelecimentos de hospedagem vêm colecionando, representando "não-lugares", espaços vazios antropologicamente em detrimento da real vivência social? A hospitalidade se vê comprometida, espetacularizada, através do enterro das verdadeiras expressões culturais ou da própria reprodução de um espaço forjado para consumo?

Tomando como base definições de novas funções para o espaço rural, e nova definição de papéis: as ilhas criadas e reproduzidas por esses estabelecimentos de hospedagem promovem o intercâmbio entre os protagonistas rurais e urbanos? A hospitalidade tem permitido construções que extrapolem as socioespaciais? Os estabelecimentos têm se organizado para atender necessidades do consumo ultrapassando o objetivo econômico e atingindo o social (fuga da alienação)? Há ações, por parte dos

estabelecimentos, que contemplam relações de confiança e solidariedade, de comprometimento de reciprocidade, para atingir as bases/premissas da hospitalidade? Como o turismo se apropria dos bens simbólicos para construir ou reproduzir um ambiente hospitaleiro? É possível?

Em nossas reflexões finais, aquilo que se esconde por detrás das imagens visíveis do mundo das mercadorias deverá ser discutido. A ideia central é avançar nas reflexões sobre o tema investigado sem a pretensão de esgotá-lo.

Cumprir apresentar a presente pesquisa como de natureza predominantemente qualitativa, através do estudo do fenômeno em questão, que se pretende atingir o objetivo através de um estudo comparativo/analítico a ser realizado na Fazenda Capoa, em Itu/SP, e na Fazenda Águas Claras, em Itapira/SP. Estas fazendas utilizam suas instalações para hospedagem, oferecendo todos os serviços agregados e complementares.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas; os dados secundários foram coletados mediante a pesquisa documental. A aplicação das entrevistas permitiu aprofundar alguns aspectos para a compreensão do fenômeno estudado; posteriormente, esses resultados foram trabalhados e comparados com os dados documentais e para que fosse possível verificar a fidedignidade de tais relatos buscando a complementaridade entre as demais fontes de dados.

Assim, as entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com membros de todos os níveis hierárquicos organizacionais dos estabelecimentos, incluindo o proprietário, gerente e colaboradores, ou seja, o anfitrião. A entrevista semi-estruturada partiu de um roteiro pré-estabelecido e pré-testado, com certos questionamentos básicos apoiados em toda literatura pesquisada.

As entrevistas se ocuparam em investigar manifestações de elementos da cultura organizacional; das relações de gênero e suas reproduções, da dinâmica das relações de hospitalidade; da dinâmica de apropriação simbólica das relações sociais e culturais; e o comportamento das pessoas desde o visitante/turista, ou seja, o hóspede, passando pelo proprietário (a) e/ou gerente, até os demais colaboradores da empresa, além de analisar que papel assume cada elemento no seio familiar. Essa ação propiciou ao observador a inserção nos costumes e nas práticas familiares que envolvem a dinâmica da hospitalidade, através de um sistema de imersão.

A análise de arquivos, entendida como documentação indireta, através da pesquisa documental e bibliográfica, forneceu subsídios para o estudo. O material coletado

na presente pesquisa englobou documentos da produção midiática municipal, estadual e nacional sobre as fazendas pesquisadas e de documentos fornecidos pela gestão.

Após ter demonstrado como foi trabalhado o método proposto por Henry Lefèbvre, através das suas diversas fases, e apresentado o caminho de nossa pesquisa, faz-se essencial, nesse momento, colocar a nossa tese: a de que a ruralidade enquanto símbolo da hospitalidade rural tem propiciado novas relações de troca e organização espacial no meio rural, e o turismo rural, através da ressignificação do lugar e da paisagem, se apropria dos simbolismos da hospitalidade para então gerar um produto/mercadoria que atenda as necessidades físicas e psicológicas dos visitantes, cujo espaço se apresenta como materialidade dessas relações sociais e acaba demonstrando algumas tendências nesse meio rural, no interior do estado de São Paulo.

Partindo de um ponto específico de análise, as relações de consumo da atividade turística passam a ser, cada vez mais, padronizadas. A própria concepção do “Roteiros de Charme” revela isso. A hospitalidade passa a ser mais instrumental, pois se baseia em trocas monetárias, tomando como ponto de partida símbolos singulares que cada estabelecimento tem para oferecer, uma vez que a contemporaneidade impõe essa situação às relações de hospitalidade, cuja mudança de valores e necessidade é determinante. Entretanto, a discussão busca não desconsiderar a humanização dessa atividade, a necessidade da familiaridade, da proximidade das relações e do sentimento familiar, que há tempos permeou a dinâmica dos casarões, solares e fazendas.

Fica-nos evidente, após a colocação de nossa tese, que em se tratando das fazendas históricas, casarões e solares enquanto possíveis equipamentos a serem considerados na atividade turística, destaca-se a importância da noção de patrimônio familiar, que integra tanto a propriedade fundiária quanto as relações de solidariedade e de afetividade como variáveis de construção dessa nova hospitalidade rural, ou seja, operacionalizar as práticas sociais e transformá-las em força de atração. Por isso o título de nossa tese: Análise da relação simbólica da hospitalidade: desdobramentos e apropriações em fazendas históricas inseridas em espaços rurais, que agora passamos a desenvolver.

1.1. A hospitalidade e seus domínios: uma discussão conceitual

Entende-se por hospitalidade, dentre tantos outros significados e, considerando seu caráter polissêmico, o bem receber, que caracteriza a estada feliz de um hóspede em uma localidade ou estabelecimento.

A hospitalidade, por envolver questões da tradição, de raízes familiares e culturais, leva, entre outras coisas, à questão da qualidade e do bem estar pessoal. Para Camargo (2004, p.30), “o termo hospitalidade é pleno de ambigüidades”, ou seja, algo que não pode ser conceituado facilmente.

[...] Um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não verbais ou de conteúdos verbais, que constituem fórmulas virtuais que variam de grupo social para grupo social, mas que ao final, são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano (CAMARGO, 2004, p. 31).

Pode também ser entendida como “a interação de seres humanos em tempos e espaços planejados para tal” (CAMARGO, 2004, p.32). Seu conceito vai além do “receber bem” e da cordialidade.

Em termos sociais, a hospitalidade é um processo de agregação do ser humano à comunidade, permitindo diversas associações, tendo como base seus símbolos representativos, que criam possibilidades para a hospitalidade ser exercida.

Associando-a, por exemplo, à gastronomia, o rito de sentar-se à mesa representa o estreitamento de laços, possibilidades de interação e, ainda, momento de troca não apenas comercial, mas em muito, social (TELFER, 2004; SAVARIN, 2005). Há tempos os homens compartilham a comida e o fogo, pelo qual surge o hábito de as pessoas se unirem no momento das refeições. Até hoje existem grandes festas populares cujo principal atrativo é a refeição e comidas típicas, celebrando-se assim, a cultura e os hábitos locais (VISSER, 1998).

Partindo de seu sentido principal, o de bem-receber e o de como receber, abrange ainda todos os serviços e operações necessárias para que a experiência do hóspede/visitante se torne genuína, única, memorável. Entretanto, vários estudiosos (GRINOVER, 2007; LASHLEY e MORRISON, 2004; CAMARGO, 2004; TELFER, 2004; WALTON, 2004) exploram esse conceito das mais diversas formas, associando-o às relações de troca, vivências antropológicas, à cultura dominante, à cultura da alimentação, à presença crucial da mulher, à constituição do espaço, à ruralidade, à música e às estruturas urbanas e

espaciais que extrapolam e muito o espaço físico e do equipamento, propriamente dito, onde a hospedagem ocorre.

Em atendimento à tríade dar, receber e retribuir, discutida por Camargo (2004), as formas da troca social apresentam, por um lado, um caráter abstrato, representando a coisa em si, objetivada como produto, objeto, etc. Por outro lado, elas engendram uma subjetividade que emerge da relação entre os homens, traduzindo-se em relações contratuais. Nesse sentido, as relações de troca não são apenas atos que envolvem coisas, objetos, mas sim valores, sentimentos e consentimentos que implicam reciprocidade (OLIVEIRA e MORAIS, 1996).

Dentro dessa mesma linha do conceito de hospitalidade e, retomando o entendimento do produto hospedagem, há que se levar em conta que produtos são sentimentos que pressupõem produções simbólicas de retomada às referências pessoais e ancestrais de cada indivíduo, ou seja, um movimento que supõe deslocar o cotidianizado e encontrar o exótico no que está em nós sedimentado pelos mecanismos de legitimação e pela reificação como, por exemplo, referências da história e da natureza, entre outros.

Neste caso, a publicidade seria um meio de fazer com que o produto adquira identidade, fazendo com que ele entre no circuito de cada indivíduo, no simbólico, através de um sistema mágico-totêmico, organizando a complementaridade entre natureza e cultura. Segundo Geertz (1989),

O homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravada em seu corpo lança uma luz muito difusa. Não dirigido por padrões culturais — sistemas organizados de símbolos significantes — o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela — a principal base de sua especificidade (GEERTZ, 1989, p. 33).

Enfim, considerando as diferentes formas de uma organização buscar mudança social/cultural e reprodução de espaço/lugares, uma delas é atuar com atividades baseadas no simbólico, na arte, por exemplo. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2001), bem estar social e econômico são inseparáveis. Além disso, pode-se notar que muitos empreendimentos, sobretudo os turísticos, fortalecem e/ou desenvolvem a identidade cultural e conseguem tornar tangíveis

alguns dos resultados através de, por exemplo, resgate de manifestações populares e históricas, incentivando-as ao desenvolvimento e manutenção.

A hospitalidade entra nesse contexto. Vista como um processo histórico, resultado de variações e adaptações culturais, é definida por seu caráter mutável e particular, descansando em um palco repleto de conflitos e dualismos, representados por suas origens, símbolos e cultura. O espaço, então vivenciado pela hospitalidade, revela, portanto, no conteúdo de suas formas, as mesmas contradições que o produziram. Essas, por sua vez, geravam também as condições de reprodução das relações sociais. Nesse sentido, o espaço é resultado e, ao mesmo tempo, condição da reprodução social.

Segundo Lefèbvre (1974), o espaço atua como força e meio de produção - relações entre forma, estrutura e função, gerando produtos. Um espaço de consumo coletivo seria, por exemplo, as áreas verdes e, o espaço como objeto de consumo, o turismo. Para Santos (1986, p.38), a ideia central da interpretação da produção do espaço situa-se na combinação simultânea entre a forma, a estrutura e a função. Isso porque, “os movimentos da totalidade social modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram processos e incitam funções”, baseando-se na concepção estruturalista da sociedade como um sistema de relações (LÉVI-STRAUSS, 1967).

Seguindo essa linha de pensamento, a hospitalidade pode ser concebida como um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade, conforme discutido por Lashley e Morrison (2004, p.5), “a partilha e a troca dos frutos do trabalho, junto com a mutualidade e a reciprocidade, associadas originalmente à caça e à coleta de alimentos, são a essência da organização coletiva e do senso de comunidade”.

Faz-se necessário, dessa forma, definir a hospitalidade de uma forma ampla, relacionada aos domínios social, privado e comercial.

O cenário doméstico de oferta de hospitalidade pode ser o foro para o inter-relacionamento entre os espaços doméstico e social. A recepção de hóspedes em ambientes domésticos proporciona a oportunidade de situar o indivíduo e a família no contexto da civilidade.

Durante o tempo do plantio do café, nos séculos XVIII e XIX, era possível observar que no ambiente das fazendas era de praxe receber visitantes e hospedá-los na casa grande, fomentando um espaço de trocas e relação social que promovia o estreitamento de laços por motivos de amizade e, sobretudo, comerciais. Ou seja, havia uma regra implícita que remetia ao referido contexto de civilidade, culminando em uma troca de favores entre as

partes, ainda que estes favores extrapolassem a seara subjetiva: não existia pagamento propriamente dito por estar sendo hospedado, entretanto, havia um acordo de boas maneiras, de dever simbólico.

Era possível observar as tocas estabelecidas pela hospitalidade também em se tratando do recebimento de imigrantes nas fazendas, quando estes chegavam para trabalhar e recebiam, além do seu ordenado combinado, acomodação e alimentação, o que veio a se transformar em casas de colonos e que hoje são utilizadas como unidades habitacionais, oferecidas comercialmente no ambiente das propriedades e adaptadas para compor o produto turístico ofertado no pacote de hospedagem dessas fazendas históricas, como é possível observar na Foto 1.



Foto 1: Chalé Colônia adaptado para o turismo, representando hoje uma unidade habitacional

Fonte: Fazenda Capoava, 2010.

Acompanhando o mesmo objetivo das casas de colonos, transformadas e adaptadas para a função contemporânea de unidades habitacionais dessas fazendas turísticas, é possível também observar a reutilização das senzalas, outrora construídas para aprisionar os escravos, e hoje, vendidas, paradoxalmente, com argumento de conforto e aconchego, como se verifica na Foto 2. Ademais, há a separação entre senzala padrão e senzala *loft*,

onde os quartos mantêm a originalidade de um único cômodo sem divisão, retomando o argumento do requintado através da tipicidade *loft*⁶ (Foto 3).



Foto 2: Antiga senzala doméstica restaurada com as características originais da época colonial, de taipa de pilão.

Fonte: Fazenda Capoava, 2010.

⁶ O nome *loft* se refere a mezanino, mansarda, sótão ou espaço semelhante (geralmente usado para armazenagem) sem repartições, situado logo abaixo do teto de uma casa, fábrica, celeiro, galpão ou armazém. Seu uso na arquitetura pode ser encontrado desde o século XIII, na expressão *hayloft*, que é um depósito de feno situado em mezanino de celeiros, sendo também usado como alojamento de empregados da fazenda. O conceito de *loft* urbano foi consagrado mundialmente, com a reutilização de grandes espaços industriais de Nova Iorque. Tãmanha foi a repercussão desta época, que hoje, muitos dos apreciadores da vida em *lofts*, atribuem seu local de nascimento a Nova Iorque, ignorando suas origens rurais. Guardadas as devidas proporções, os *lofts* representavam um espaço residencial diferenciado, que só encontrava paralelo nos sofisticados apartamentos de cobertura. Dentre suas características podemos ressaltar que comumente se situam em mezaninos, tem o pé direito elevado (geralmente duplo), plano aberto, planta livre, sala e cozinha integrados, e na maioria dos casos, grandes áreas envidraçadas e ausência de divisões tanto verticais, como horizontais. O conceito de *loft* continua evoluindo, incorporando novos elementos tais como, eficiência energética, sustentabilidade, *design* universal e acessibilidade.



Foto 3: Amplo e único chalé, que acomoda no mesmo espaço quarto de casal, rede e sala de TV.

Fonte: Fazenda Capoava, 2010

Importante destacar que, a senzala de outrora se encaixa hoje no moderno conceito do *loft*, com características modernas no que diz respeito à arquitetura, *design* e eficiência em termos de espaço/distribuição, atendendo necessidades nunca antes existentes ou pensadas, refletindo a grande capacidade de adaptação e apropriação ao negócio, ao comércio, ao atendimento.

Em certa medida, os hóspedes desempenham um papel na condução e na atuação dos gestores de negócio da hospitalidade. Do ponto de vista do anfitrião/gestor, essas estruturas oferecem oportunidade para o convite, a exposição social, o desenvolvimento de relações sociais e a satisfação de necessidades sociais e de *status*. A recepção de hóspedes, portanto, desempenha papéis sociais importantes na vinculação de indivíduos e grupos, na interação social dos envolvidos e das famílias.

No caso das fazendas foco desse estudo, diríamos que atualmente a hospitalidade, tal como descrita e explorada pela literatura científica, se expressa das mais variadas formas. A grande questão que se revela contraditória quando nos referimos à hospitalidade

e se seria possível coexistirem a domesticidade da hospitalidade ainda que seu caráter seja comercial.

Ao observarmos, por exemplo, as dependências da Fazenda Capoava, percebemos que foi necessário que esta passasse por uma adaptação estrutural para os fins de receber o turista, entretanto, essa mudança não se apresenta tão significativa, pois várias dependências da casa grande permanecem originais, visto que a hospitalidade era presente nos tempos áureos do café. Ademais, à medida que ocorre o atendimento da necessidade do hóspede com qualidade, de forma profissional e suas expectativas nesse sentido são superadas, digamos que há expressão da hospitalidade, ainda que o argumento de troca seja a moeda, pois nesse momento, pode coexistir a troca social representada, por exemplo, por uma boa relação entre anfitrião e hóspede, um momento de fruição cultural ou histórica que não estava previsto no valor da diária cobrada pela hospedagem.

As estruturas das fazendas foram pensadas também para receber as pessoas, acontecendo a dinâmica das relações sociais, familiares ou de negócios, cujos alpendres, pergolados, grandes e amplas salas e, até mesmo, capelas representavam o espaço onde então se recebia, atendia demandas, firmavam contratos, enfim, acontecia a dinâmica da vida nas fazendas.

Interessante notar que nos dias de hoje, alteram-se as necessidades e os propósitos, mas as estruturas adaptadas atendem sobremaneira à arte de receber, de servir, de atender, enfim, de ser hospitaleiro.

Adiante, a discussão a respeito da domesticidade das fazendas dará sequência ao entendimento da dinâmica da vida no meio rural, tendo como amparo a vida nos casarões, culminando no contraponto entre a hospitalidade comercial.

1.2. Hospitalidade doméstica: a família e sua dinâmica no ambiente das fazendas

Para que haja um entendimento a respeito da dinâmica da hospitalidade doméstica é necessária uma discussão sobre a casa e sobre o espaço doméstico. Iniciamos nossa discussão fazendo um pequeno contraponto entre o privado e o público.

Na visão de Da Matta (1991, p. 31), o Brasil e a sociedade brasileira representam uma grande família, com um lugar para todos. “A casa, considerada num sentido amplo, é o espaço privado por excelência, onde estão “os nossos”, que devem ser protegidos e favorecidos”. Entretanto, Da Matta (1991) também discute sobre a questão do dualismo, fortemente presente na essência da hospitalidade, carregada de contradições e hostilidades, como faces da mesma moeda, ou seja, a hostilidade é inerente à expressão da hospitalidade.

A hostilidade poderia ser entendida aqui como um não cumprimento, por parte do hóspede, das regras e normas impostas por cada espaço doméstico, regidas pelo anfitrião. Por exemplo, o hóspede ter que se adequar aos horários do anfitrião, aos seus costumes e hábitos alimentares, entre outros.

Ampliando essa análise em termos públicos *versus* privados, em se tratando da dinâmica casa *versus* rua e, ao analisarmos o homem, há que se levar em conta duas perspectivas: uma do indivíduo (a vertente institucionalista) e uma da pessoa (a vertente culturalista). Ao fundir as duas perspectivas dentro de um mesmo referencial teórico, Jessé Souza (2001) ressalta que Da Matta acredita ter percebido a gramática profunda do universo social do brasileiro, levando-nos a crer que, impor e infringir regras trata-se de uma característica humana/social:

Essa gramática social profunda, no caso brasileiro, apresenta uma peculiaridade: ela é dual (ao contrário da dos Estados Unidos, por exemplo, que seria unitária) e composta por dois princípios antagônicos, o indivíduo das relações impessoais e a pessoa das relações de compadrio e de amizade (...) Sabemos que em sociedades modernas os dois poderes impessoais mais importantes são o Estado e o mercado capitalistas. Essas são também as instituições que Da Matta tem em mente quando se refere ao mundo competitivo, hostil, das regras gerais e impessoais associadas à competição capitalista e ao aparelho repressivo do Estado. Em oposição a este mundo teríamos o mundo da casa, onde as relações se regem pela afetividade e todos são supercidadãos. Esse seria o lugar onde os brasileiros se sentiriam bem e onde poderiam desenvolver sua decantada cordialidade. (SOUZA, 2001, p.51).

Dessa forma, Da Matta (1991), que discute sobre a individualidade, a sociedade e as relações sociais, retoma e atualiza o conceito de homem cordial de Holanda (1997), fundamental ao exercício da hospitalidade, que neste contexto, é associado a patrimonialismo. Aqui, Holanda discute que o homem compõe a esfera familiar, onde é possível encontrar e vivenciar o aconchego e as formas emotivas de tratar o próximo. Entretanto, há uma certa confusão quando se transfere essa discussão para a esfera do Estado, pois, esse mesmo homem doméstico e acostumado e envolvido com os laços familiares de afeto, passa a confundir o que é privado e o que é público.

Interessante notar que essa confusão a respeito do que é público do que é privado adentra também a esfera da hospitalidade, pois, em tempos remotos, a hospitalidade era pautada por regras familiares, domésticas e privadas, sendo mais tarde, adaptada para fins comerciais, onde muitas vezes o indivíduo lança mão de uma máscara de homem cordial e, por detrás, o que há de fato, são adequações e representações de ritos e costumes, além é claro, de interesses utilitários ou econômicos.

Discutindo-se inicialmente sobre o sistema privado, tem-se na família a base do sistema produtivo e a unidade doméstica, tanto em sociedades tradicionais quanto industriais e a forma como se dão as operações na unidade doméstica, através da divisão do trabalho entre os gêneros, define os papéis dentro do lar, podendo ser reproduzida no momento da realização da atividade turística, quando da presença do visitante em alguns desses ambientes domésticos.

Baseada nos estudos de Lévi-Strauss, Sarti (1996) discute sobre a questão de que a família é impensável sem a noção de troca e de reciprocidade, bases essenciais da hospitalidade. Considerar outras relações além da família consanguínea significa a abertura para a troca e a comunicação com o outro, a verdadeira possibilidade da humanidade desenvolver-se culturalmente. Esta troca que funda a família é, ao mesmo tempo, o ato fundador da sociedade humana (SARTI, 1996).

Nesse caso, justifica-se e há que se reforçar a importância das trocas para o engrandecimento humano, enxergando a família sob um ângulo que permite vê-la para além de suas próprias fronteiras biológicas, acontecendo quando membros familiares se abrem para o externo. Essa abertura se dá não somente com a saída de um integrante do que se configura o espaço familiar, mas também quando um estrangeiro adentra o ambiente doméstico, do lar, propriamente dito. Aqui, temos o início das possibilidades de expressão

da hospitalidade, a partir do momento que os comportamentos e atitudes são trocados e, de certa forma, negociados.

A família, portanto, é vista como um sistema de relações, atento às regras que ditam essas relações, regendo, portanto, as trocas, sendo estas expressas pelas palavras, pelas mercadorias e pelo papel desempenhado, sobretudo, pelas mulheres.

A noção de sociedade é introduzida por Marcel Mauss (1974) no Ensaio sobre a dádiva. A vida social para Mauss é pensada, segundo Lévi-Strauss, como um mundo de relações simbólicas, definindo a sociedade como um sistema de relações, de trocas recíprocas e circulares

De acordo com Sarti (1996), dentro deste quadro de referências teórico:

A família, como a linguagem, constitui uma estrutura fundada no princípio da aliança, uma das formas fundamentais pelas quais os homens se comunicam. É neste sentido que a análise da família, pensada como uma linguagem, suscita a análise estruturalista do social, concebido como sistema de comunicação, sem que a reflexão incida sobre a família naquilo que lhe é próprio e a singulariza como instituição social. (SARTI, 1996, p.46).

Segundo Holanda (1997), um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável e absorvente do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados ‘contatos primários’, dos laços de sangue e coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Segundo o autor, “Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas” (HOLANDA, 1997, p.146).

Em se tratando da dinâmica das famílias coloniais, há que se ressaltar as revisões da noção de família patriarcal, tanto de uma perspectiva histórica que aponta a existência de arranjos familiares alternativos à família senhorial; quanto, e ao mesmo tempo, a denúncia da leitura da história a partir de um olhar do dominante e através da generalização equivocada de um tipo de família regional a todo o país, embora característica para a sociedade colonial circunscrita ao ambiente rural, desde que aceita pela historiografia foi utilizada como um exemplo válido para toda a sociedade brasileira.

Desta maneira confundiram-se aí vários conceitos: o de família brasileira, que passou a ser sinônimo de patriarcal, e mesmo o de família patriarcal, que passou a ser usado como sinônimo de família extensa. Nessa mesma

perspectiva, ainda genericamente falando, família e parentesco passam a ter significado comum (SAMARA, 1986, p.12 e 13).

Gilberto Freyre (1994) descreve a família patriarcal colonial brasileira em Casa Grande & Senzala, família esta chefiada por um patriarca que detém poder sobre seus filhos e esposa e também sobre parentes, agregados e escravos, constituindo uma extensa família. Segundo o autor, esta imagem acabou sendo hegemônica quanto à caracterização do que seria a família no período colonial brasileiro. É que, para Freyre, esta família não é apenas, nem prioritariamente, esfera de vivência da autoridade e afetividade entre seus membros, mas ao mesmo tempo unidade política, econômica e social que terá um papel fundamental na definição de nossa história:

Vivo e absorvente órgão da formação social brasileira, a família colonial reuniu, sobre a base econômica da riqueza agrícola e do trabalho escravo, uma variedade de funções sociais e econômicas. Inclusive, como já insinuamos, a do mando político: ou oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou. (FREYRE, 1994, p.22).

Para Sâmara (1986) por muito tempo vigorou um consenso em torno da ideia de que “a família brasileira era uma vasta parentela que se expandia, verticalmente, através da miscigenação e, horizontalmente, pelos casamentos entre a elite branca” (1986, p.13), o que é contradito pelo resgate da história da família paulista, especialmente nos séculos XVIII e XIX, conforme nos lembra Itaboraí (2005):

Este tipo de família patriarcal e extensa não era dominante, e sim conviviam diversas formas de organização das relações familiares: famílias nucleares, celibato, concubinato, casamentos consangüíneos, filhos ilegítimos, compadrio, etc., predominando as famílias nucleares mais simples e com menor número de filhos. A família patriarcal, rural, escravista e poligâmica, tal como na representação dominante do período colonial brasileiro, deve ser nosso ponto de partida, para pensar a evolução para uma família nuclear moderna, também uma representação dominante, onde se separam público e privado, produção e reprodução/consumo. (ITABORAI, 2005, p.174).

De fato, estes estudos representam um avanço na tradição que trata das famílias populares urbanas com base em um referencial exclusivamente externo. Isto por descrever com originalidade o modo de vida das famílias trabalhadoras e tratá-las como tendo uma dinâmica própria e não como mero espelho dos mecanismos sociais externos (FAUSTO NETO, 1982).

Ao associarmos o estudo da família à hospitalidade doméstica, aquela possui grande força de referência moral. A família não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua experiência do mundo (SARTI, 1996).

Esse parâmetro pode ser facilmente identificado na relação anfitrião-hóspede, sendo que este último, em alguns casos, busca encontrar no ambiente das fazendas o seio familiar, o aconchego e a segurança expressa pelo lar, ou pelo menos do que se tem como ideal de lar. Há, nesse caso, uma socialização do esforço para a reprodução do grupo. Para tal, os padrões de relacionamentos são, segundo Zaluar (1994), centrados na solidariedade.

É possível perceber que os ambientes das fazendas propiciam esse convívio e essa interação através de seus espaços, não somente os construídos outrora e adaptados hoje, mas também os recriados subjetivamente, ou seja, aqueles espaços que não representavam espaços de aconchego, mas, ao contrário, espaços hostis, de duro trabalho e regras pré-estabelecidas. Aqui temos mais um exemplo da hostilidade expressa na hospitalidade, ou seja, espaços que não refletem a realidade vivida, a dinâmica diária da casa e, recriados, são capazes de propiciar uma atmosfera atraente para o visitante, o mesmo podendo ocorrer com localidades, cidades e hotéis, dependendo do foco de análise.

Como exemplo podemos citar as senzalas, as tulhas, as cocheiras e os pergolados, estes últimos certamente utilizados como ponto de saída e retorno para o pasto, onde se lidava com os animais, por sua capacidade de proteção solar e filtro de intensa luminosidade. Hoje, garantem espaço de socialização e trocas simbólicas entre os visitantes, hóspedes e anfitriões, tal como observado nas fotos dispostas a seguir:



Foto 4:Pergolado

Fonte: Fazenda Capoava, 2010.

Para referendar as trocas e possibilidades de socialização vivenciadas, vários são os depoimentos retirados do site da Fazenda Capoava que refletem a satisfação do hóspede e o sentimento de acolhimento experimentado:

Capoava reúne gente simpática, bom papo, cerveja gelada, beleza natural e comida brasileira de primeira. A hospitalidade e acolhimento são ingredientes que a diferenciam de qualquer outro hotel do gênero. Lá você se sente em casa....Ou melhor, na sua própria Fazenda !!!! Parabéns a todos que fazem Capoava ser o que é !!! (...) O Hotel Fazenda Capoava é tudo isso, sim: hotel requintado, parte do Roteiro de Charme, cozinha magnífica, uma paisagem natural deslumbrante, com mil e uma atividades; mas o Hotel Fazenda Capoava é sobretudo uma extensão da casa da gente, pela qualidade do atendimento e pelos detalhes ricos, evidentes em cada canto. Nada se compara ao pôr do sol na Capoava depois de um dia cheio. (FAZENDA CAPOAVA, 2010).



Foto 5: Bar da Cocheira

Fonte: Fazenda Capoava, 2010

Difícil colocar em palavras o que a Fazenda Capoava significa para mim e para minha família...frequento a fazenda há 4 anos e ela tornou-se praticamente a nossa casa de campo! Fizemos amizade com todos do hotel e todas as vezes que lá estamos, nos sentimos no meio de verdadeiros amigos, acolhidos com muito carinho. Tenho certeza que meus filhos, quando adultos, se lembrarão da Fazenda com saudades dos momentos intensos, bonitos e verdadeiros que passamos juntos lá (...) A Fazenda Capoava foi uma grande descoberta (de minha parte). Fazenda típica do Estado de São Paulo, da época dos Bandeirantes, com um ambiente com muito verde, matas e lagos, um descanso para a mente e para os olhos. A culinária é outro ponto de destaque da fazenda, com ênfase nos pratos típicos paulistanos. Para quem gosta de andar a cavalo e passar o dia ao ar livre (como eu), a dica é não deixar de conhecer e se hospedar na Fazenda Capoava. Outra recomendação: estar ao final da tarde no bar da Cocheira com amigos saboreando uma boa prosa e o visual da mata e lagos. Imperdível! (a apenas 100km de São Paulo!). (FAZENDA CAPOAVA, 2010).



Foto 6: Sala de Estar
 Fonte: site Fazenda Capoava, 2010.

A Capoava é sinônimo de alegria para mim e minha filha! Passamos e continuamos passando momentos inesquecíveis na Capoava! (...) A Fazenda Capoava só me faz lembrar de: amigos, comida boa, lazer, muito Sol, passeios de bike, caminhadas, batida de côco com raspinhas na piscina, além de muita diversão e natureza maravilhosa! É um lugar que pretendo voltar sempre, já faz parte da minha vida. (FAZENDA CAPOAVA, 2010).

A partir desses depoimentos, é possível perceber que os hóspedes buscam na fazenda o aconchego do lar, à medida que relatam que se sentem casa e que as pessoas e o lugar são hospitaleiros. A comida, como símbolo de hospitalidade, também é ressaltada, seu feitio, seu tempero e seu modo carinhoso de elaboração.

A Associação Roteiros de Charme também é lembrada, cujo requinte também é algo de valor para os hóspedes, refletindo o serviço de qualidade, que não perde por ser rústico, pelo contrário, a rusticidade é que garante a atratividade.

Interessante notar também que a fazenda é tida como uma referencia para a família, sobretudo para as crianças que certamente guardarão na memória os momentos e o tempo que passaram na fazenda, fazendo com que desenvolvam essa motivação para sempre retornar, futuramente, com suas famílias e suas respectivas crianças.

A curta distância da cidade de São Paulo também é um ponto forte que é ressaltado pelos hóspedes, assim como o ambiente natural, repleto de verde, animais e ar puro, contrapondo a dinâmica frenética da cidade grande, caótica, poluída e de um tempo acelerado, fazendo com que as pessoas declarem que a fazenda já faz parte da vida delas.

Outro ponto de relevância é a oportunidade de socialização tida na fazenda, que a cidade grande, em parte, suprimiu, além do fato de poderem estreitar laços com a sua própria família e fazer novos amigos.

As fotos revelam um ambiente aconchegante, sempre com muitas pessoas reunidas, alegres, rindo satisfeitas, onde a solidão não tem lugar. O ambiente da lareira e a presença do violão também refletem a socialização, a descontração e o propósito da reunião, selado pelo fogo, pela alimentação, pela música, pelo calor. Aqui, é necessário destacar uma análise que não pode deixar de ser levada em conta: o fato destas fotos e depoimentos estarem dispostos no site da Capoava, para que novamente se tenha um argumento de atração, onde o visitante encontrará um local hospitaleiro, onde não há lugar para a tristeza e onde suas necessidades de acolhimento e desejo de ser servido serão atendidos, todavia, há um custo.

A fazenda Águas Claras adota uma outra postura em relação à fotos, divulgação e até mesmo coleta de depoimentos de visitantes. Ao analisarmos o site, e, posteriormente, com o complemento do trabalho de campo que será descrito adiante, foi possível perceber que os gestores preferem manter a fazenda e sua dinâmica como algo a revelar, ou seja, a ser revelado pelo visitante/hóspede, uma vez que não há banco de fotos ou imagens, sendo estas bem pequenas, em menor número, dispostas apenas a título de orientação. Não há, da mesma forma, depoimentos descritos, o que nos leva a crer que os gestores preferem que as impressões sejam tidas como novidade, pois talvez, os depoimentos e fotos poderiam orientar olhares e sentimentos do hóspede.

No próximo item, o trabalho pretende discutir acerca da hospitalidade comercial, apresentando como esse domínio comercial se reflete nas Fazendas Capoava e Águas Claras, ressaltando sua estrutura e sua dinâmica.

Hospitalidade comercial: a estrutura nas fazendas

Para iniciar as discussões acerca do comércio da hospitalidade dentro do contexto do turismo, é importante que se pontue a respeito do lazer, uma vez que este se apresenta como grande motivador do deslocamento, cujos estudos e reflexões nos ajudarão a compreender melhor o fenômeno do turismo e, conseqüentemente, da hospitalidade e sua adaptação nos dias de hoje.

As manifestações do lazer são particularmente importantes para estudar a vida humana em sociedade, destacando os significados que nem sempre são tão claros ao eleger-se outro objeto. O lazer é mais do que sobrevivência e conforto, inserindo-se no contexto mais amplo e complexo da vida cultural do sujeito social e das formas subjetivas de decodificação das ações e influências do meio em questão.

Quando o lazer começa a aparecer como fator central da economia moderna, o mercado pós-industrial consome ideias e demanda uma capacidade criativa interminável. Esta capacidade criativa pode ser incrementada, então, pelo lazer, que permite a regeneração da mente, assim como o descanso físico permite a regeneração dos músculos.

Na sociedade em devir, o lazer aparece como uma realidade multipresente ou uma ilusão “ideologizada”. É o tempo da mais livre expressão de si ou o da pior manipulação ou representação da pessoa. O lazer é anunciado como o futuro substituto do trabalho alienado, ou o trabalho reformado deve reduzi-lo cada vez mais a um passatempo mais ou menos tedioso. Ele será o tempo de uma auto-formação permanente e voluntária muito mais séria que a formação imposta pela escola. (DUMAZEDIER, 1999).

Para alguns, o lazer, que se situaria fora do campo da “necessidade”, seria o fundamento autônomo de uma teoria de liberdade. Para outros, ao contrário, seria por demais dependente para ser o fundamento de uma teoria qualquer. Celebrado como a arma privilegiada de uma civilização que valorizaria a expressão da personalidade, é criticado por outros como o acontecimento artificial de uma sociedade doente. (DUMAZEDIER, 1999).

Fala-se muito que a sociedade contemporânea seria hedonista ou voltada para o prazer, entretanto, talvez a verdade seja justamente o contrário. Segundo Gutierrez (2000), podemos estar falando de uma sociedade cercada por opções fugazes de prazer, para as quais não há nenhuma garantia de realização. Uma sociedade fundamentada no prazer

ameaçado, na chantagem da interrupção de qualquer experiência prazerosa, só pode desembocar na angústia. (GUTIERREZ, 2000).

O prazer é uma construção social, uma estrutura social assimétrica, política, com acessos diferenciados aos bens materiais e simbólicos – as atividades de lazer serão influenciadas pelas definições culturais sociais e limitadas pela posição individual e sua possibilidade de sentir é pessoal, ou seja, o lazer ilustra as interfaces entre racional e emocional, indivíduo e subjetividade. Segundo Gutierrez (2000):

Isto significa afirmar que o lazer apresenta, ao mesmo tempo, a complementaridade essencial entre o racional e o emocional do homem, entre o subjetivo e o coletivo e, ainda, entre os diferentes momentos de cada vida individual com relação a si mesma, tudo isto manifestado nos limites de dada formação social. (GUTIERREZ, 2001, pg. 62).

Corroborando com a colocação de Gutierrez (2000), Bacal (2003) ressalta que “A formação cultural define maneiras distintas de sentir, pensar, agir e valorizar o mundo que nos cerca, ou seja, a atitude frente às características do ambiente – material e imaterial – é reflexo da realidade culturalmente definida”. (BACAL, 2003, pg. 97).

A mediação do mercado condiciona e atravessa todos os setores da vida cultural, e, todos os campos estão subordinados a um apelo ao prazer e ao lúdico. A transformação da cultura em mercadoria e sua correspondente massificação e consumo como atividade de lazer terminam por delimitar um campo particularmente rico para a percepção das contradições e tensões contemporâneas. É um espaço no qual se associa a liberdade inerente ao pequeno impacto político nas relações efetivas de poder, com a necessidade do sucesso nas vendas.

O consumo acaba por determinar, de certa forma, o lazer e o turismo, cujo grande facilitador desse processo é a mercantilização das relações, com a subordinação ao mercado invasor. Ou seja, o capitalismo nunca entra em crise, ele se transforma e o homem urbano é sempre formatado para consumir.

As pessoas tornaram-se consumidoras de mercadorias no seu tempo de lazer, reforçados pelo poder discursivo da mídia, que é um dos responsáveis pela propagação da ilusão de que as sensações e experiências também podem ser compradas. A prática do consumo não se dá apenas pela compra de determinados objetos, mas também símbolos, significações, serviços e informações (ações e produções simbólicas). (BAUDRILLARD, 1991).

Entretanto, nessas relações, intermediadas pela máquina nesse tempo da repetição, do cotidiano, existem contradições que afloram e por isso a rotina alienadora do viver produtivista da fábrica ao trabalho nunca é total, pois há os momentos escape. Esses momentos poderiam ser aqueles em que nos finais de semana a família busca um local mais tranquilo, que lhe propicie uma interação com outra paisagem, diferente da que vivencia todos os dias em seu cotidiano, agregando essa experiência à possibilidade de socialização e fuga da rotina. Aqui, nesse momento, é possível verificar o grande deslocamento dessas pessoas para as fazendas rurais.

É o momento de saborear um delicioso almoço com receitas antigas de avó, sentar-se com a família toda reunida e conversar, brincar, saborear a comida sem pressa. Por mais banal que pareça esta cena, ela representa atualmente um momento do possível, do criativo no cotidiano da metrópole e daquelas famílias em que os pais trabalham e os filhos estudam.

O que tem acontecido é que os momentos das refeições, que sempre representaram relações de sociabilidade, com mudanças nos hábitos de consumo de alimentação, perderam esses laço. Quando a família se reunia ao redor da mesa para realizar suas refeições diárias, acontecia um momento de fortalecimento da sociabilidade, o que no ambiente das fazendas, é perfeitamente possível. Sentar-se à mesa, desde os tempos memoriais da antiguidade, significava estreitamento de laços de amizade e do coletivo, pois, ao se abater uma grande presa, por falta de condições e desconhecimento de técnicas de armazenamento e acondicionamento, todos comiam juntos para que não houvesse desperdício. Isso gerou um comportamento e ditou, de certa forma, padrões de sociabilidade vistos até hoje em nossa sociedade, a depender das circunstâncias.

É nesse contexto que é possível inferir que a oferta comercial da hospitalidade ocorre dentro de um contexto conflituoso, a depender do enfoque de análise.

Por um lado, existe o objetivo comercial, do lucro, mercadológico e, por outro, a necessidade de se promover um ambiente hospitaleiro, aconchegante, doméstico, ou seja, uma extensão da casa.

Estabelecimentos que objetivam suprir uma necessidade de deslocamento, cujos fins não sejam os de lazer e ócio, ou seja, o relacionamento movido comercial e mercadologicamente, permitem ao cliente uma liberdade de ação que o indivíduo não poderia sonhar demandar em um ambiente doméstico, o que favorece o anonimato e oferece um benefício garantido pela indústria da hospitalidade.

Entretanto, ao receber a autêntica hospitalidade, o indivíduo sente-se genuinamente querido e bem-vindo e isso não seria o mesmo que ser acolhido como um cliente a ser

cobrado, levando-nos a crer que o fenômeno da hospitalidade sugere um paradoxo entre generosidade e mercado.

Os provedores comerciais estão de forma recorrente tentando o impossível para driblar esse paradoxo, ou seja, a provisão de hospitalidade envolve uma combinação complexa de elementos tangíveis e intangíveis: em ambos incluem-se os produtos oferecidos, tais como comida, bebida e acomodação, o serviço e a atmosfera que os cerca.

A hospitalidade, tanto comercial quanto doméstica, começa com a intenção de oferecer, em essência, o mesmo tipo de experiência, usando técnicas similares e tecnologia potencialmente semelhantes. Entretanto, carregam diferenças cruciais, que definirão a experiência do hóspede/visitante, a saber:

Quadro 1: hospitalidade doméstica versus hospitalidade comercial

Hospitalidade Doméstica	Hospitalidade Comercial
Movida pelo convite	Movida pela oferta / demanda
Ocasional	Ininterrupta
Pequena escala	Grande escala
Auto-administrada	Administrada por terceiros
Instalações não inauguradas	Instalações inauguradas
Experiência única	Experiência repetível
Atividade personalizada	Economia de escala
Experiência social	Experiência de serviço
Não visão lucro	Sustentabilidade Financeira

Fonte: Adaptado de Lookwood e Jones (2004: 228).

Em linhas gerais, a hospitalidade doméstica é movida por um convite ou acontecia por necessidade, ou seja, à medida que o viajante galgava suas distâncias, necessitava se hospedar e isso acontecia pelas estradas, povoados, pequenos burgos e tendas. Na antiguidade era de praxe dar abrigo aos viajantes por motivos religiosos, por dever, por serem considerados bons cristãos aqueles que recebiam alguém sobre seu teto e, sobretudo, pelas trocas. Oferecia-se segurança àquele que era recebido e, conseqüentemente, este representava seu anfitrião perante a comunidade ou ajudava-o a comercializar seus produtos, se fosse o caso. Além disso, as informações eram dissipadas pelos viajantes e toda história religiosa, de perseguição, de diligências, de conquista e dominação foi

delineando as regras e compondo o fenômeno da hospitalidade através dos tempos e culturas.

Em termos de estruturas, estas foram se alterando e se aprimorando conforme avançava o tempo. Na antiguidade, moradores ofereciam a casa, pasto para os cavalos e, quando possível, um caldo restaurador. Com o aumento do volume das viagens, as casas não foram mais capazes de suportar o fluxo de viajantes e aos poucos foram surgindo os estabelecimentos de hospedagem que atuavam comercialmente: as tabernas e pequenas pousadas/albergues. Consequentemente, as estruturas foram aumentando e oferecendo serviços adicionais, tais como refeições, espaço para carruagens, abrigando os que tinham condição de pagar. Aos desprovidos de condições, aos peregrinos e religiosos, havia os mosteiros e os albergues públicos, que geralmente solicitavam carta de recomendação para que a hospedagem fosse possível.

Com o desenvolvimento dos transportes e, sobretudo com o advento das navegações, os estabelecimentos foram se desenvolvendo ainda mais, aprimorando seus serviços e tamanho, diferentemente em cada lugar e cultura, o que ditava as regras de funcionamento de cada um.

Na Espanha, as casas de pedra e grandes moinhos de outrora, hoje foram reformadas, reconstruídas com o apoio da comunidade européia, através de fundos de apoio ao desenvolvimento (FUNDER) e também com apoio dos governos locais. Operam como pousadas e hotéis, adotando o mote do requinte para atrair seus hóspedes, fazendo compor o produto hospedagem juntamente com o argumento da ruralidade, da história, da religiosidade, sobretudo na região da Galícia, onde predomina o roteiro de Santiago de Compostela, comercializando seu passado de forma profissional e pitoresca, garantindo à Espanha uma grande soberania no que diz respeito ao turismo rural.

Ainda em termos de estrutura, os paços galegos são, por exemplo, realidades arquitetônicas presentes nos campos da Galícia, mas cuja recorrência é pontual, dado que era o modelo arquitetônico e paisagístico das classes privilegiadas. É importante dizer que, apesar de que globalmente a presença dos paços é excepcional no conjunto da Galícia, o paço foi objeto de tratamento intenso por parte da literatura, em especial a literatura sobre Galícia em espanhol, o que fez que se popularizasse, nomeadamente por parte das elites espanholas, a percepção do paço como quintessência da ruralidade galega e, portanto, um estereótipo aos olhos estrangeiros, o que facilmente viria a ser argumento de comercialização para o turismo rural (GONZALEZ, CARRIL E SOLLA, 2010).

Em Portugal podemos lembrar o exemplo das quintas. Estas eram arranjadas para o bom desempenho da sua função recreativa e social, justaposta à da produção agrícola. A casa grande possuía múltiplos quartos e, o jardim e o parque estavam separados das habitações dos trabalhadores agrícolas residentes. As hortas, pomares, armazéns e estábulos também ficavam separados. A casa da quinta funcionava cada vez mais como residência secundária, embora simbolizasse sempre o assento da exploração agrícola. Muitas delas se mantêm tal como são até hoje, apesar da agregação de outros equipamentos de lazer tais como piscinas, campos de ténis, equitação, caça, etc.

No Brasil, atualmente, as fazendas históricas foram adaptadas para a prática do turismo rural, objetivando também a utilização de um patrimônio que já não possui mais a mesma função, mas que se encontrava preservado e ainda carregado de possibilidades de uso. O turismo cria, transforma e valora de forma distinta espaços que, inicialmente, não tem valor em um contexto da lógica de produção, como, por exemplo, um campo ou um pasto que pode passar a ser uma área de camping ou, um paço, mosteiro ou mesmo hospital pode se transformar em um equipamento de hospedagem.

O espaço, portanto, participa de um processo de mudança, cujas áreas anteriormente dedicadas a outra atividade, ou que possuíam outra função, como por exemplo, assistência à saúde, plantio de subsistência, fortes militares, casas e paços medievais, atualmente, passam a trabalhar com turismo rural. Ou seja, toda a questão do patrimônio “turistificado” pode ser analisada por essa vertente. Ademais, o turismo rural possui um grande apelo no que diz respeito à atividade turística, uma vez que cada vez mais turistas buscam o sossego e a tranquilidade do campo, assunto que será desenvolvido com mais profundidade no Capítulo II, ou seja, motivações e possibilidades do rural, pelo turismo.

CAPÍTULO II - TURISMO E O RURAL

Neste capítulo vamos tratar de apontar o momento das mudanças no processo da atividade turística rural e da ressignificação da hospitalidade, retomando algumas questões da realidade descrita.

Esse momento busca discutir acerca de uma compreensão razoável do turismo no meio rural, assunto que demanda uma abordagem um pouco mais profunda em ambientes conceituais mais amplos do que aqueles em que se estudam o turismo rural no Brasil. Isso não porque careçam necessariamente de densidade, senão porque não consideram de maneira ampliada as especificidades e vicissitudes das várias partes do meio rural brasileiro.

Se notamos que as práticas de turismo no meio rural variam conforme o contexto em que se inserem, é, por conseguinte, natural que busquemos uma interpretação, ainda que orientada a objetivo específico do próprio meio rural.

Dois conceitos importantes que explicitam uma condição (ruralidade) e também uma situação (espaço rural), parecem ser importantes para gerar novos olhares sobre o turismo que se realiza no meio rural paulista - que, segundo observado, está cercado de questões muito particulares e bem distintas da maior parte dos trabalhos sobre turismo rural atualmente.

Uma questão relevante que permeia a compreensão crítica do espaço rural em contraposição ao urbano está na memória das gerações que migraram do campo para a cidade como parte do processo de industrialização ocorrido em décadas passadas, incluindo-se aí reminiscências de festas, músicas, danças e celebrações, tradições de contar “causos” e estórias, culinária e saberes sobre ofícios e técnicas em processo de desaparecimento.

Constata-se, pois, uma situação peculiar: atores sociais que são capazes de uma identificação com o universo rural e seus elementos vivem no espaço urbano, aumentando assim a dialetização dos opostos urbano/rural e configurando-se em fonte de informações indispensáveis para difundir o conhecimento deste passado nas novas gerações.

Em paralelo, o estudo e compreensão do modo de vida das comunidades rurais é fator essencial para gerar continuidade da tradição local, seus saberes e fazeres, suas formas de sociabilidade e estabelecimento de vínculos identitários. Acrescenta-se que este universo cultural em vias de desaparecimento é percebido por outros agentes sociais - em

especial na esfera econômica dos serviços – como potencial gerador de riqueza em uma perspectiva de abertura a modelos sustentáveis de atividades econômicas.

Por outro lado, a idealização romântica do campo, expressa em textos de diversas matrizes teóricas ao longo dos séculos XIX e XX, bem como a projeção de valores urbanos contemporâneos no espaço agrário, revelam-se geradores de distorções que implicam muitas vezes no desaparecimento de traços característicos da vida em comunidade fora das urbes.

Procuramos expor, no decorrer desta fase introdutória do capítulo, algumas das questões teóricas que nossa problemática de pesquisa nos apresenta. Entre essas grandes questões com que deveremos nos preocupar nesse momento da pesquisa, destacamos de maneira sintética:

- Compreendendo o turismo no meio rural;
- Condição (ruralidade) e situação (espaço rural);
- Ressignificação da hospitalidade e a busca pelo rural;
- Dialietização urbano / rural;
- Discussão acerca do conceito e significado de Lar;
- O papel da mulher no seio doméstico;
- O espaço e o lugar.

Atividade turística rural e a ressignificação da hospitalidade

Entende-se por turismo rural, segundo Almeida e Rield (2004):

O conjunto de atividades que se desenvolvem no meio rural, tendo como objetivos proporcionar ao produtor rural a complementação da renda e ao visitante o descanso, o contato com os valores culturais e patrimoniais tradicionais e/ou a prática do lazer em um âmbito diferente da cidade. (ALMEIDA e RIELD, 2004, p. 10).

Toma-se como referencial para a hospitalidade rural o campo e suas propriedades rurais, além das cidades de pequeno porte “em que o turista pode experimentar maior contato com um ambiente bucólico, bem como com os costumes locais e o dia-a-dia da vida no campo” (PORTUGUEZ, 2002, p.30). A identificação dessa identidade e potencialidade cultural é de fato uma grande estratégia no fomento da hospitalidade.

Em relação a essa questão, Baptista (2002) chama a atenção para a necessidade de uma ética da hospitalidade que torna os lugares mais humanos. Como a mesma autora ressalta, as cidades estão perdendo este sentido dos espaços comuns e colecionando "não-lugares", espaços vazios antropologicamente, acarretando um enfraquecimento dos laços sociais, o que pode afetar negativamente a hospitalidade, reforçando a busca pelo meio rural. Vários espaços turísticos evoluem através de “ondas” de ocupação, acompanhando modismos ou produzidos pelo consumo do espaço, ocasionando a degradação/destruição, descaracterização, perda, “enterro” dos recursos culturais/sociais de uma comunidade, população, comprometendo, portanto, a hospitalidade, nos remetendo ao seu caráter de fragilidade enquanto uma performance altamente especializada.

Entretanto, guardando os devidos cuidados, na hospitalidade rural, do campo ou de cidades de pequeno porte, podemos conferir algumas características peculiares como: maior expressividade da hospitalidade privada do que da comercial, com relações mais próximas e acolhimento das pessoas no espaço residencial tanto para alimentação quanto para hospedagem, já que existe a tendência a ser encontrada uma maior abertura para o outro com menos desconfiança, por não ter tanto contato com a violência dos grandes centros urbanos. Ou seja, esse espaço continua essencial enquanto referência concreta da prática social, recheado de símbolos que acessam registros individuais do ser humano, segundo a experiência pessoal de cada um.

Um símbolo bastante característico da hospitalidade rural é a oferta gastronômica de produtos caseiros e artesanais como doces, bolos, chás, café, biscoitos, sucos naturais, entre outros. Parafraseando Freyre (1997), “em uma receita de doce ou de bolo há uma vida”, o que nos remete ao entendimento da importância desta oferta de alimentos para a construção da relação hóspede-anfitrião, além de retomar as discussões acerca das relações de gênero e do papel da mulher, inserida nos afazeres culinários.

Como ícone da representação social histórica da hospitalidade rural, temos a obra de Monteiro Lobato "O Sítio do Pica Pau Amarelo" onde D. Benta sempre oferecia um bolo, um lanche, um refresco, preparados em casa por Tia Anastácia para suas visitas, além da acolhida calorosa aos personagens inusitados de fábulas e outras estórias, sempre bem-vindos ao sítio.

Com bastante propriedade, Almeida (2004) resume as motivações do turista, corroborando com Rodrigues (1996), destacando a visita ou estada no meio rural como a busca pela vivência com pessoas simples, em oposição aos padrões comportamentais urbanos, considerados frios, distantes e despersonalizados. Compreender estas motivações é importante para que as diferenças entre campo e cidade sejam ainda mais valorizadas pela população rural.

Inseridas nesse contexto estão as fazendas históricas, representando um período de apogeu econômico e principalmente, de início de um novo ciclo, novas oportunidades e novas relações, marcadas pela presença do estrangeiro no Brasil.

Nesse ambiente, prevalecia um tipo de hospitalidade caracterizada como doméstica, marcada pela forte presença feminina e todos os ritos que acompanham a figura da mulher. Ela cuidava de todos os afazeres da casa e ainda representava o homem na comunidade caso este estivesse fora, ou seja, a mulher representava o marido publicamente, quando da sua ausência. Ainda, em períodos de hostilidade e guerra, cujos meios de comunicações eram letárgicos, a mulher assumia todas as responsabilidades e todas as obrigações. É possível verificar, portanto, que a mulher detinha um papel nobre e decisivo na vida social e exercia um poder efetivo no cenário em que atuava (BAUER, 2001).

Entretanto, atualmente esses espaços constituídos pelas fazendas históricas tem sido reutilizados e apropriados pela atividade turística, funcionando como estabelecimentos de hospedagem e compondo a estrutura relativa aos equipamentos necessários para o turismo.

Nessas estruturas coexistem duas formas de hospitalidade: a doméstica e a comercial, que segundo Lynch e MacWhannell (2004) são caracterizadas por:

- 1) A hospitalidade comercializada dentro de uma casa particular, onde os donos residem e o espaço público é partilhado entre os visitantes e a família proprietária: essa categoria pode ser subdividida pelo grau de interação da visita com a família e suas atividades;
- 2) A hospitalidade comercializada onde o dono reside e a unidade também é o lar familiar, mas em que o espaço público para o visitante é separado do espaço familiar;
- 3) A acomodação na qual os donos não vivem no local: essa categoria poderia ser dividida naquelas em que o lar é usualmente uma residência secundária e naquelas em que a unidade de acomodação é simplesmente uma unidade para alugar, sendo o lar um conceito criado.

A hospitalidade, portanto, no âmbito das organizações, tende a promover o relacionamento entre os equipamentos e a sociedade. Dentro dessa perspectiva, a dinâmica da gestão empresarial é ampliada, cuja finalidade não deve restringir a organização do setor para atender apenas às necessidades do mercado, mas ultrapassar o objetivo econômico e atingir o social, contemplando relações de confiança e solidariedade, de comprometimento de reciprocidade, para atingir a hospitalidade. (FONTES e LAGE, 2003).

Segundo Lefebvre (1974), o espaço não pode ser encarado apenas como local ou às relações sociais advindas deste, pois ele representa uma multiplicidade de preocupações sócio-materiais. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico onde se estabelece a ação somado a todas as possibilidades sociais de interação, ou seja, como propriedade, as relações sociais podem ser consideradas parte das relações sociais de produção, isto é, a base econômica. Além disso, o espaço é um objeto de consumo e um instrumento político.

Em se tratando das fazendas históricas enquanto possível equipamento a ser considerado na atividade turística, destaca-se a importância da noção de patrimônio familiar, que integra tanto a propriedade fundiária quanto as relações de solidariedade e de afetividade como variáveis de construção dessa nova ruralidade, ou seja, operacionalizar as práticas sociais e transformá-las em força de atração.

O resgate da tradição se mistura à revalorização da natureza como meio de lazer e de contemplação na mobilização tanto das camadas neo-rurais como nas de turistas de final

de semana, inaugurando novos campos de disputa e de conflito com a população autóctone, todavia, por outro lado, abrindo novas perspectivas de trabalho para essa mesma população (CARNEIRO, 2001).

Segundo Carneiro (2008):

As novas experiências engendradas por esse processo se nutrem de uma diversidade cultural e social que alimenta as trocas, enriquecendo os bens culturais e simbólicos e ampliando a rede de relações sociais. A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, promove o enriquecimento do tecido social das localidades sem que isso resulte em uma descaracterização da identidade cultural local, necessariamente. A diversidade pode atuar no sentido de consolidar as identidades dos grupos ao possibilitar uma consciência de si na relação com o outro, o que pode contribuir igualmente para a definição de uma identidade urbana no interior de uma localidade tida como rural e vice-versa. (CARNEIRO, 2008, p. 33).

Nesse contexto, a atividade turística promove a difusão da diversidade e incrementa as possibilidades de troca sociais, cerne do próprio conceito de hospitalidade.

O espaço rural, dessa forma, se traduz em um modo particular de utilização do espaço e de vida social que apresenta como características um contingente pequeno de habitantes e edificações, um uso econômico predominantemente agro-silvo-pastoril, um modo de vida marcado pela coletividade e relação peculiar com o espaço e uma identidade marcadamente camponesa.

O estado da arte no que tange a ruralidade é amplo e diversos autores discutem acerca dessa questão. O rural então é tratado como uma forma específica de relação da sociedade com o espaço, que apresenta uma característica peculiar: a sua inserção local, onde a noção de sociedade rural no singular se torna vazia.

Carneiro (2001) nos leva a pensar a ruralidade como:

Um processo dinâmico em constante reestruturação dos elementos da cultura local, a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em duas direções onde identifica-se, de um lado, a reapropriação dos elementos da cultura local partindo de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo assim uma situação que pode contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os laços com a localidade. Deste encontro podem surgir também expressões culturais singulares que representariam a síntese ou a combinação de universos culturais

distintos, mas que sustentam noções de espaço e de tempo sociais diferentes um do outro (CARNEIRO, 2001, p. 15).

De uma maneira geral, as definições acerca da relação cidade-campo podem ter duas grandes abordagens: a dicotômica e a do *continuum*, conforme atenta Marques (2002):

Na primeira o campo é pensado como meio social distinto que se opõe à cidade, onde a diferença entre estes espaços ganha maior relevância. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade, atingindo o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana. (MARQUES, 2002, p. 100).

Discussões acerca do caráter dicotômico da temática rural-urbano surgiram por volta da década de 30 no século XX, embaladas pelas mudanças causadas pelo sistema capitalista, enfatizando as diferenças entre estes meios, advindas da complexidade do mundo urbano e da grande mobilidade social e espacial da população, inseridas em um ritmo de vida bastante dinâmico, rápido, desvairado.

Na segunda metade do século XX, a partir do avanço do processo de urbanização e com a industrialização da agricultura, estudos que defendem a ideia de *continuum* rural-urbano ganham expressão, havendo uma maior integração entre cidade e campo, com a modernização deste e a destruição de formas arcaicas (SOROKIN *et al.*, 1986).

No que diz respeito ao campo, na primeira fase temporal proposta por Lefebvre (2001), a do tempo agrário, o campo era visto como produtor enquanto a cidade era tida como consumidora. Havia uma instrumentalização campesina, por parte da cidade, em atendimento às necessidades da própria cidade, ocorrendo uma valorização e ao mesmo tempo subjugação do campo. Dando prosseguimento nesse argumento, Lefebvre (2001) ressalta que há um movimento complexo de profanação do solo, do campo pela cidade, afim de que esta prospere economicamente, comercialmente.

O autor ressalta que atualmente a relação cidade-campo se transforma. Em países industriais, a exploração do campo pela cidade, que representa o centro de acumulação de capital, cede lugar a formas mais sutis de dominação, ou seja, aldeias se ruralizam e perdem a especificidade camponesa, se alinhando com a cidade, porém, ao mesmo tempo, resistindo a ela. Nesse momento surge a concepção do rurano: o campo se perde no seio da cidade, que o absorve e ao mesmo tempo se perde nele da mesma forma, gerando uma

acentuação da dicotomia urbanidade-ruralidade e uma atenuação na dicotomia cidade-campo.

Nesse caso, Veiga (2002) busca superar a concepção de espaço rural como sinônimo de atraso, defendendo a viabilidade econômica e dinamismo presente nessas áreas, enfatizando o patrimônio cultural e natural como um importante componente desses espaços. A capacidade de valorizar tais componentes poderia atrair investimentos do turismo, o que deslocaria a base da economia rural da exportação de produtos primários para a oferta de prestação de serviços.

Segundo Marques (2002), a análise de caráter instrumental proposta por Veiga, entretanto, não problematiza os aspectos sociais envolvidos nas mudanças observadas na relação cidade-campo, onde o autor propõe a manipulação da imagem do espaço rural como espaço natural, defendendo a necessidade de se tirar vantagem desta tendência que transforma esse espaço em objeto de consumo, subjugando mais uma vez o campo à cidade.

A autora ressalta que:

Um projeto de desenvolvimento rural que vise a inclusão social a partir da melhoria geral das condições de vida e da realização de novas atividades no campo deve contribuir para a superação de problemas estruturais da sociedade, buscando a valorização de saberes locais. Alternativas para o campo apoiadas sobre as demandas da cidade pode implicar em forte subordinação da população rural, reforçando a situação de subjugação. (MARQUES, 2002, p. 110).

Entretanto, a situação de grande migração do campo para a cidade se demonstrou inevitável, em virtude da industrialização, fortalecendo os contrastes existentes entre esses espaços, onde a cidade representa o agente civilizador, culturalmente corrupto, enquanto o campo carrega uma imagem essencialmente bucólica.

Com a crise do sistema capitalista, ocorreu uma inversão de papéis, ou seja, observou-se a migração cidade-campo.

A terceira fase se configura como o tempo urbano, havendo forte pressão antrópica, artificialização dos ecossistemas e grau de urbanização dos territórios. O desenvolvimento do capitalismo e a “industrialização” da agricultura desencadeiam a urbanização do campo, o que seria reforçado pela proliferação de atividades não-agrícolas no campo, antes eminentemente urbanas, como é o caso do turismo, do comércio e da prestação de serviços.

O urbano representaria relações mais globais, mais descoladas do território, enquanto o rural refletiria uma vinculação local mais intensa (ALENTEJANO, 2000).

Entretanto, o trabalhador brasileiro vai mantendo uma relação com a cidade e com o campo que assegura sua sobrevivência, sendo possível verificar a recriação de práticas e tradições rurais nas periferias das cidades e a adoção de valores e padrões de consumo urbanos no campo.

Aliado não somente ao fator de sobrevivência, surgem novas propostas e alternativas de usos desses espaços rurais que não as especificamente agrícolas, ou seja, a novidade do rural contemporâneo estaria na combinação de atividades até então típicas do meio urbano com as ocupações características do meio rural, surgindo noções complementares à caracterização desse rural que se inova: a de *continuum* rural-urbano e o conceito de pluriatividade, discutido por Carneiro (2001), no qual nesse caso se encaixaria a atividade exploratória do turismo.

Nessa abordagem as distinções entre cidade e campo caem por terra, uma vez que cada espaço contém em si contradições, ambiguidades e conflitos que são o resultado da relação entre sistemas de valores e de interesses diferentes. As categorias rural e urbano não designam espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas representações sociais, ou seja, há experiências e relações sociais tidas como rurais mas que se manifestam em espaços tidos como urbanos. Ou seja, aqui nos referimos a contextos de paisagens multifuncionais, construídas culturalmente. Conforme interpreta Carneiro (2001):

O rural pode, em alguns contextos, ser expressão da tradição, da autenticidade, das relações interpessoais, do simples, do atraso, como também pode, através de uma reelaboração simbólica por parte dos atores sociais, conter ícones da modernidade e ser expressão de uma modernização que se realiza em espaços tipicamente urbanos. (CARNEIRO, 2001, p. 2).

Nesse contexto, a noção de território vem reforçar a ideia de localidade não limitada a aspectos geográficos ou político-administrativos, servindo de referência para identidades construídas a partir do cruzamento de aspectos geofísicos, econômicos e culturais, referindo-se muito mais a uma imagem, uma representação, que são alimentadas e alimentam uma rede de relações sociais, podendo também se configurar como subsídio para alimentar o desenvolvimento da atividade turística e todas as especificidades

necessárias para o componente atrativo dessa atividade, tais como as relações sociais estabelecidas em uma localidade ou em um estabelecimento e seu entorno, por exemplo.

A problemática do imaginário contemporâneo sobre a contraposição urbano *versus* rural revela a urgência em compreender que trata-se de um constructo formado por 1) fragmentos de ideias advindas de teóricos que pensaram sobre a natureza (entendida como ambiente natural), mesmo quando já impactada pela presença humana; 2) elaboração destes fragmentos teóricos pelo senso comum ao longo de décadas, intensificando-se e alterando-se o processo quando da exibição de produtos midiáticos (novelas, filmes, documentários, etc.) ambientados no espaço agrário. Vale ressaltar que esta “filtragem” do que é próprio ao rural pelos meios de comunicação, via de regra, produziria um pastiche de características de paisagens e sociedades, incorrendo inclusive em anacronismos.

Diante dessa discussão a respeito do imaginário e do que realmente pode ser considerado como associado à paisagem rural, faz-se importante considerar a discussão acerca do turismo e hospitalidade rural e da consequente interpretação desse conceito, para entender os simbolismos que se convertem em valor para o turista.

Seguindo a linha da valorização da paisagem rural, o turismo rural apresenta vários pontos positivos, com destaque para a preservação do patrimônio natural e cultural, além da promoção do intercâmbio entre os protagonistas rurais e urbanos, minimizando o isolamento inerente a ambos através desse contato propiciado pela atividade turística. Ainda, o turismo rural também funciona como uma busca por alternativas referentes ao ganho econômico do produtor, homem rural, uma vez que a renda advinda do turismo possui um retorno mais rápido do que a agricultura e pecuária, configurando-se em uma fonte de renda complementar e até mesmo substitutiva, em alguns casos, ficando o morador rural apenas ocupado da atividade de subsistência e suprimento das próprias fazendas, em atendimento à atividade turística (ALMEIDA e RIELD, 2004).

Através desse contato do homem urbano com o rural, a possibilidade do retorno às origens pode ocorrer com muita facilidade, através das experiências que podem ser vivenciadas e da forte ligação desses estabelecimentos com a terra e com a história, refletindo, de forma ainda mais genuína, os aspectos da hospitalidade, pois o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade: habitante, identidade e lugar. A hospitalidade, segundo Cruz (2002), é fruto da construção não somente sócio-espacial do local, mas também da construção cultural, política e profissional.

Tuan (1980), em seu livro que estuda e discute a percepção ambiental, utiliza o termo *Topofilia* para descrever “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Recentemente o termo *Biofilia* descrito por Wilson (1984 *apud* STRUMINSKI, 2003) expressa a “idéia da necessidade intrínseca humana do contato com a natureza”.

Stephen Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003) agrupou em nove tipologias biofílicas o que demonstra os valores individuais ou coletivos, pois determinadas opiniões e ações podem ser de interesse de apenas um indivíduo ou de um grupo. Estes valores básicos orientam a relação dos seres humanos com o mundo natural e que poderiam servir como elementos na compreensão de diferentes concepções e propostas de intervenção sobre o ambiente natural, conforme descrito no Quadro 02.

Quadro 2: Tipologia de Valores Biofílicos

Termo	Definição	Função
Utilitarismo	Exploração prática e material da natureza	Sustentação física e segurança
Moralista	Afinidade, espiritualidade, ética, altruísmo,	Proteção
Negativista	Medo, aversão, alienação	Segurança, proteção, fobias
Simbólica	Uso da natureza para expressões metafóricas	Desenvolvimento mental, comunicação
Estética	Beleza física (ideal) da natureza	Inspiração, harmonia, paz, segurança, modelo
Dominionística	Domínio da natureza	Conquista, controle físico coragem, habilidades para subjugar
Naturalismo	Satisfação com contatos diretos com a natureza	Desenvolvimento físico e mental, curiosidade, atividades na natureza
Humanista	Sentimentos emocionais profundos a elementos individuais da natureza (árvore, animais)	Cooperação, solidariedade, fortalecimento de relações entre grupos, pessoas e animais
Ecológico- científica	Estudos sistemáticos da natureza	Busca do conhecimento e compreensão

Fonte: adaptado de Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003)

Para analisar as interações existentes entre os seres humanos e o meio é necessário que três áreas sejam conhecidas e são elas: a cognição (processos de perceber, conhecer e pensar); afetividade (que esta relacionada aos sentimentos, sensações e emoções) e a conexão entre a ação humana sobre o meio, como resposta a cognição e afetividade:

O entendimento das cognições da percepção e da afetividade do ser humano é fundamental para o planejamento de ações e políticas que envolvem o trabalho no turismo rural, focando suas necessidades, registros do passado e desejos intrínsecos de busca individual, para então trabalhar de forma satisfatória as apropriações simbólicas das quais os gestores lançarão mão para então atingir o sucesso do empreendimento, assunto que será aprofundado em seguida.

A busca pelo rural: o lar, o lugar, o espaço

Nesse momento buscaremos entender o porquê do crescente deslocamento do homem para o campo, suas motivações, perspectivas e associações, ou seja, o que faz com que fique interessante buscar o campo em detrimento da cidade, do ambiente urbano.

Quando nos referimos ao homem urbano, importante ressaltar o processo de construção cultural pelo qual ele passou para que, a partir dessa construção individual e também coletiva, verificar quais associações está acostumado a fazer, ou seja, quais retomadas histórias, ambientais, sentimentais e sociais farão com que este homem, através da representação dos símbolos, sintam-se atraído e impelido ao movimento da busca por algo que, nesse contexto, se refere ao ambiente rural.

Em relação à abordagem de Geertz (1989) acerca da cultura:

A perspectiva da cultura como mecanismo de controle inicia-se com o pressuposto de que o pensamento humano é basicamente tanto social como público — que seu ambiente natural é o pátio familiar, o mercado e a praça da cidade. Pensar consiste não nos acontecimentos na cabeça (embora sejam necessários acontecimentos na cabeça e em outros lugares para que ele ocorra), mas num tráfego entre aquilo que foi chamado por G. H. Mead e outros de símbolos significantes — as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como jóias — na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. Do ponto de vista de qualquer indivíduo particular, tais símbolos são dados, na sua maioria. Ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo propósito: para fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto-orientar-se no “curso corrente das coisas experimentadas. (GERTZ, 1989, p. 33).

Aqui, Geertz (1989) coloca que o homem necessita dos símbolos para se reconectar ao mundo, pois sem a presença das representações simbólicas, não há como efetuar associações, ou seja,

Não dirigido por padrões culturais - sistemas organizados de símbolos significantes - o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. (GEERTZ, 1989, p. 33).

É importante considerar que o tempo e o espaço irão, de forma inevitável, influenciar a vida afetiva que, conseqüentemente, ditará a dinâmica de distanciamento interno e externo acerca dos contatos impessoais que a vida das cidades impõe. A entronização do princípio da calculabilidade, a indiferença e o sentimento *blasé* como emoções típicas da indiferenciação qualitativa operada pelo dinheiro transformado em meio universal de troca, são problemáticas da dinâmica social das metrópoles.

A partir dessa premissa, a constante procura pelo rural, bucólico também pode ser atribuída ao constante movimento de desumanização da cidade pelo tempo da mercadoria e do capital financeiro, negando sua herança comunitária de lugar de encontro e de lutas. Segundo a autora, “a cidade torna-se centro privilegiado do consumo em detrimento de seu significado como lugar da política”. (MARQUES, 2002, p. 207).

Marques (2002) discute, portanto, que o campo urbanizado perde suas qualidades, seu modo de vida particular que, transformado então em “gueto dos lazeres”, corresponde a um desvio do desejo de uma vida plena, não alienada, desejo que também se manifesta com a afirmação do “urbano” como lugar do uso e do encontro (LEFEBVRE, 2001).

A reivindicação da natureza e o desejo de se aproveitar dela se anuncia indiretamente como tendência a fugir da cidade deteriorada, da vida urbana alienada. Esta reivindicação é um desvio do desejo de uma vida mediada pelo valor de uso, da utopia de uma vida plena na qual possamos ter atendidas as necessidades de atividades criadoras, de obra, de informação, de imaginário e de atividades lúdicas, além das necessidades básicas socialmente elaboradas.

Cavaco (1996) nos chama a atenção para o fato de que o espaço rural não corresponde, todavia, a um destino turístico realmente novo. Segundo a autora, as migrações de férias traduziram durante muito tempo as relações cidade/campo, pela crescente urbanização da velha nobreza fundiária e pela territorialização das burguesias urbanas. Para muitos, não se tratava de pausas no trabalho e na rotina dos seus cotidianos para recuperação de forças físicas e mentais, mas sim uma mudança de ares, de ambiente e de rotina, ociosa ou não. As visitas sazonais ou periódicas, muitas vezes atreladas à época

de colheita, não tinham qualquer dimensão comercial e não desencadeavam processos de mudança nas estruturas socioeconômicas locais.

Em outros casos, os espaços rurais foram procurados e visitados pelo clima e pela qualidade do ambiente, alguns em função de suas propriedades de cura, pela presença de termas, pelas montanhas ou planícies.

No decurso dos últimos cinquenta anos, a procura do campo, dos espaços rurais tradicionais como espaços de férias registrou dinâmicas novas e incrementou a necessidade do desenvolvimento e da criação de equipamentos capazes de acolher o fluxo turístico que se instalou, definindo novas maneiras de trabalho, recepção e hospitalidade.

Várias linhas de investigação contribuíram para os estudos do patrimônio cultural enquanto bens materiais produzidos, que circunscreviam culturas passadas ou presentes, de modo a lhes conferir identidade e legitimação. O objetivo aqui proposto é o de considerar como patrimônio cultural não apenas as edificações, mas também a produção simbólica e bens não-materiais construídos por grupos sociais e mantidos por esses, seja através de ritos ou representações; sistemas de crenças ou memória; pelas práticas sociais informadas pela tradição assim como as diferentes manifestações de suas territorialidades.

Este personalismo caracterizaria nosso “homem cordial”, fomentando um tipo de sociabilidade própria do brasileiro: “a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade”, (HOLANDA, 1997, p. 146), virtudes que, contudo, ao invés de expressar civilidade, são sim “expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”, (HOLANDA, 1997, p. 147). Assim, Holanda construirá os traços que formam o caráter nacional: o uso de diminutivos para expressar familiaridade, a religiosidade que torna Deus e os santos amigos familiares, o horror às distâncias.

Tudo isto contradiz o espírito de polidez e civilidade tal como constituídos na Europa em que é fundamental a manutenção de distâncias sociais como uma forma de defesa perante a sociedade. Holanda constrói, portanto, a imagem do homem cordial, símbolo de brasilidade, fundamentando-a no personalismo herdado do cristão novo, mas cultivado na família.

Seguindo essa premissa dos símbolos, componentes dos aspectos hospitaleiros, destaca-se a figura da mulher, comercializada dentro de um lar privado (por exemplo, as fazendas históricas), são predominantemente femininos. Lynch e MacWhannell (2004) apontam para diferenças de gênero na ideia do lar: enquanto a ideia masculina a esse respeito é basicamente sedentária, de um lugar de refúgio das inquietações do mundo, um

local para se estar em paz, a ideia feminina é dinâmica, referindo-se ao bem-estar, mas também ao trabalho. Assim, com o passar do tempo, o foco muda “da sala de visitas para a cozinha”, fazendo da alimentação, assim como a figura da mulher, um importante símbolo que caracteriza e dá forma à hospitalidade.

Enquanto estão na casa, os hóspedes talvez possam ser vistos como parte de uma grande família, com o provedor-chave sendo considerado quase uma figura “materna”. Mulheres e homens não só sentem a moradia de modo diferente como também há bons motivos para acreditar que o ambiente doméstico ocupa uma maior centralidade na vida das mulheres do que na dos homens, como resultado do papel doméstico das mulheres: o serviço de cama e mesa:

As próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico e de produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos de produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo, etc). (BOURDIEU, 1999, p. 112).

É importante lembrar, para também se entender a questão da submissão feminina, que as mulheres sempre foram tratadas nas sociedades como meios de troca, representando um meio pelo qual o homem acumula capital social e simbólico, o que era obtido mediante a aliança de casamento. Ainda hoje, as mulheres contribuem de forma direta e decisiva na produção e reprodução do capital simbólico da família, fortalecendo o núcleo doméstico. Além disso, o feminino está associado à noção de subserviência, conforme discute Bourdieu:

Estando as mulheres socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos, e por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura, elas têm naturalmente a seu cargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo que se refere à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica, dos filhos, obviamente, mas também do esposo, que lhes delega muitas vezes a escolha de sua indumentária. (BOURDIEU, 1999, p. 119).

Abrams (2001) faz uma reflexão sobre a possível tendência da mulher ao “ato de servir”, procurando investigar e justificar esse comportamento, denominado como “deslocamento”. Segundo a autora, a mulher tem uma grande facilidade de deslocar sua atenção e seus interesses de si mesma para a vida e necessidades do outro, deixando que os demais ocupem um espaço central em sua vida.

O termo “imperativo de servir” foi designado por Orbach (1992), alegando a ideia que a mulher tem de valorizar as necessidades alheias mais do que as suas próprias. Outro pilar do “imperativo de servir” apontado por Abrams (2001) está ligado à questão de ser útil, e que está fortemente ligada à questão que as meninas devem desde cedo ajudar suas mães no trabalho doméstico.

Para Bourdieu (1999), o papel da mulher dentro do contexto doméstico está voltado em boa parte a criar uma integração da família e uma relação desta com seu entorno social:

Sustentar relações de parentesco e todo o capital social com a organização de toda uma série de atividades sociais ordinárias, como as refeições que toda a família se encontra, ou extraordinárias, como as festas e cerimônias destinadas a celebrar ritualmente os laços de parentesco e a assegurar a manutenção das relações sociais e da projeção social da família, ou as trocas de presentes, de visitas, de cartas ou de cartões postais e telefonemas. (BOURDIEU, 1999, p. 116).

Esta análise de Bourdieu sobre o papel da mulher dentro das relações familiares sugere que ela seja a responsável por manter as relações humanas no que se refere a cultivar laços de parentesco e manter a família em contato com o seu meio social. Assim, ao que tudo indica, mesmo quando restrita ao espaço doméstico, a mulher parece ter uma aptidão para cultivar relacionamentos e o faz não só promovendo eventos de socialização trazendo pessoas para dentro de seu espaço (lar), como mantendo elos de ligação com as pessoas através do uso dos instrumentos de relação (telefonemas, correspondências, etc).

Maluf e Mott (1998) reproduzem com detalhes a situação da mulher brasileira de classe média no início do século passado, em termos de vida privada e limitações da vida social. As autoras relatam que quando a mulher se uniu ao homem, pelos laços do matrimônio, o casal se submeteu a um acordo definido pela sociedade, pela Igreja e pelo Estado. Ao homem cabia o papel de provedor do lar, enquanto a mulher deveria retribuir este “sustento” com seu trabalho dentro do ambiente doméstico. A mulher não podia

trabalhar fora, sendo que isto somente poderia vir a ocorrer mediante a prévia autorização por escrito de seu cônjuge, de acordo com o Código Civil vigente, e se este trabalho fosse necessário para o complemento da renda familiar, nunca por vontade própria ou realização pessoal.

O transcurso da vida familiar é uma ferramenta conceitual útil para entender as dimensões de papéis de gênero socialmente construídos. No estudo de pequenos empreendimentos, essa ferramenta pode se mostrar valiosa para se compreender como os papéis ligados ao gênero podem sustentar as interações com hóspedes e funcionários. Nesse caso, o lugar se configura como a expressão mais nítida de uma ordem local, encarada como aquela que se define, sobretudo, pelas relações de proximidade, pela co-presença, por um cotidiano compartilhado, enfim, por um feixe de relações que se organiza no lugar vivido, que corresponderia à escala da habitação, do abrigo, do lar.

Lefêbvre (1994) afirma que as representações do espaço têm considerável peso e influência na produção deste espaço, principalmente levando em conta que correspondem a um sistema de signos, símbolos e códigos de representação dominantes em uma sociedade e que estão relacionados ao exercício do poder e à conformação do espaço abstrato.

Em termos de representações do espaço, é possível observar uma reprodução da exploração da força de trabalho de outrora, ou seja, na época da fazenda plantadora de café, constava o trabalho escravo e a submissão do homem pelo dono das terras, aristocrata, latifundiário. Atualmente, a exploração da força de trabalho continua existindo, por exemplo, quando a fazenda lança mão da força de trabalho dos recepcionistas, cozinheiros, jardineiros, camareiras, ou seja, toda a brigada de funcionários necessários para fazer com que o negócio da prestação de serviços aconteça. Além disso, os donos deste negócio, ou seja, das fazendas que compõem a Associação Roteiros de Charme, continuam sendo o aristocrata rural e latifundiário do passado, representado pelas gerações de filhos e netos destas famílias, ainda que residindo na capital do estado e acumulando outras funções não necessariamente ligadas à terra. Ou seja, seu vínculo com a terra segue continuando na forma de uma exploração instrumentalizada em uma estratégia de negócio.

Todavia, é imprescindível destacar que os funcionários que compõem a força de trabalho das Fazendas Capoava e Águas Claras, possuem uma satisfação por prestarem o serviço, o que pode ser observado na alegria com que levam o seu trabalho, com que se apresentam para os visitantes/hóspedes, com a forma com que interagem com estes, considerando-os, muitas vezes, como membros de uma grande e única família e, sobretudo,

a partir dos relatos destes funcionários, obtido no trabalho de campo, onde fica evidente a alegria e o bem-estar em ambas as fazendas. Essa discussão será aprofundada no último capítulo.

Levando-se em conta a ideia de espaço, discutida anteriormente, faz-se necessário confrontá-lo com as discussões acerca do significado de lugar, e, segundo as definições e as origens das duas palavras, entende-se como relação entre os dois conceitos que o lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado, uma vez que uma de suas definições sugere sentido de povoado, região e país.

O termo habitado, de habitar, neste contexto, acrescenta à idéia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades.

No momento em que o homem nele é inserido, a paisagem é transformada em um lugar. A simples presença do homem modifica e qualifica-a, uma vez que o lugar é o espaço dotado de valor pelo homem, e este está contemplado naquele, em presença física e/ou simbólica.

Tuan (1983) relaciona o tempo e o lugar de três formas: adquirimos afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de um movimento, ou seja, o lugar seria a parada para o descanso, para a procriação e para a defesa; e por último, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória.

Lugares que induzam a um rápido movimento associado a uma não personalização do espaço e do indivíduo caracterizariam um não-lugar. “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 1994, p. 95), ou seja, este seria uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo.

Na realidade, com a definição de Tuan (1983) acerca do lugar, este pode existir em muitas escalas e modos de ser diferentes. No extremo de uma escala, uma sala de aula preferida é um lugar inserido num lugar maior que seria a sua escola, em outro, toda uma cidade. Dessa forma, compondo o lugar temos o *valor* a ele atribuído e o *tempo*, que seria o responsável pelas experiências vividas.

Tuan (1983, p. 33) discursa que o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar, uma vez que as duas categorias não podem ser compreendidas uma sem a

outra. Segundo ele, o que começa como um espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. O autor define os lugares como “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”, ou seja, “O modo no qual você está e eu estou, o modo no qual nós humanos estamos sobre a terra, é habitar”.

Nós temos usado a palavra ‘habitar’ para indicar a relação total homem-meio. [...] Quando o homem habita, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas “orientação” e “identificação”. Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar (NORBERG-SCHULZ, p. 19).

Tomando como exemplo a casa, que para Bachelard (1993, p. 24 e 25) “é o nosso canto do mundo. [...] abriga o devaneio, [...] protege o sonhador, [...] permite sonhar em paz”, ela seria o lugar primeiro do homem, o seu lugar de referência. Mesmo nela, podemos encontrar um lugar preferido, onde gostamos de ficar, o nosso canto, como diz ainda Bachelard: “encontramos nas próprias casas redutos e cantos onde gostamos de nos encolher”.

Dessa forma, cabe aqui a discussão acerca do lar. O lar, segundo Coulanges (1981):

Toma posse do solo; apossa-se desta parte de terra que fica sendo, assim, sua propriedade. A família está vinculada ao lar e este, por sua vez, encontra-se fortemente ligado ao solo. Como o lar, a família ocupará sempre este lugar. O lugar pertence-lhe: é sua propriedade, propriedade não de um só homem, mas de uma família, cujos diferentes membros devem vir, uns após outros, nascer e morrer ali (COULANGES, 1981, p. 64 e 65).

Em se tratando da dinâmica da relação anfitrião/hóspede, é importante destacar que um lar pode ser utilizado simbolicamente de diferentes modos: como objeto de *status*, expressão de gosto estético, refúgio confortável, lugar para expressão de ordem e beleza. O lar e seus conteúdos identificados como representantes simbólicos de nossos egos. *Insights* acerca das realidades da vida familiar, como uma atração-chave para os hóspedes,

particularmente para aqueles originários do estrangeiro, foram realizados por Stringer (1981) e Pearce (1990). Dessa forma, a acomodação doméstica pode funcionar como um ícone cultural.

Entretanto, é importante discutir também sobre o quanto um lar pode ser habitado, ou seja, até que ponto o lugar doméstico se apresenta apenas como espaço não habitado, uma vitrine, destinada ao encantamento do hóspede/visitante.

Dentro dessa premissa, pode ser útil e instrutivo verificar o desejo e a necessidade dos hóspedes quanto a esses significados simbólicos, uma vez que há empresários interessados nessa questão.

Os meios de hospedagem ligados à Associação Roteiros de Charme lançam mão do aspecto simbólico, uma vez que essa associação está baseada no encantamento do hóspede no que tange a aspectos de aconchego, requinte, luxo, beleza e fantasia, objetivando conectar o hóspede a um ambiente que extrapola a realidade e ao mesmo tempo, o aproxima do lar.

Em se tratando das relações de gênero presentes nesse universo, principalmente doméstico, é possível perceber que a hospitalidade reproduz os papéis definidos pela figura do homem e da mulher no lar, onde a presença desses dois protagonistas determinam a forma como se dá a hospitalidade, ou seja: a mulher garantindo o equilíbrio do núcleo familiar, a organização da vida, da disciplina, enfim, da organização do trabalho doméstico, demonstrando capacidade de gerir e de produzir o necessário à vida e ao conforto dos homens, ainda que subjugada por eles (QUINTAS, 2008; BAUER, 2001). Entre os indígenas, o trabalho feminino se constituiu de preciosos adereços: a mulher se responsabiliza pela ordem social das tabas e, conseqüentemente, pelo equilíbrio estrutural da aldeia.

Segundo Bauer (2001), a mulher, condicionada à tribuna do matrimônio, fruto de um país patriarcal, acabou ajudando nesse processo do fortalecimento dos laços domésticos, firmando, dessa forma, esse ambiente e condicionando-a ao casamento, à maternidade, à casa, diferenciando-a, portanto, do homem, que se ocupava do espaço público.

Ainda, a figura da mulher era marcada por ser objeto de entretenimento dos hóspedes. Desde o tempo das sociedades feudais, as damas estavam inexoravelmente vinculadas a servirem de forma mais qualificada e agradável à corte, onde jogavam xadrez, contavam ou liam histórias, cantavam ou tocavam diferentes instrumentos musicais,

respondendo com agilidade a perguntas complexas e, principalmente, demonstrando ser esposas dignas e devotadas.

Mesmo restrita ao espaço do lar, esperava-se que as mulheres dominassem diferentes assuntos, entre eles, higiene, ciências naturais, química, artes, geografia, indústrias, etc, ou seja, a mulher devia ser uma mestra e ter uma vasta gama de conhecimentos para saber responder a todas as indagações de seus filhos.

Outro fator a ser observado é a condição de constante solidão que acometia essas mulheres que, em uma tentativa de quebrar, minimizar esse fato, se apegavam à família, à comensalidade, ao cuidado com os filhos e principalmente, aos fatores agregadores sociais, onde a hospitalidade se encaixa (QUINTAS, 2008; BAUER, 2001).

Dessa forma, atrair estranhos à casa era um modo de reduzir tal condição, enquanto satisfazia obrigações socialmente construídas quanto à prestação de serviço de ama-seca, prendas domésticas, entre outros. As motivações financeiras e as associadas à conquista de independência são importantes, assim como as motivações de auto-realização associadas à natureza do próprio lar: um desejo de refletir prestígio social e realizar tarefas criativas e sociais.

O trabalho do *bed & breakfast* exemplifica a comercialização da prestação de serviços atribuídos primeiramente ao ambiente doméstico e ressalta a existência de uma relação de hospitalidade dentro desta atividade comercial, uma vez que, além de envolver tarefas de compras, preparo e fornecimento de alimentos, limpeza e arrumação de quartos e da casa para proporcionar uma atmosfera limpa e asseada para o hóspede, este trabalho possibilita a recriação do lar, dentro de uma atmosfera ordenada, acolhedora e segura.

Enquanto estão na casa, os hóspedes talvez possam ser vistos como parte de uma grande família, onde a mulher, “dona da casa”, sendo considerada quase uma figura materna. Sem querer reforçar as diferenças de gênero, parece que os provedores de hospitalidade comercializada dentro de um lar privado são predominantemente femininos. “Os hotéis, enquanto instituições sociais acompanharam intimamente em seu desenvolvimento, os valores centrados no lar”, (WOOD, 1974, p. 78). Nota-se que Wood (1974) se refere às relações sociais e importação de valores, portanto, não meramente à reprodução de tarefas.

Em relação ao ambiente em que a hospitalidade pode se expressar, suas práticas podem se dar em variados ambientes, entretanto, destaca-se o espaço rural, por remontar bases familiares, por retomar uma história de apogeu comercial e agrícola, por traçar

ditames sociais, políticos e constitutivos de sociedade. Ainda, em virtude de suas especificidades e ligações com a terra e com a alimentação. Nesse ambiente, a hospitalidade lança mão das possibilidades domésticas, dos grandes espaços disponíveis em virtude dos grandes casarões, propícios para acolher, fazendo um contraponto com as cidades, com o meio estritamente urbano.

O principal ponto forte a ser apontado em relação à hospitalidade rural é a simplicidade dos estímulos, das pessoas e a maior facilidade de “leitura” de seus elementos constitutivos, o que segundo Grinover (2002) torna o local mais hospitaleiro e, conforme Rodrigues (1996), atende às motivações do turista de se deslocar até o campo. Lembrando também que, quanto mais estes elementos genuínos forem conservados, mais aptas as localidades estariam para encarar esta nova tendência turística de busca pela autenticidade cultural.

Em se tratando de símbolos, e o fato de a hospitalidade estar recheada destes, lançando mão desses artifícios para se obter uma hospitalidade comercial, como por exemplo, no caso da Associação Roteiros de Charme, não há como deixar de associar a hospitalidade à mercadoria e esta ao espetáculo.

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupa totalmente a vida social, não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue enxergar nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. Debord (1994) comprara esse momento ao da “segunda revolução industrial”, cujo consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada.

A alienação está presente na hospitalidade todas as vezes que o indivíduo age, de forma individual ou coletiva, de forma a mascarar a autenticidade dos fatos e dos acontecimentos, moldando a realidade e a história de forma a atrair, impressionar ou agradar ao visitante, por exemplo. Mais um momento de contradição observado no universo da hospitalidade: sua característica dúbia e representativa.

Para os casos de uma hospitalidade comercial, tem-se aqueles estabelecimentos que forjam situações de recepção, reproduzem ou reconstroem ambientes familiares para que o hóspede sinta-se verdadeiramente acolhido, sendo nada mais do que um retorno à idéia da atividade turística como mercadoria: vendida, comprada, apreciada, trocada.

Debord (1994) ressalta que o nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. A ilusão, portanto, é sagrada:

A alienação do expectador em favor do objeto contemplado (o que resulta da sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o expectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. Quanto mais sua vida se torna um produto, tanto mais ele se separa da vida. Para tornar-se sempre mais idêntico a si mesmo, para se aproximar o máximo da monotonia imóvel, o espaço livre da mercadoria é modificado e reconstruído a todo instante. (DEBORD, 1994, p. 24).

O turismo, segundo Debord (1994), se configura como um subproduto da circulação das mercadorias, apresenta-se como uma circulação humana considerada como consumo, resumindo-se no lazer de ver e participar de algo que se tornou banal, ou seja, a alienação propriamente dita, a reconfiguração, a reconstrução para a venda, faz da atividade turística algo banalizado. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço, segundo o autor.

A discussão acerca da espetacularização, nesse estudo, toma como ponto de análise as fazendas Capoava e Águas Claras, trazendo à tona questões que levam em conta a reutilização de espaços, unidades e serviços, componentes da estrutura e da dinâmica das fazendas, submetendo essa análise à crítica da mercadoria e a possibilidade da expressão da hospitalidade.

Há, o que podemos dizer, um certo acabamento para o consumo, na medida que estruturas são adaptadas para uma melhor expressão da hospitalidade, para que, de fato, a atividade da recepção aconteça à contento. Exemplos dessa adaptação podem ser observados nas alterações da tulha, na casa sede, na antiga senzala e também no pergolado, acontecendo o que poderíamos dizer de uma mercantilização dos componentes da hospitalidade: o que acontece outrora é o mesmo que acontece hoje: exploração instrumentalizada em uma estratégia de negócio. Ontem a senzala, hoje o balcão da recepção.



Foto 7: Fachada de uma das unidades habitacionais, antigamente era a senzala doméstica
Fonte: Fazenda Capoava, 2010.

A mediação do mercado condiciona e atravessa todos os setores da vida cultural e, todos os campos estão subordinados a um apelo ao prazer e ao lúdico. A transformação da cultura em mercadoria e sua correspondente massificação e consumo como atividade de lazer, aqui representadas pelo ambiente das fazendas e suas atividades, terminam por delimitar um campo particularmente rico para a percepção das contradições e tensões contemporâneas, onde mais uma vez, se encontra a hospitalidade, ou seja, o receber interessado, a troca nunca livre da reciprocidade, o comercial e o dádivo, enfim.

É um espaço no qual se associa a liberdade inerente ao pequeno impacto político nas relações efetivas de poder, com a necessidade do sucesso nas vendas.

O consumo acaba por determinar, de certa forma, o lazer e o turismo, cujo grande facilitador desse processo é a mercantilização das relações, com a subordinação ao mercado invasor.

As pessoas tornaram-se consumidoras de mercadorias no seu tempo de lazer, reforçados pelo poder discursivo da mídia, que é um dos responsáveis pela propagação da

ilusão de que as sensações e experiências também podem ser compradas. A prática do consumo não se dá apenas pela compra de determinados objetos, mas também símbolos, significações, serviços e informações (ações e produções simbólicas) (BAUDRILARD, 1991).

No caso das fazendas, portanto, não seria diferente a questão paradoxal observada no cerne da hospitalidade, a de que as experiências podem ser compradas e o consumo reflete um ambiente recriado. Todavia, as impressões dos hóspedes retratada nos depoimentos descritos na página da Capoava e os relatos dos colaboradores das fazendas, obtidos no trabalho de campo, reflete um ambiente muito natural e de certa forma original, onde a vida segue acontecendo na sua essência, atribuindo-se os acontecimentos à dinâmica de cada relação e o que naturalmente ela carrega.

CAPÍTULO III - AS FAZENDAS

Este capítulo contempla uma discussão acerca do rural brasileiro, a aristocracia rural, histórias e papéis de famílias abastadas e sua função no seio da sociedade.

Apresenta a história de cada fazenda em particular, demonstrando como eram suas estruturas no passado e como se apresentam na atualidade, apontando os detalhes da reconstrução do rural presente em cada uma delas, discutindo-se acerca de um cenário recriado, buscando-se caracterizar o imaginário que está presente, da aristocracia à casa grande.

Demonstra os resultados das entrevistas realizadas durante a pesquisa, que nos apoiarão o argumento que discute a importância atribuída por essas famílias à continuidade da atividade produtiva, não mais pela plantação cafeeira, mas por uma atividade alternativa, de serviços, ou seja, o turismo.

Procuramos expor, no decorrer desta fase introdutória do capítulo, algumas das questões teóricas que nossa problemática de pesquisa nos apresenta. Entre essas grandes questões com que deveremos nos preocupar, destacamos, de maneira sintética:

- O rural brasileiro e seu comportamento no seio da sociedade;
- Papéis e representações da aristocracia rural;
- História e estrutura das fazendas estudadas;
- Importância da continuidade e manutenção da estrutura através do turismo rural.

A Fazenda Capoava

O surgimento da elite se deu muito em função do açúcar. Esse produto modificou o panorama econômico e social de regiões do interior de São Paulo, criou novas estruturas viárias, desenvolveu o comércio e formou então a elite agrária local, ou seja, os donos de engenho formavam a principal classe da terra. Segundo Silva (2006), engenheiro era uma nomenclatura dada ao proprietário de engenho, que, mais tarde, se transformou em fazendeiro de café, sendo este inserido na então classe dominante. Eram homens educados, de fino trato e eram os próprios administradores da fazenda, onde moravam com sua família. Viviam em casas respeitáveis e o dinheiro do açúcar permitiu uma mudança de uma vida simples para uma vida de mais conforto (SILVA, 2006).

Em suma, o apogeu do café e a aceleração da vida urbana e também da ferrovia, foram catalisadores de mudanças materiais nas fazendas e alteração nos hábitos e mentalidade do campo, favorecendo um núcleo cultural e criação de clubes associativos, fomentando cada vez mais a sociabilidade em fins do século XIX.

No século XX, a partir sobretudo da década de 60, uma nova concepção de família se manifestou, dando margem a interpretações e contornos mal definidos, mas partindo de uma suposição comum, a de que a família é uma instituição fundamental e durável. Ela fornece uma espécie de denominador comum, ou linha básica, para toda uma cultura cujas várias partes podem diferir substancialmente em outros aspectos.

No Brasil, é possível observar a existência de um culto à família, o que talvez confira ao Brasil o título de país hospitaleiro, no senso comum.

Entretanto, a elite patriarcal familiar tem sido uma instituição pivô na história brasileira e que seu legado se faz sentir ainda hoje. Tão persuasivo é seu argumento e tão congruentes as suas principais características, que seu retrato da família patriarcal é amplamente aceito. Freyre (1994) discute em sua trilogia a ascensão do patriarcado rural na época colonial, seu declínio e substituição por um semi-patriarcado urbano e a desintegração de ambas as formas por volta do final do século XIX.

Conforme Levi (1974), a família patriarcal foi uma vasta rede de parentesco estendida verticalmente através da miscigenação e horizontalmente por casamento ou parentesco ritual entre a elite branca e a semi-branca. “Minha família” tem significado por muito tempo para a elite brasileira, uma estrutura social que inclui não só a família nuclear ou conjugal e a família extensiva, mas mesmo a mais ampla parentela. Nesse contexto,

lembramos também dos brasões de família, dos rótulos de produtos que levam o nome de família e o sobrenome que chancela os membros das famílias, tornando-se uma forma de apresentação e reconhecimento perante a sociedade.

Portanto, de forma ampla e simples, segundo Levi (1974), o modelo patriarcal consiste em “uma vasta, hierárquica, monolítica rede de parentesco, caracterizada pela submissão da mulher e dos jovens, uma “ordem privada” impermeável a formas públicas de organização e controle.” (LEVI, 1974, p. 28).

Estruturalmente, a família Prado era constituída de uma linhagem rica e influente na cidade, por volta do século XIX e XX. Eram proprietários de fazendas rurais e negócios espalhados por todo interior de São Paulo, embora mantinham sua base na cidade de São Paulo. Sobretudo no século XX, os Prado reestruturaram e ampliaram seus laços de parentesco com outras famílias de *status* e interesses semelhantes, constituindo, aumentando e agregando negócios, entretanto, mantendo a raiz rural e aristocrática, não desprezando seus negócios no meio rural, em detrimento de todo desenvolvimento econômico urbano, sendo observado através da manutenção e propriedade ainda persistente das fazendas rurais, comprovando que mesmo apesar do estabelecimento dessas famílias na cidade, o meio rural segue sendo importante e profícuo, em termos de rendimento financeiro, através da mudança de funcionalidade: do café para o turismo.

Em termos de dinâmica intra-familiar, a experiência da família Prado apresentava um grande viés, na medida que contrariava as regras do patriarcado e dominação dos homens sobre os jovens e mulheres. Um grande exemplo disso pode ser observado através de Ana Vicência Rodrigues de Almeida, uma matriarca Prado, que foi ativa nas questões econômicas, cuja residência era símbolo da solidariedade da família extensiva. Sua neta, Veridiana Prado, foi um membro independente e influente na vida cultural e econômica, mais celebrada que seu marido, de quem se divorciou, comportamento pouco comum no século XVIII e XIX. A própria neta de Veridiana também se divorciou e participou da *avant-garde* cultural da década de 20, sendo então considerada como ovelha negra na família, conforme ressalta Levi (1974).

Os Prado foram líderes nos primeiros estágios da modernização de São Paulo. A flexibilidade da estrutura familiar, a forte influência estrangeira, a consciência das forças e limitações do cenário brasileiro na época deram subsídios para um entendimento da cultura do país, que passava por um período de súbitas mudanças. Conforme aponta Levi (1974):

A adoção de valores capitalistas, que salientavam os lucros, a acumulação de capital e o investimento, o valor do trabalho, o oportunismo, a agressividade e a inovação – encontráveis na história da família desde o começo do século dezenove – permitiram à família desempenhar um papel especialmente importante na modernização econômica de sua região. (LEVI, 1974, p. 314).

Muito do êxito da família Prado se deve ao café, ao Estado de São Paulo. O *boom* da produção cafeeira que configurou um cenário de apogeu econômico no interior paulista na segunda metade do século XIX criou condições para a modernização contemporânea.

Economicamente, essa foi uma era de grande êxito para os Prado, que agregaram terra, mão-de-obra e capital para adquirir poder e riqueza substanciais. A fortuna teve ainda aumento maior através do sucesso do café, dando assim continuidade ao modelo previamente observado, da integração de interesses rurais e urbanos dentro da família, corroborando com o discutido por Levi (1974), acerca da tese marxista, de que a família burguesa é um instrumento para a reunião e preservação do capital, onde conflitos familiares raramente influenciam o destino econômico da família.

Nos anos seguintes, a família expandiu e diversificou seus interesses econômicos, mas foi colocada de frente aos problemas crônicos da economia do café, pois esta poderia ameaçar sua posição econômica, ou seja, mesmo a família Prado estando ligada a outros negócios na cidade, diversificando seus interesses no que diz respeito ao lucro, era inquestionável sua ligação com a terra, com o rural, com a produção das fazendas, pois esse negócio garantia à família uma espécie de chancela, de reconhecimento político e econômico, persistindo nos dias atuais.

Segundo Levi (1974), o próprio Antônio Prado sempre foi simpático ao fato de seus pais instigarem nos filhos o amor à terra e às tradições agrícolas. Para o empresário-fazendeiro e sua família, a fazenda era um ponto de referência primário e não apenas economicamente, mas social e psicologicamente, sendo possível observar até mesmo nos dias atuais, onde grande parte das fazendas que não mais se sustentam pela extração da terra ainda serem de propriedade das antigas e pioneiras famílias abastadas, pelo elo psicológico e, no caso das fazendas turísticas mais recentemente, pelo elo financeiro, como seria o caso da Fazenda Capoava, que segue pertencendo à família Almeida Prado.

A família de elite modernizante, conforme Levi (1974), restabeleceu um elo evolucionário entre o suposto passado patriarcal e o presente, no qual as funções políticas e econômicas das famílias de classe média e alta rural e urbana são reduzidas, mas não

extinguidas. A família modernizante é um novo caminho para análise de comportamento corporativista da elite e da divergência individual de normas grupais. O estudo de famílias como a Prado pode lançar luz à industrialização, à modernização e à integração urbano-rural no contexto brasileiro, já que tais famílias eram produtos e veículos para estes processos.

O conceito de família modernizante, portanto, encoraja uma visão dinâmica e funcional da estrutura familiar e traz a nossa memória laços causais entre padrões e comportamento familiares internos e os papéis externos familiares de ordem social, política e econômica. (LEVI, 1974).

A Fazenda Capoava em Itu, data do século XVIII. Do período de engenho de açúcar hoje a Fazenda Capoava guarda a sede, antiga residência dos proprietários, de arquitetura bandeirista. O casarão de meados de 1750 é construído em taipa de pilão, com capela anexa ao alpendre, que fazia às vezes de área social ao dono da fazenda. Capoava era então uma fazenda de cana de açúcar, na região ituana.

Em 1881, Fazenda Capoava foi vendida para a família Araújo Aguiar que muda sua denominação para Fazenda Japão e a transforma em uma propriedade cafeeira. Com a compra da propriedade por Virgílio de Araújo e seu genro João Guilherme da Costa Aguiar, ambos médicos, é instalada a produção de café. Várias são as transformações: venda de engenho de açúcar e pinga e montagem das tulhas de café. Além disso, o cultivo e a formação de cafezais. Neste período a fazenda terá a presença de dois tipos de mão-de-obra:

1) Escravos: Presentes desde a fundação do engenho de açúcar, no ano de 1885 a fazenda contava com 32 escravos. Em 1888 com a abolição da escravidão os escravos começam a ser substituídos por trabalhadores livres e imigrantes;

2) Imigrantes: As primeiras famílias chegam por volta de 1890 vindos sobretudo da Itália, como a família Nonnes, atual Nunes, para substituir os escravos. Primeiramente moraram na antiga senzala, mas devido à resistência a este tipo de moradia precária, começaram, no início do século XX a construção das colônias, os atuais chalés de hospedagem. Os imigrantes abriram também olarias para fabricar tijolos.

Após a morte de Virgílio Araújo Aguiar, neto de Virgílio de Araújo a fazenda é vendida ao Sr. Quinzinho Galvão e por fim à família Leite Lara, proprietários de fazendas de café e gado da região. O cultivo de café é então trocado pela pastagem de gado de corte e leiteiro até o ano de 1979. As senzalas são derrubadas e a propriedade é desmembrada,

formando a Fazenda Santana que tem seu núcleo composto de sede, tulhas, colônias e arredores. Vendida posteriormente ao Sr. Alberto Taliberti, irá reformar a sede, implantar um projeto paisagístico e construir galpões onde eram realizados leilões de animais. Vendida a propriedade em 1989 ao Sr. Marcos Serra continuará com a atividade de gado, reformará a antiga tulha com seu maquinário de café.



Foto 8: Casa sede no século XVIII.
Fonte: Fazenda Capoava, 2010.

Em 2000 o casal Paulo e Neca, da família Almeida Prado, adquirem parte da área da Fazenda Japão para a instalação do hotel, esta retoma assim, sua denominação original do século XVIII, Capoava. Por ocasião desta venda, há mais um desmembramento ficando o Sr. Marcos Serra com uma parte onde antes era utilizada como pasto, fundando uma nova propriedade, a Fazenda Jequitibá.

Curioso notar que, os aristocratas Almeida Prado, embora historicamente conhecidos por sua posse e ligação com a terra, não detinham a posse da Capoava e, somente recentemente a adquiriram, retomado assim, boa parte de suas características

originais, utilizando-a como argumento turístico. A ligação com a terra e com a produção econômica segue forte no cerne das famílias aristocratas paulistas, haja vista a história da Fazenda Capoava. A fazenda hoje possui 3 blocos com 18 chalés no total, a aproximadamente 180 metros da sede. Cada chalé comporta até 4 pessoas. Ainda, perto do lago, a 260 metros da sede, há mais 3 chalés românticos. Além disso, as antigas senzalas abrigam 4 chalés. A fazenda, portanto, contém, no total, 25 chalés.



Foto 9: Casa sede atualmente.

Fonte: Acervo da autora.

Discutindo acerca de questões estruturais, o acesso à fazenda Capoava não é complicado, há sinalização ao longo de todo o caminho e a estrada é conservada até a portaria da fazenda. É possível observar a preocupação dos gestores no que diz respeito à chegada do visitante à fazenda, alertando para curvas, depressões e lombadas. Essa preocupação também é observada ao longo de toda a fazenda, pois a sinalização dos lugares e o que representa cada edificação é visivelmente planejada.



Foto 10: Sinalização no interior da fazenda.

Fonte: Acervo da autora.

A sinalização presente é um indicativo de hospitalidade, conforme discute Grinover (2007), pontuando que uma cidade ou uma localidade, ao orientar seu visitante, se preocupa com o seu bem-estar e sua segurança, conduzindo-o ao destino desejado sem incidentes.



Foto 11: Estrada Bairro Pedregulho – Itu, acesso à Fazenda Capoava
Fonte: Acervo da autora.

A entrada da fazenda também é muito bem sinalizada, onde é possível observar várias placas indicativas da distância à portaria principal. A partir da entrada principal, há um pequeno caminho de terra a ser percorrido, que já compõe parte da propriedade da fazenda, nos seus 50 hectares.



Foto 12: Portaria de entrada Fazenda Capoava

Fonte: Acervo da autora.

Diferentemente da fazenda Águas Claras, a Capoava passa uma imagem verdadeira do que é a fazenda, em termos estruturais e históricos, todavia, não conserva a dinâmica de fazenda, ou mesmo o dia-a-dia de uma fazenda. Não há plantações de café, animais ou gado. O que ainda se conserva são os cavalos, uma vez que são utilizados para as atividades de lazer da fazenda.

Essa constatação nos leva a discutir a respeito da real função estrutural da fazenda, uma vez que as discussões acerca do turismo rural descansam sobre o cotidiano operacional de uma fazenda, entretanto, cabe uma reflexão interessante a respeito do real motivo que faz com que hóspedes busquem ambientes e paisagens rurais.



Foto 13: Espaço das cocheiras na Fazenda Capoava

Fonte: Acervo da autora.

Ao serem questionados a respeito da não funcionalidade rural, propriamente dita, o gestor e chefe de cozinha Danilo Costa e o responsável pelas atividades de lazer e educação ambiental, Rafael Viana, relatam que os hóspedes e visitantes não estranham, tampouco se importam com essa questão, uma vez que usufruem da fazenda enquanto espaço de lazer e promotora de um contato estreito com a natureza, como podemos observar em seus relatos:

Não somos um hotel fazenda e sim um hotel que está dentro da fazenda, que é histórica. Não tiramos leite da vaca, não colhemos ovos e o único animal que nós temos é o cavalo, para as atividades de lazer. A fazenda produz turismo, cultura e conhecimento. A pequena plantação de café que há serve apenas para contar a história da fazenda. (COSTA, 2012; VIANA, 2012).

O grande atrativo da fazenda Capoava, segundo Danilo e Rafael, é o lazer, o meio ambiente e a possibilidade de interação, a culinária e o fator histórico. Tudo isso, aliado ao atendimento, forma o grande diferencial da fazenda.

E interessante levantar que toda a estrutura histórica do casarão, que existe até os dias de hoje, nos traz a seguinte reflexão: o rústico do passado *versus* o requinte do presente, ou seja, como que no passado, uma situação ou um comportamento era considerado “caipira” e hoje é um grande argumento de venda e atrativo para o turismo.

Segundo Danilo, que se autodenomina como o “peão” da fazenda, o povo caipira é muito hospitaleiro, pelo seus casos, modas de viola, culinária peculiar, proximidade com a natureza, culto à vida simples, enfim, todos esses fatores concorrem para transformar a fazenda em um estabelecimento constituinte de uma associação como a Roteiros de Charme, por exemplo, que privilegia os aspectos sociais, ambientais, estruturais, culturais e de memória, fazendo com que a fazenda não seja apenas um local comum de fruição e lazer, mas de aprendizado, informação e socialização.



Foto 14: Foto antiga da Capoava, à mostra no Espaço Cultural atualmente na Fazenda
Fonte: Acervo da autora.

Houve várias adaptações estruturais ao longo do tempo, por exemplo: o casarão não foi construído, ele já existia e foi adaptado, tal como os batentes, as portas, a madeira

tratada, todavia, os gestores se esforçaram ao máximo para manter a originalidade, tais como as paredes, que são originais, por exemplo.



Foto 15: Foto antiga da casa sede da Capoava, à mostra hoje no Espaço Cultural da Fazenda

Fonte: Acervo da autora.



Foto 16: Foto atual da casa sede da Capoava, tal como se apresenta hoje
Fonte: Acervo da autora.

Houve algumas intervenções na tulha, que no passado, era um grande galpão destinado ao estoque e beneficiamento do café e atualmente, é utilizado como sala de estar e socialização. Há outras fazendas no interior de SP que utilizam a tulha como espaço para recepção de grandes eventos, tais como cerimônias e festas de casamento.



Foto 17: Sala de estar junto à tulha

Fonte: Acervo da autora.

As casas dos antigos colonos são hoje as unidades habitacionais, assim como a senzala doméstica, anexa à casa sede, que atualmente abriga a recepção da fazenda. A máquina de beneficiamento de café ainda é original, assim como o moedor de cana e utensílios para fazer farinha, que se localizam no espaço cultural, que será em breve transformado em museu, que abrigará um projeto museológico, coordenado pelos gestores e funcionários Danilo e Rafael.



Foto 18: Utensílios antigos, utilizados na lida da plantação, hoje expostos em frente ao Espaço Cultural da Fazenda
Fonte: site Acervo da autora.



Foto 19: Máquina original, de beneficiamento de café, hoje exposta no Espaço Cultural da Fazenda
Fonte: site Acervo da autora.

Os hóspedes chegam à fazenda Capoava através da divulgação boca-a-boca, através da Associação Roteiros de Charme e através dos eventos, que captam muitos visitantes, visto que a fazenda conta com uma larga carteira de clientes e, através de uma vinda por meio dos eventos comerciais, a fazenda se faz mostrar, sua estrutura, seu atendimento, seus trabalhos junto à natureza, por meio das atividades de lazer e, com isso, esses visitantes regressam trazendo suas famílias, amigos e parentes.

A fazenda é um grande referencial para a cidade de Itu e o grande desejo dos gestores, proprietários da fazenda é fazer com que haja um roteiro de visitação e turismo por outras fazendas localizadas no bairro Pedregulho, onde se localiza a fazenda Capoava, para que então, mais uma possibilidade de fruição e integração possa surgir. Reflexo disso é a ampliação pela qual a fazenda está passando, onde mais unidades habitacionais estão sendo construídas para que a capacidade aumente.

A fazenda Capoava possui uma cultura de hospitalidade muito presente, através da sua culinária caipira, através da interface com a natureza e preocupação com o seu bem estar, aliado ao bem estar dos colaboradores e hóspedes, através da manutenção da cultura por meio da criação de um espaço cultural e museu que resgata e mantém acessa a cultura e a história do lugar, sua produção de outrora, sua dinâmica social e econômica e as pessoas que passaram por ali. Esse museu será configurado com fotos e vídeos que contam a história da fazenda por meio de uma linha do tempo e todos os seus ciclos: o da cana, o do café, o do gado e agora o turismo.



Foto 20: Feijão tropeiro no fogão à lenha
Fonte: site Acervo da autora.



Foto 21: Mesa posta para o feijão tropeiro completo

Fonte: Acervo da autora.

Todos se conhecem pelo nome e os colaboradores também se esforçam, naturalmente, para conhecer e chamar os hóspedes pelo nome, para criar uma atmosfera familiar e intimista, uma vez que muitos hóspedes são cativos, sempre retornam. Quando há na fazenda um hóspede que é conhecido, é normal que os colaboradores conheçam seus gostos, pois exercitam e aguçam a sensibilidade na observação, para que consigam captar momentos e situações que faça com que possam ser lembrados futuramente. Dessa forma, sempre superam suas necessidades, descobrem antecipadamente seus desejos e cuidam de providenciar o que é do gosto desses hóspedes, sempre trabalhando de forma integrada, ou seja, um colaborador da recepção passa alguma informação relevante e interessante para o pessoal da cozinha, da recreação e lazer e assim por diante.

Esses hóspedes, segundo Rafael Viana, fazem amizade uns com os outros, seus filhos brincam juntos e os laços se estreitam dessa forma, a ponto dessas pessoas, antes desconhecidas, passarem a se convidar para as festas de aniversário suas e de seus filhos, em suas respectivas cidades de origem. A verdadeira intenção, segundo Viana, é que haja

total interação com a natureza formando uma única família no final de semana de hospedagem.

O que é possível perceber é que a fazenda cria ambientes e propicia o contato entre esses hóspedes através de seus espaços de convivência e socialização, tais como o pergolado, a casa da cocheira, as diversas salas de estar, o alpendre bandeirantista, que primava pelos espaços avarandados onde era e continua sendo possível e permitido as conversas, casos, modas de viola e também expressão da religiosidade, confirmado pela presença da capela anexa à casa sede.



Foto 22: Alpendre localizado na casa sede da Fazenda, hoje, grande espaço de socialização
Fonte: Acervo da autora.

Originalmente, o fogão à lenha nas cozinhas das fazendas nunca se apagava e sempre havia um bolo e um bule de café esperando por alguém, cenário este que se repete nos dias atuais da fazenda Capoava. Ademais, os fogões eram mantidos acesos 24 horas para que não houvesse fortes rupturas em sua estrutura em virtude de grandes choques de

temperatura advindos do procedimento de acender e apagar, e a mesa está sempre posta, com algum quitute à espera.



Foto 23: Fogão à lenha, localizado junto ao espaço da tulha e pergolado

Fonte: Acervo da autora.



Foto 24: Mis-en-place sempre pronta nos aparadores
Fonte: site Acervo da autora.

Outra curiosidade da fazenda é que não há comercialização de produtos internacionais, ou seja, os vinhos servidos são todos nacionais e a cachaça é paulista. No princípio houve grande resistência por parte dos hóspedes, segundo relata COSTA, todavia, foi feito um grande trabalho de educação e informação culinária e ambiental, sistemático, que envolveu hóspedes e colaboradores. Todas as degustações são de produtos nacionais e paulistas.

Em relação ao olhar do visitante e hóspede para a paisagem rural, ou seja, como ele se relaciona com o ambiente rural, segundo relatos de Viana, os hóspedes se mostram abertos e receptivos ao cotidiano de uma fazenda que está localizada em um meio rural:

Não vamos dizer para os visitantes não virem porque aqui tem aranha, pois é exatamente o contrário, venham porque tem aranha! E eles interagem super bem com isso, pois caso haja alguma aranha, o pessoal coleta o bicho e depois ele é solto à noite como uma atividade de lazer, onde todos os hóspedes são chamados a ver e a presenciar, tornando-se um grande atrativo para as pessoas. (...) Não tem estranhamento dos hóspedes. (COSTA, 2012; VIANA, 2012).

Situação curiosa aconteceu durante o trabalho de campo, no momento das entrevistas, no pergolado: presenciamos uma chuva torrencial e por isso, várias goteiras começaram a surgir do teto do pergolado e questionei sobre a reação dos hóspedes em situações como aquela e a resposta foi: “os hóspedes compreendem isso e recebem com tranquilidade. Os filhos até perguntam para a mãe se podem brincar na chuva”. (COSTA, 2012; VIANA, 2012).

Ou seja, esse relato demonstra a busca e o grande desejo de interação com a natureza e com situações que não fazem parte do cotidiano desses hóspedes.

Em relação à impressão e sensação dos hóspedes em pernoitar na senzala, Danilo nos relatou que eles não tem restrições e estranhamento e até se interessam, fazendo piadas a respeito de barulhos suspeitos e móveis se arrastando à noite, ou seja, esse fato é encarado como novidade, como atrativo e/ou com indiferença. Mais uma vez é possível perceber a questão do consumo, da mercadoria e do simulacro discutido por Baudrillard (1991), na medida que o interesse dos hóspedes se dá pelo diferente, pelo curioso, pelo representante simbólico e não propriamente por sua função no passado, não causando, dessa forma, estranheza e sim, curiosidade e diversão.

Dando sequência à questão do simulacro, não podemos deixar de constar que a Capoava está presente na mídia, seja por meio de suas iniciativas, seja por meio suas atividades e, sobretudo, em virtude de sua presença na Associação Roteiros de Chame, que lhe garante visibilidade nacional, ressaltando que, para constar em seu catálogo, uma série de pré-requisitos devem ser cumpridos, que por si só, ajudam na garantia da qualidade e da expressão do requinte.



Foto 25: A Capoava na mídia - Associação Roteiros de Charme
 Fonte: Acervo da autora.

A Fazenda Águas Claras

A Fazenda Águas Claras, em Itapira, data do século XIX. Preserva em suas dependências o estilo arquitetônico original, trazido pelos imigrantes italianos, como os móveis de madeira nobre e utensílios de época. Os apartamentos estão localizados na antiga casa sede da fazenda, todos com banheiros com azulejos pintados a mão e dois bangalôs com lareira, cama king-size e hidromassagem, com uma bela vista panorâmica de sua varanda.

De terras privilegiadas, relevo montanhoso e água abundante, a Fazenda Águas Claras surgiu com a vinda do café para o interior paulista. Após o declínio das plantações cafeeiras nas grandes fazendas do vale do Paraíba, o café alcançou uma nova fase de desenvolvimento, impulsionado pela facilidade de transporte com a construção da ferrovia dos ingleses em 1867 e com a ajuda da substituição da mão-de-obra escrava por imigrantes italianos, sendo chamado nesta época de “ouro verde”.



Foto 26: Pórtico antigo, de entrada para a Fazenda Águas Claras, datado de 1870.
Fonte: Acervo da autora.

Assim que formados os cafezais da Águas Claras, por volta de 1870, foram construídas pela família do Comendador Araújo Cintra a casa-sede, as tulhas e a marcenaria, todas com paredes de taipa-de-pilão, e o imenso terreiro para a lavagem e secagem do café, inteiramente ladrilhado com lajotas de barro e em pleno funcionamento até hoje. À este típico quadrilátero da arquitetura cafeeira, foi incorporada por volta de 1940, uma outra casa-sede de maior e de novo formato, com um fato raro de preservação histórica: a construção foi feita ao lado da antiga casa-sede da fazenda, onde hoje funciona a charmosa Hospedaria Águas Claras – Fazenda Ambiental, de propriedade da Família Barbosa-Aranha.

A família Barbosa-Aranha adquiriu a fazenda na década de 1970 e não necessariamente possuía ligação com a terra ou detinha grandes propriedades. A intenção da fazenda veio para alavancar negócios, uma vez que eram empreendedores em São Paulo e possuíam gosto pelo campo e pela natureza. O empreendimento tomou um vulto e houve uma rua que até levou o nome do patriarca da família, Sr. Roberto Aranha, no bairro onde se localiza a fazenda, o bairro Águas Claras, denominando a propriedade.

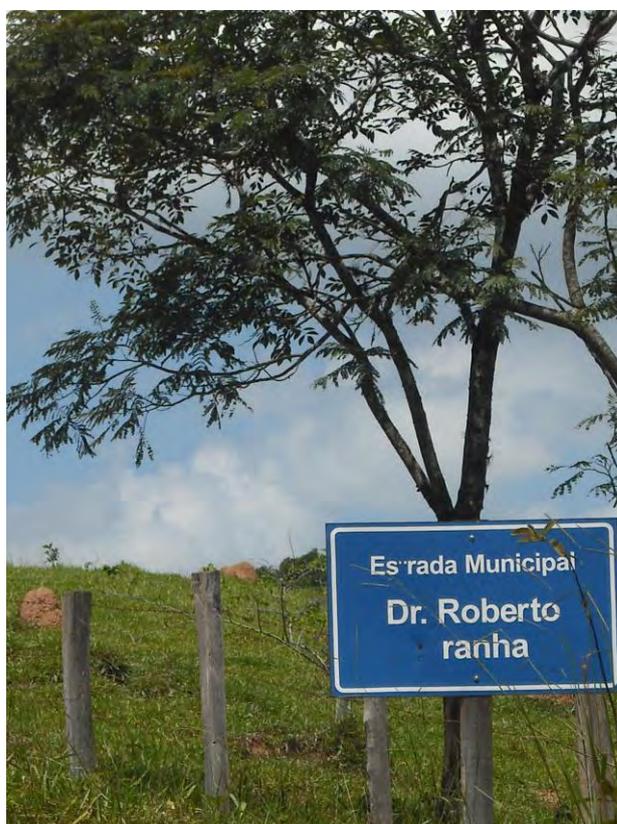


Foto 27: Estrada de acesso à Fazenda Águas Claras
Fonte: Acervo da autora.

Todo o complexo arquitetônico da propriedade encontra-se muito bem conservado e a antiga casa-sede foi cuidadosamente restaurada preservando suas características originais. Foram feitas algumas adaptações no casarão histórico para seus visitantes serem recebidos com conforto e requinte. A rusticidade das madeiras nobres aparentes e os alto-relevos que decoram portas e janelas transmitem uma sensação de delicadeza e aconchego, aguçados pelos inúmeros detalhes encontrados nos quatro cantos deste recanto.

A fazenda possui 6 apartamentos, 4 unidades na casa-sede e 2 unidades nos jardins da piscina. Além disso, há 2 novas suítes com vista panorâmica. Além dos apartamentos e suítes, há 2 bangalôs, equipados com hidromassagem, lareira e varanda com rede.

Nos jardins, palmeiras imperiais, primaveras e espatódeas dão o tom das cores o ano inteiro, sempre ao lado de árvores nativas, flores exóticas, peças e utensílios centenários, envolvendo a fazenda num paisagismo peculiar.

Desde o início, o projeto de adaptação da Fazenda Águas Claras para o turismo rural, obedeceu a alguns critérios pré-estabelecidos, dos quais, os mais importantes são a valorização histórica-cultural, a manutenção das atividades agro-silvo-pastoris e a preservação da natureza, garantindo o desenvolvimento do turismo sustentado na propriedade. Com base nesses critérios, a marca Fazenda Ambiental é responsável pelo planejamento, controle e divulgação do empreendimento.

O acesso à fazenda não é tão evidente. O endereço descrito em sua página é Km 35 da Rodovia SP 147 – Itapira. Todavia, no Km 35, há uma estrada de terra, à direita, onde há uma placa bem pequena e pouco visível, indicando o caminho para a entrada da Fazenda.



Foto 28: Estrada de acesso à Fazenda Águas Claras

Fonte: site Acervo da autora.

Sobre essa questão da sinalização, o proprietário da Fazenda, Eduardo Aranha, nos relatou que havia uma placa maior e mais visível na estrada, mas que o DER a retirou e que na opinião dele, foi até melhor:

Muitas pessoas chegavam apenas para ver ou para conhecer, sem reservas e isso acabava comprometendo a segurança e atrapalhando um pouco a nossa dinâmica de trabalho, pois os hóspedes chegam aqui somente com reserva, sabem o caminho e onde estão indo e por outro lado, nós já estamos preparados e aguardando para recebê-lo. (ARANHA, 2012).

A fala do proprietário evidencia a proposta personalizada, direcionada ao público que se espera receber e acrescenta que, na região da fazenda não há sinal de celular, tampouco de internet, reforçando a ideia de uma experiência concentrada, voltada totalmente para aquele momento e para aquele ambiente, cuja conexão com o mundo exterior é bloqueada.

As reservas são feitas no escritório em São Paulo e por isso, não há como chegar à fazenda se não houver esse conhecimento e indicação prévios, nos remetendo, mais uma vez, à questão da personalização, reforçada pelo proprietário Eduardo Aranha.

O fato do direcionamento da fazenda ser bem específico e necessitar de orientação, nos leva a crer que o proprietário cria e planeja um produto que de fato, culmina para a individualidade, intimismo e, sobretudo, para a personalização, uma vez que já se cria uma relação próxima e específica para cada visitante/hóspede, além de garantir que os hóspedes que já se encontram na fazenda tenham segurança e, da mesma forma, sejam atendidos com cuidado e atenção, evitando a massificação.

E, por falar em individualidade, a recepção a fazenda se dá pelo funcionário Isaias, que cuida de toda a fazenda, desde a recepção e gestão/contratação de funcionários até a organização da cozinha e serviços cotidianos do andamento da fazenda.



Foto 29: Recepção do Sr. Isaias, junto ao fogão à lenha
Fonte: Acervo da autora.

Toda a ambientação do espaço remete ao campo, ao modo de vida simples e caipira, desde o assoalho, a iluminação e a presença do fogão a lenha. A recepção se dá de

forma personalizada e calorosa, e é perguntado ao hóspede o que se quer fazer, o que mais gostaria de visitar primeiro, ou seja, quem dá o tom da visita é o hóspede, cujo formato é maleável e flexível, visando sempre o atendimento das necessidades do visitante. Há um cafezinho com bolo e a constante pergunta: “você se já está com fome?”, ou seja, todo o cuidado que se tem com quem “é de casa”, e ainda, ouvimos o Sr. Isaias (2012) dizer que: “Estava esperando vocês e já estava preocupado, achando que tinham se perdido. Estava esperando vocês mais cedo!”.

A função do Sr. Isaias na fazenda é de um “capataz”, ou seja, aquele que cuida de todos os afazeres e necessidades de uma casa/propriedade, desde compras, contratação de pessoal para trabalhar na propriedade, até a cozinha, o enxoval e o bem-estar geral da casa. Ele se autodenomina como tal, falando com orgulho de seu importante papel.

Ao ser indagado sobre sua função na fazenda ele diz orgulhoso: “sou eu quem faz e cuida de tudo aqui. Sou o braço direito do Eduardo, desde o tempo do pai dele, que não era um patrão, ele era um amigo”. (ISAIAS, 2012).

A fala do Sr. Isaias traz a tona a questão da família. Por meio da proximidade e dos laços entre patrão e funcionário, é possível recriar situações similares as que ocorrem em um ambiente familiar, com pessoas que lhe são queridas e íntimas. No caso do funcionário Isaias, fica evidente sua lealdade pelo seu patrão atual, lealdade esta reforçada pela lealdade de outrora, que já existia pelo patrão anterior, que o ajudou a construir a sua própria casa, doando cimento e outros tantos materiais necessários a uma obra.

Essa lealdade é facilmente convertida em reciprocidade, refletida no cuidado com que o Sr. Isaias toca a fazenda, recebe os hóspedes e visitantes e fala de seus patrões. Dessa forma, a família acaba sendo, naturalmente reproduzida, de forma espontânea, cujos efeitos são sentidos por todos, havendo, portanto, expressão da hospitalidade doméstica, ainda que em um ambiente onde também prevalece a hospitalidade comercial, cuja troca é a moeda.

Para corroborar com o que foi ponderado, lembramos que, ao final da visita à fazenda, o Sr. Isaias nos presenteou com um queijo, feito pelas suas mãos, para que levássemos embora um pouco da cultura caipira, representada pelo queijo e também para que não nos esquecêssemos dele e da fazenda, como uma tentativa de se materializar a experiência vivida e o carinho recebido.

Há outros vários colaboradores na fazenda, sempre dispostos a acompanhar o visitante para conhecer a fazenda, alegando que os hóspedes gostam de interagir com os funcionários e com a atmosfera da fazenda:

Eles interagem muito: andam por toda a fazenda, pescam, andam a cavalo, de bicicleta, gostam de andar na plantação de café. Alguns são ‘frescos’ e dizem que não querem nem ouvir latido de cachorro, mas é raro, a maioria gosta muito de tudo aqui da fazenda. (ISAIAS, 2012).

É notória a preocupação dos colaboradores em dar atenção ao visitante e é possível perceber que eles apresentam a fazenda como se fosse sua própria casa, seu próprio ambiente, o que não é falso. Quase todos os funcionários residem na área da fazenda, sendo esse espaço dividido da Hospedaria Águas Claras, se denominando Fazenda Ambiental.

No conjunto da Hospedaria é possível identificar as unidades habitacionais, onde ficam os quartos e conhecer como era a estrutura no passado. A fazenda sofreu poucas alterações: onde era a casa sede hoje funciona um grande salão para receber os hóspedes e tomar um café ou mesmo almoçar.

Anexa a casa sede se encontra a senzala, como nos relatou o Sr. Isaias (2012): “a senzala ficava ao lado da casa sede, eu acho que era para tomar conta dos escravos que gostavam de fugir”.

Ao todo, hoje, são 04 unidades habitacionais localizadas no espaço onde outrora era compreendida a casa sede.



Foto 30: Unidades habitacionais anexas à casa sede, antigamente era a senzala doméstica
Fonte: Acervo da autora.

Segundo relatos dos funcionários, os hóspedes se interessam pela estrutura e sempre tem curiosidade, querendo saber o que representava aquele cômodo no passado, não demonstrando estranhamento por antigamente aquela unidade habitacional ter sido uma senzala. A reação é exatamente contrária, segundo relato do Sr. Isaias, os hóspedes adoram.

A reação dos hóspedes em relação às adaptações feitas no casarão indica que há, de fato, uma apropriação simbólica bem sucedida em termos de estrutura e função, ou seja, as pessoas tornam-se consumidoras de mercadorias, reforçando a ilusão de que as sensações e experiências também podem ser compradas, retomando Baudrillard (1991).

Prosseguindo no relato das estruturas, a fazenda possui uma cafeteria que também serve de recepção para os hóspedes, onde é possível encontrar o café que é plantado na

própria fazenda, em sua versão expresso, gourmet e orgânico, torrado, em grão ou em sachê.



Foto 31: Cafeteria e loja de produtos da Fazenda, localizada junto à entrada, também funciona como espaço de recepção dos hóspedes/visitantes.

Fonte: Acervo da autora.

Os funcionários também acompanham os visitantes até a cafeteria, formatando um procedimento de praxe, onde acontece a apresentação de todos os cafés, recheada de história de como eles são plantados e sobre a preferência de cada hóspede, que já vai ficando impressa na memória desses funcionários, incrementando ainda mais o processo da hospitalidade. Este fato é muito curioso, pois há inúmeros hóspedes que visitam a fazenda todo o tempo, cuja maioria se origina da cidade de São Paulo e também muitos estrangeiros, que ficam sabendo sobre a fazenda através da Associação Roteiros de Charme.

O proprietário Eduardo Aranha relata que a Associação é muito interessante, pois os próprios associados criam um controle de qualidade e avaliam os parâmetros de cada estabelecimento, ajudando-os a manter a verdadeira essência do negócio.



Foto 32: Casa sede, não assobradada, cuja varanda compõe um patamar alargado que permite a conjugação de pessoas que pretendem conversar, se conhecer, interagir.
Fonte: site Acervo da autora.

Várias são as características relevantes que compõem a simbologia a qual a Roteiros de Charme lança mão. Como um grande exemplo, podemos citar a culinária típica caipira, cujo almoço é servido no fogão à lenha, bem característico do ambiente da fazenda. O cardápio contém virado de banana, batata doce, feijão, sucos naturais e sorvete de café como sobremesa. Ou seja, ingredientes que nos remetem à terra e conseqüentemente à hospitalidade, nos apresentando um pouco da cultura através da gastronomia.



Foto 33: Fogão à lenha com a comida posta: virado de banana e feijão sempre presentes
Fonte: Acervo da autora.

O proprietário Eduardo Aranha costuma se sentar à mesa com os hóspedes, fazendo com que o almoço aconteça de maneira informal e bem intimista. Seu relato dá indícios dessa interação:

Estou sempre aqui, recebendo, conversando, orientando e participando das atividades quando possível e percebo que a fazenda cria um ambiente propício para a socialização entre as pessoas que estão hospedadas: crianças se juntam e os pais delas ficam amigos e os próprios passeios também promovem isso, pois o grupo sai junto para a plantação de café ou para andar à cavalo. (ARANHA, 2012).

O relato de Eduardo Aranha deixa claro que a hospitalidade doméstica é de fato presente e sobrepõe à característica de estabelecimento comercial, ou seja, o hotel, justificando, novamente, a nomenclatura Hospedaria Águas Claras. Neste caso, sua atuação

na fazenda extrapola a do simples proprietário, detentor de terras e explorador, adentrando a seara do doméstico, da proximidade que a dinâmica da casa promove, da interação com os hóspedes, enfim, do grande espaço da sala de estar que culmina sempre no mesmo objetivo. Essa situação nos remete ao casarão da Fazenda Capoava, onde a casa sede possui um alpendre para que os senhores pudessem receber as pessoas, conversar, tratar de negócios, se relacionar, exercer a hospitalidade.



Foto 34: Na casa sede, entrevistando, tomando café e interagindo com Eduardo Aranha
Fonte: Acervo da autora.

Dando seqüência à discussão a respeito da socialização, a foto abaixo ilustra um equipamento utilizado nas atividades de lazer, que serve para transitar com os visitantes ao longo de toda a extensão e magnitude da Fazenda. Nota-se, que a carroceria do caminhão é grande o bastante para acomodar todos juntos de uma vez, contribuindo para a interação das pessoas.



Foto 35: Caminhão utilizado para levar os visitantes à plantação de café

Fonte: Acervo da autora.

A vida na fazenda acontece normalmente. Ao chegar, fomos surpreendidos por pessoas pescando, crianças andando de bicicleta, filhos dos trabalhadores correndo pela fazenda, enfim, moradores do próprio local. Em conversas com o funcionário Marconi, que nos levou de caminhão pela plantação até o mirante da propriedade, que possui 340 hectares, foi possível perceber que os funcionários são satisfeitos com a vida na fazenda e a dinâmica do dia-a-dia se confunde com os afazeres domésticos e turísticos, onde muitas vezes não é possível separar uma situação da outra:

A fazenda é um lugar muito bom de se trabalhar. Moro com a minha esposa e com meus filhos. Aqui os meninos andam de bicicleta, estão junto da gente, vão para a escola de manhã e se a gente quiser dormir de porta aberta, com o calor, pode. A gente ganha cesta básica e se não dividir com outra pessoa até perde. Minha esposa trabalha na cozinha. Aqui é muito mais sossegado que na cidade. Eu trabalhava no Habbibs e não ganhava o que eu ganho aqui e a vida era agitada (MARCONI, 2012).



Foto 36: Plantação de café e explicação do funcionário Marconi sobre o tipo de café
Fonte: Acervo da autora.



Foto 37: Casas de funcionários da fazenda, localizadas dentro da propriedade, onde a vida acontece normalmente

Fonte: Acervo da autora.

O relato de Marconi traz à tona a discussão a respeito da mulher, do gênero, da participação feminina nos negócios e o quanto a mulher toma frente da gestão por suas características intrínsecas e aptidão para o cuidar, pelo servir e pela organização da casa, nos remetendo, novamente, à essência da hospitalidade.

À medida que os funcionários vivem na fazenda e fazem dela a sua casa, automaticamente as famílias desses trabalhadores também tomam a propriedade como sua casa, sendo possível identificar uma dinâmica de vida que compreende a preocupação com o bom andamento das coisas na fazenda, da cozinha, da limpeza, da organização, das compras e, em suma, do outro.

É forte também a presença de objetos antigos ainda presentes na tulha, que remetem ao café e à plantação, dispostos de forma a propiciar uma visitação, simulando um espaço de apresentação de peças antigas, reforçando mais uma vez a rusticidade e o passado ligado a cultura do café que hoje é produzido de forma sustentável, cuja cultura é orgânica, sendo produzido e vendido na propriedade, representando novamente um símbolo da

hospitalidade, que também faz parte das condições impostas pela Associação Roteiros de Charme, como por exemplo, o cultivo socialmente responsável, a embalagem feita de juta, por artesãos locais, cuja finalização do produto é feita pelos próprios funcionários da fazenda, tais como o laço, a amarração e o selo, por exemplo, promovendo e fomentando o negócio local.



Foto 38: Maquinário disposto no espaço cultural da fazenda
Fonte: Acervo da autora.

Outro aspecto que deve ser levado em conta, em termos de análise, é o simbolismo que a religiosidade carrega. Novamente, é possível observar a presença de imagens e símbolos religiosos espalhados pelo casarão, demonstrando que os proprietários se importam com esse valor e fazem questão que esses valores estejam à vista.

É possível, portanto, retomar Holanda (1997), quando este autor considera que os traços religiosos constituem os traços que formam o caráter nacional, ou seja, a

religiosidade que torna Deus e os santos amigos familiares e, aqui nesse caso, aproximando pessoas e estreitando laços através das crenças comungadas.



Foto 39: Religiosidade presente, observada pelos símbolos ao longo da fazenda
Fonte: Acervo da autora.

Outro fator observado que nos remete à hospitalidade doméstica, rompendo com as regras observadas na hospitalidade comercial é a ausência de horário para as atividades:

Não tem horário para isso ou aquilo, eles fazem quando querem, ou esperamos juntar um grupo no horário da manhã. Não tem aquela coisa de bandeirinha, horário de saída e retorno, isso os deixa à vontade e com o sentimento de que são donos da fazenda. Às vezes até dificulta um pouco o nosso trabalho, pois não há como planejar muito e compromete um pouco a dinâmica dos funcionários, sempre à disposição. (ARANHA, 2012).

Ainda, em relação a outro aspecto da domesticidade, tem-se o fato do horário de chegada à fazenda. É indicado que se chegue para o jantar, não muito tarde, todavia, há pessoas que chegam às 2 horas da manhã, e, como em uma casa, essas pessoas estão sendo aguardadas e serão recebidas.

Uma situação similar, relatada por Eduardo Aranha, foi a de um casal, que não havia reservado e resolveu “chegar” pois estavam pelas redondezas, sabiam da fazenda e tinham as coordenadas do GPS. Como não havia mais disponibilidade e era próximo ao horário do almoço, foram convidados a almoçar. Almoçaram e depois seguiram viagem.

Eduardo nos relatou que desde criança se interessa pelo ambiente da fazenda e gostava muito de saltar de asa delta na região de Andradas, Minas Gerais, perto da região de Itapira. Aliado a isso, o desejo de dar continuidade a todo o negócio do café iniciado pela família, agregado à proposta do café orgânico e turismo rural, fez com que ele assumisse os negócios da fazenda, vindo complementar também a sua formação na área de turismo.

Indagou-se se os hóspedes que vem até a fazenda possuem a motivação e o interesse pela terra, pelo ambiente rural e, se o que os atrai é a ligação que porventura possuem com a terra e Eduardo nos diz que “muitos vem por esse motivo, porque gostam do ambiente da fazenda e querem também fugir do cotidiano e descansar e, para a família e as crianças é uma ótima programação”.

Sobre a divulgação de fotos e informações no site, perguntei qual a motivação para se construir uma página no formato da página da Fazenda Águas Claras, ou seja, sem muitas imagens e depoimentos de hóspedes, enfim, qual era a intenção verdadeira:

Não é mesmo a intenção mostrar muito. Também sou fotógrafo e, como a Fotografia, não se revela muito para que as coisas fiquem no mistério e não se crie uma expectativa prévia. Vou enxugar ainda mais o site, incluir algumas fotos, mas ainda não mostrar muito. (ARANHA, 2012).

Em se falando da divulgação da Águas Claras para o público, e da apresentação da fazenda na mídia, é possível identificar aspectos do requinte muito evidentes nos encartes e no próprio endereço eletrônico das fazendas, através da seleção das fotos, das cores, da disposição das informações, apresentando-se muito fiel à proposta da Associação Roteiros de Charme.

Sobre os aspectos relacionados ao luxo e a oferta de serviços na fazenda, Eduardo relata que:

O que se pretende aqui é Cama, Banho e Cozinha, bem seguindo o conceito da Hospedaria, mas com qualidade, ou seja, a própria Hotelaria. Pensando nisso, eu quis acrescentar TV nos bangalôs, que são quartos bem para casal. Mas foi mais por um desencargo de consciência, pois fizemos uma pesquisa, observei por um tempo e vi que não tinha mesmo necessidade. E, como a SKY fez um pacote interessante, decidir colocar TV nessas duas habitações. (ARANHA, 2012).

Ou seja, o relato nos leva a crer que o proprietário Eduardo busca ser fiel à estrutura rústica da fazenda, se apropriando do antigo para então lançar mão de um argumento interessante do requinte, fazendo jus à intenção da Roteiros de Charme, ainda que, em alguns casos especiais, também busque atender a alguma necessidade ou desejo de algum hóspede, que por ventura demande os serviços de TV à cabo em habitações selecionadas, cuja intenção desses visitantes seja tão somente curtir a unidade habitacional.

Essa reflexão é interessante, na medida que não engessa a gestão da hospitalidade, ponderando sempre que necessário, a depender da situação, pois, como a hospitalidade é balizada estritamente por impressões e registros individuais, talvez a qualidade da tecnologia, ainda que em estruturas rústicas, é o que fará a diferença para algum hóspede, o que fará com que sintam especial, cabendo ao gestor do empreendimento desenvolver essa sensibilidade.

REFLEXÕES FINAIS

Frente a todas as reflexões apresentadas ao longo deste estudo, é possível perceber o quanto a teoria dialoga com a prática, à medida que percebemos que a hospitalidade é e pode ser vivida em sua essência, ainda que se tratando de um domínio comercial.

Tomando como ponto de partida os depoimentos dos hóspedes, elencados na própria página da Fazenda Capoava, por exemplo, é possível visualizar o quanto essas pessoas conseguem se conectar ao campo, à experiência, à socialização, a outras pessoas, enfim, às atividades as quais as fazendas se propõem a realizar e sobretudo, se conectam, de certa forma, com o que há de melhor em si próprios, pois se mostram abertos a viver momentos genuínos, de troca, de alegria, de cuidado, retomando novamente uma característica natural e cultural existente no ser humano, que sofisticada o cuidar.

O fato é que os indivíduos, conforme nos lembra Camargo (2008), são orientados por regras que ancestralmente ditam a postura de um indivíduo ou de um grupo em face do estranho e de grupos estranhos. Este é o sistema da dádiva, no qual a troca não é equilibrada como no sistema comercial, que vem se tornando a tônica das trocas humanas depois do século XVI. Mas, contrariamente à troca comercial saldada pelo pagamento, o sistema da dádiva é infinito, sendo ainda, tradicionalmente percebido nos dias de hoje.

Há um outro modelo de troca humana, ancestral ao comércio, baseada não num contrato finito, mas em um encadeamento de dádivas e, de certa forma, de contra-dádivas que podem se suceder infinitamente. Camargo (2008) explica dádiva e contra-dádiva como sendo um processo nunca equilibrado, pois cada protagonista, sucessivamente, acaba preso à troca pela dádiva que recebeu, alternando assimetrias. Essa colocação pode ser muito bem ilustrada pela experiência vivenciada na fazenda Águas Claras, cujo funcionário da recepção, Sr. Isaias, saúda os visitantes como se os já conhecesse, declarando já os esperar.

Da mesma forma, no momento da despedida, além de presentear informalmente os hóspedes (no meu caso, em particular, foi um queijo feito por ele na fazenda), diz adeus pedindo aos hóspedes que retornem outras vezes, ou, caso estejam passando pelas redondezas, entrem na fazenda para tomar um café.

Derrida (1999) discute essa abertura infinita para com o Outro, sendo este o centro de sua proposta de hospitalidade incondicional, aquela que somente “diz sim” ao outro. A hospitalidade representa um ritual entre dois ou mais atores, englobando um espaço no qual uma marcação precisa, no sentido teatral da palavra, se desenrola, pressupondo uma

continuidade, uma vez que se trata de relações. O hóspede em uma cena converte-se em anfitrião e, em uma segunda cena, e essa inversão de papéis prossegue sem fim. Neste sentido, retomando Camargo (2008), a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis. A partir desse ponto de vista, pode-se dizer que há duas posições, dois paradigmas diferentes para se estudar o turismo, o do sistema do negócio e o do sistema da dádiva.

Os estudos incluídos na obra de Derrida sempre colocam a questão da hospitalidade, ainda que de forma oblíqua, tentando identificar as assimetrias que jogam no processo e os seus resultados. O encontro turístico é tratado como uma interação entre dois grupos de estranhos, portadores de perspectivas culturais distintas. Anfitriões trabalham enquanto hóspedes desfrutam do lazer, como ocorre em toda hospitalidade.

Diferentemente, porém, da hospitalidade doméstica, hóspedes e anfitriões mantêm uma grande distância social, os primeiros ostentando símbolos socialmente distintos enquanto os segundos tentam retirar o maior lucro possível da presença dos forasteiros, ou seja, categorias de troca que emergiram do sistema comercial, a partir da modernidade e da revolução industrial, contra o sistema da dádiva, inadequado aos modelos atuais, sendo que prevalecem trocas capitalistas.

Todavia, o que foi possível observar nas fazendas nos diz o contrário: o grupo dos que recebem (os anfitriões) e o grupo dos que são recebidos (visitantes, que aqui nesse caso não podemos chamar de forasteiros) não é tão estranho assim, pois os relatos dos entrevistados deixa explícito o prazer em realizar a acolhida, conduzida por um trato próximo e estreito com o seu hóspede, muitas vezes refletido na relação que se chama pelo nome, que se guarda a data de aniversário do outro, suas preferências alimentares e necessidades peculiares. Há, de certa forma, um reconhecimento do outro nessas relações, um reconhecimento que se dá ao compartilhar algo que é valor para ambas as partes, o que nesse caso, poderia ser exemplificado pela ligação com a terra, pelo gosto pela gastronomia e pela retomada à infância, um passado vivido na casa da avô, cujos laços familiares são presentes.

Fica, portanto, a consideração de que a hospitalidade comercial pode ser analisada sob o ponto de vista da dádiva, cujo sistema não desapareceu sob a avalanche do comércio e, embora diante de dois paradigmas: o da dádiva e o do comércio, é possível afirmar que há coexistência desses dois princípios aparentemente paradoxais de organização das relações sociais, desenvolvendo a hipótese de que a lógica do dom não se limita apenas a

regiões intersticiais da sociedade contemporânea, mas pode ser reencontrada no próprio coração do mercado. Seria razoável então concluir, conforme discute Camargo (2008), que da mesma forma que há gestos inospitais na hospitalidade doméstica, também há gestos hospitais na hospitalidade comercial.

Em outras palavras, tudo se passa como se os funcionários das fazendas ou qualquer outro profissional do turismo, mesmo ostentando o “riso comercial” da etiqueta e da sociabilidade, mesmo mobilizando seus recursos comunicacionais a serviço do contrato da fazenda com o hóspede, continuasse alguém também capaz de reagir positivamente ao apelo hospitaleiro do hóspede ou de ele próprio tomar a iniciativa, agindo, portanto, além da força do contrato, se rendendo ao código ancestral da dádiva e suas leis.

Corroborando com essa discussão, a autora Anne Gotman (2008) defende que a dádiva continua sendo a principal referência para o sistema comercial, seja como metáfora, seja como *mise en scène* (encenação) da hospitalidade. Em outras palavras: as instâncias de recepção turística seriam, então, o palco de uma encenação quase que teatral de um outro ritual, que encenamos em nossa vida cotidiana: o das regras da hospitalidade que presidem ao nosso contato com os outros. Os recepcionistas da fazenda seriam, então, alguém que teria entre as suas atribuições encenar para os clientes o ritual codificado pela instância receptora que, por sua vez, tenta reproduzir os gestos da hospitalidade cotidiana que melhor se ajustam aos visitantes. O ritual de recepção turística guarda, pois, uma interface fundamental com a hospitalidade, como sua encenação.

Entretanto, contraponto a colocação da autora, os gestores das fazendas Capoava e Águas Claras estimulam seus funcionários a sensibilizar, a agir além do código estabelecido. Foi constatado que a vida na fazenda acontece normalmente, fato este sendo percebido ao ver crianças correndo por toda a extensão da fazenda, ao identificar as casas dos funcionários localizadas na Fazenda Águas Claras, conjugando espaço com a Hospedaria Águas Claras, cujos horários e regras estabelecem o tempo do campo.

A encenação abordada por Gotman (2008) fica, nesse caso, um tanto quanto fragilizada, sendo talvez passível de associação no que diz respeito às estruturas das fazendas, que outrora representavam casas grandes, tulhas e senzalas e hoje são utilizadas como unidades habitacionais, onde então nos lembramos de Baudrillard (1991): representações, simulação e simulacro. Os hóspedes reagem com curiosidade, prazer, diversão e, sobretudo, alienação, fator determinante à encenação, que, diga-se de passagem, não é negativo.

É possível constatar, portanto, que diante dos clientes, as fazendas restabelecem o contato com a personalização, identificando oportunidades de cada vez mais estreitar laços com os seus hóspedes, seja por meio de uma garrafa de champanhe aberta de vez em quando para a data de aniversário de um cliente, chamando-o pelo nome e identificando suas preferências, seja por passar a fazer parte de seu círculo de amizades. Essa atitude reflete um gesto de hospitalidade, sobretudo quando esse recurso é sistemático.

Tal como em todas as áreas profissionais nas quais acontecem contatos interpessoais, a hotelaria jamais será tão profissional a ponto de exercer apenas o contrato e bloquear o sistema da dádiva, que continua vivo. As fazendas estão aí para contar como o gesto humano se impõe ao gesto comercial mecânico, criando e favorecendo a manutenção da sociabilidade.

E por falar em sociabilidade, o meio ao qual as fazendas estão inseridas favorecem a socialização. Os espaços físicos são pensados e formatados para que aconteça essa possibilidade, como por exemplo os pegolados, as cozinhas com suas grandes áreas, os alpendres conjugados com as salas de estar da casa grande, a capela da Capova e o caminho espaçoso da Águas Claras, enfim, estruturas pensadas para agregar.

Partindo dessa premissa, nossa pesquisa também se propôs a analisar o espaço rural não delimitado e, a princípio, sem referência, cuja hospitalidade vem então preencher e dar vida a esse espaço, trabalhando a paisagem rural (que em seu cerne contém espaços e lugares), ou seja, no ambiente das fazendas, temos o lugar impregnado de referência.

As referências que podem ser destacadas dizem respeito a tudo que é simbólico e reconhecido pelo hóspede, ou seja, a gastronomia caipira, servida no fogão à lenha, de onde a comida não é retirada; o mato e o verde recheado de animais, o cheiro da terra, o frescor da relva, a brisa fresca do campo, as brincadeiras de criança na chuva, a moda de viola e a contação de “causos”, a fogueira e o violão, os elementos antigos da época de plantio do café, o próprio café, seu aroma, seu o frescor e seu quentume, tomado na hora em que é coado, ainda em coador de pano.

O fato de esses símbolos também remeterem a algum período bom da infância, tanto do visitante quanto do anfitrião, também faz das fazendas lugares impregnados de referência, a exemplo do relato do proprietário da Águas Claras, Eduardo Aranha, que reforçou sua ligação com a terra, ao adquirir a fazenda, alegando que ao empreender na Águas Claras, foi como reviver um prazer do passado, da infância e da adolescência.

Esse contexto abre uma discussão para o tema da paisagem enquanto mercadoria e o quanto essas paisagens se apresentam multifuncionais e multiculturais, tomando como objeto de análise as fazendas. Em termos de hospitalidade comercial, é possível observar que tanto na Capoava quanto na Águas Claras, há uma valoração da paisagem subjetiva de forma objetiva, instrumental, ou seja, o olhar do homem para a paisagem rural se apresenta resiliente, de certa forma conformado, na medida que existe uma associação com o que lhe é expressivo e de valor, seja por associação a uma experiência bem vivida, que lhe trouxe momentos felizes, seja por uma necessidade de viver algo novo ou fugir de uma realidade massacrante.

Entretanto, segundo Berque (2009), atualmente nos limitamos a pensar na paisagem, sem de fato nos envolver com ela, pois carecemos de um pensamento concreto e vivo, que se plasma em belas paisagens. Converter em fetiche o objeto de consumo (turístico, imobiliário, acadêmico, etc.) que hoje é a paisagem, não servira para reencontrar a verdadeira essência ou a verdadeira representação da paisagem para cada um. A paisagem, ou seja, a realidade das coisas, segundo o autor, não pode ser reduzida a mera mercadoria, já que não é um objeto e sim uma relação que se estabelece entre um sujeito que contempla e o entorno que o rodeia e que, desde então, não lhe é alheio. Este sujeito que percebe e sente, enquanto pessoa inteligente, é capaz de experimentar prazer e também de elaborar juízos estéticos.

Berque (2009) discute a respeito de três níveis de paisagem: a da natureza, a da sociedade e a da pessoa que contempla a paisagem (recuperação dos lugares de infância até experiências acumuladas em vida). Não há dúvida de que a paisagem nos incita a pensar de determinada maneira e ainda, que algumas ideias nos vêm precisamente de alguma paisagem. É por esse motivo que o empreendedor Eduardo Aranha, da Águas Claras, se motivou a dar continuidade ao negócio do pai, Sr. Roberto Aranha, em virtude de essa paisagem recuperar em sua mente lugares que viveu em sua infância e que lhe foram marcantes, acumulando cada vez mais necessidades e gerando ações que se materializam hoje na Águas Claras.

De forma similar, os funcionários da fazenda também trazem o mesmo registro: O Sr. Isaias tem a lembrança de uma vida bem vivida ao lado de seu patrão Sr. Roberto Aranha, que lhe proveu a casa onde mora e possibilidades de crescimento pessoal e profissional na vida, e, desta forma, reproduz essas experiências acumuladas em uma

atitude carregada de gratidão, de carisma, de hospitalidade, ou seja, essências do dom da dádiva.

Prosseguindo, um pensamento acerca da paisagem é um pensamento que tem por objeto a paisagem, gerando uma reflexão. Para que exista tal coisa, esta deve ser capaz de representar tal paisagem, por meio de uma palavra que permita expressão. É claro que se pode sentir de maneira diferente, mas para pensá-las, verdadeiramente, é preciso palavras.

É evidente, portanto, que as impressões deixadas na página da Capoava pelos hóspedes e visitantes que conhecem a fazenda refletem o sentimento que essas pessoas possuem a respeito daquela paisagem, mescladas ao sentimento que aquela paisagem consegue retomar no íntimo de cada indivíduo, de acordo com a experiência e registros de cada um, a ponto de conseguirem, então, expressar por palavras.

Além disso, considerando que a paisagem é a fisionomia, a morfologia ou a expressão formal do espaço, ela reflete também a visão que a população tem sobre seu entorno, tendo como função suportar uma identidade e servir de base para estimular a coesão existente dentro da sociedade e sendo o fundamento da formação das identidades, integrando a linguagem científica com o emocional, promovendo a interface entre o saber geográfico e a identidade cultural.

É possível perceber, portanto, cada vez mais a busca dos habitantes das grandes cidades pelo campo, pela natureza, por qualidade de vida, ou ainda, uma retomada às suas raízes. Todavia, segundo estudo realizado por Resende (2007), quando algumas pessoas buscam o campo (ou seja, esta busca é idealizada, o local da tranquilidade, do verde, do “tempo lento”), também querem ter acesso aos bens de consumo urbano-industriais. Por esse motivo, o estudo do autor identifica hotéis-fazenda que, mesmo reproduzindo uma paisagem tipicamente rural, buscam oferecer aos seus hóspedes serviços especiais, como acesso à internet, piscinas, quadras de esporte, televisão via satélite, entre outros. Com efeito, forma-se uma rede de serviços não-agrícolas ou até mesmo urbanos em um cenário que, para o padrão tradicional, seria uma área tipicamente rural.

Entretanto, não é o que se observa nas fazendas Capoava e Águas Claras, salvo pela exceção de haver televisões em alguns quartos, até mesmo pela preocupação constante em primar pela qualidade em atender todas as necessidades, já que desejos são únicos e particulares. Todavia, a ideia concebida pelas fazendas trabalha exatamente com a realidade de que nesses locais não é interessante manter o *modus vivendi* encontrado na cidade grande ou mesmo reproduzi-lo, pois seria abraçar uma contradição: a de ir contra o

desejo intrínseco das pessoas de buscar o idílico, o descanso, a vida tranqüila que as fazendas é capaz de proporcionar (não considerando as pessoas que estão envolvidas com a dinâmica do trabalho nas fazendas, pois nesse caso, teríamos que considerá-las em seu tempo liberado do trabalho).

Ademais, os funcionários e gestores trabalham a proposta do máximo envolvimento dos hóspedes com a natureza, através das atividades de lazer, das dinâmicas com animais, das rodas e fogueiras com casos, cafés e bolos sempre à disposição, dos passeios em conjunto, enfim, do objetivo da socialização entre pessoas desconhecidas, da cidade grande, que naquele momento compartilham um ambiente comum, lembrando que muitas dessas pessoas deixam a fazenda com novos amigos e promessas de retorno e encontros sequenciais.

Retomando a tipologia de valores biofílicos, de Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003), é possível perceber que os gestores das fazendas possuem uma relação com os seus hóspedes baseada no utilitarismo pelo fato de explorarem a natureza, todavia, não de uma forma negativa, pois o explorar, nesse caso, está ligado a promoção da interação das pessoas com o meio, com os animais, com a terra, com a plantação, através dos passeios de caminhão pela plantação de café, realizada pela Águas Claras, através das atividades de recreação realizadas pelo Rafael Viana na fazenda Capoava, entre outras tantas atividades.

Revela-se, então, uma função também simbólica, naturalista, humanista e moralista dos gestores da fazenda para com os seus visitantes, na medida que há abertura para a afinidade, para o estreitamento de laços, para a preocupação em se buscar entender as necessidades do outro e o constante exercício do cuidado e do bem-receber, ou seja, da hospitalidade, além de as atividades de recreação propiciarem a informação ambiental por meio do lúdico e do contato direto com a natureza e seus elementos, sempre com muita naturalidade.

Além disso, a estética também é muito bem trabalhada e valorada pelos gestores e, conseqüentemente, pelos hóspedes/visitantes, já que é possível perceber o esmero em relação à manutenção das estruturas para que sigam se apresentando o mais próximo do original possível, retratando o que seria mais próximo da realidade: a limpeza, o cuidado com a apresentação das unidades habitacionais, o carinho dos funcionários para com as pessoas, etc.

O comportamento observado pelos gestores das fazendas Capoava e Águas Claras, somado ao relato dos funcionários entrevistados, nos confirma, então, a tese

apresentada neste estudo, a de que a ruralidade enquanto símbolo da hospitalidade rural tem propiciado novas relações de troca e organização espacial no meio rural, cujo espaço se apresenta como materialidade dessas relações sociais. Ademais, o turismo rural, através da ressignificação do lugar e da paisagem, se apropria dos simbolismos da hospitalidade para então gerar um produto/mercadoria que atenda as necessidades físicas e psicológicas dos visitantes, pautando, dessa forma, algumas tendências nesse meio rural, no interior do estado de São Paulo.

Ao analisar as relações de consumo da atividade turística e constatar que algumas delas se apresentam estandardizadas, se comportando de forma padronizada (a própria concepção do “Roteiros de Charme” revela isso), o pensamento que nos vem à mente é que a hospitalidade passa a ser mais instrumental, pois se baseia em trocas monetárias, tomando como ponto de partida símbolos singulares que cada estabelecimento tem para oferecer. É possível dizer também que a contemporaneidade impõe essa situação às relações de hospitalidade, cuja mudança de valores e necessidade é determinante, visando atender um movimento de pasteurização e massificação das relações. Entretanto, a discussão deste estudo buscou identificar e ressaltar a humanização dessa atividade, que contém os laços da familiaridade, da proximidade das relações e do sentimento de ligação e apreço com a terra, com a culinária, com a natureza, com o campo, com o rural e com tudo o que advém da interface desses elementos.

Esse é, portanto, um dos grandes desafios da geografia cultural, o de lidar com grandes paradoxos, sempre fazendo contrapontos entre as várias vertentes de uma mesma moeda. Cosgrove e Jackson (2007) discutem a respeito da definição dessa “nova” geografia cultural, que seria ao mesmo tempo contemporânea e histórica; social e espacial (não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural; atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e ao mesmo tempo, às formas de resistência. No presente estudo, temos as fazendas históricas inseridas em um contexto de globalização, padronizado, comercial, inseridas em uma associação que impõe vários requisitos em termos de comportamento e, ao mesmo tempo, ainda resistindo em termos da manutenção do tradicional, do rústico, da história, da essência, das reminiscências do passado.

Fica-nos então evidente, nesse momento de conclusão de nossa tese, que em se tratando das fazendas históricas enquanto equipamentos a serem considerados na atividade turística, destaca-se a importância da noção simbólica da hospitalidade, suas trocas sociais,

o equilíbrio entre o paradoxo do doméstico *versus* comercial, da interpretação de valores e apropriações que ressignificam a dinâmica operacional das fazendas históricas paulistas e o turismo enquanto veículo que proporciona essas vivências culturais de solidariedade e de afetividade como variáveis de construção dessa nova hospitalidade rural, ou seja, a operacionalização das práticas sociais e a sua transformação, de forma natural, em argumento de atração.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, R. **Jogo de cintura**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.
- ALENTEJANO, P. R. **O que há de novo no rural brasileiro?** Terra Livre. São Paulo, n. 15, 2000.
- ALMEIDA, Â. M. Notas sobre a família brasileira. *In*: _____ (org.). **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- ALMEIDA, J. A.; RIELD, M. **Turismo Rural Ecologia, Lazer e Desenvolvimento**. Rio Grande do Sul: EDUSC, 2004.
- AUGÉ, M. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BACAL, S. **Lazer e turismo: fenômenos do tempo livre**. *In*: _____. (org.). **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003, p. 97-134.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAPTISTA, I. **Lugares de Hospitalidade**. *In*: DIAS, C. M. M. (org.) **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Verbo, 1979.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Coleção Antropos, Lisboa: Editora Relógio D'água, 1991.
- BAUER, C. **Breve história da mulher no mundo ocidental**. São Paulo: Xamã, Edições Pulsar, 2001.
- BERQUE, A. **El pensamiento paisajero**. Paisaje y Teoria: Biblioteca Nueva, Madrid, 2009.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.
- CAMARGO, L. O. L. **A pesquisa em hospitalidade**. *In*: Revista Hospitalidade, Ano V, no. 2, dez, 2008.
- CARA, R. B. **El turismo y los procesos de transformación territorial**. *In*: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

- CARLOS, A. F. A. **O turismo e a produção do não-lugar.** *In:* CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CARNEIRO, M. J. **Do rural ao urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade.** *In:* II Seminário sobre o novo rural brasileiro. Anais..., NEA/UNICAMP, Campinas, 2001.
- CARNEIRO, M. J. **“Rural” como categoria de pensamento.** *In:* Ruris, volume 2, número 1, 2008.
- CARRILHO, M. J. **Fazendas de café oitocentistas no Vale do Paraíba.** *In:* Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 14, n.1, jan-jun, 2006.
- CAVACO, C. **Turismo rural e desenvolvimento local.** *In:* CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- COIMBRA, S. A. A. **O outro lado do meio ambiente.** São Paulo: CETESB/ ASCETESB, 1985. *In:* FORATTINI, O. P. Revista da Saúde Pública, vol.25, nº. 2, São Paulo, 1991.
- COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. **Novos rumos da geografia cultural.** *In:* CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COULANGES, N. D. F. **A Cidade Antiga.** São Paulo/Brasília. Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1981.
- COUTO, M. T. **Estudos de famílias populares urbanas e a articulação com gênero.** Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 9, volume 16(1): 197-216, 2005.
- CRUZ, C. A. **Hospitalidade Turística e Fenômeno Urbano no Brasil: considerações gerais.** *In:* DIAS, C. M. M. (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas.** São Paulo: Manole, 2002.
- DA MATTA, R. **A casa e a rua. Rio de Janeiro.** Guanabara Koogan, 1991.
- DARKE, J.; GURNEY, C. **Como alojar? Gênero, hospitalidade e performance.** *In:* LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado.** São Paulo: Manole, 2004.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1994.
- FAUSTO NETO, A. M. **Família operária e reprodução da força de trabalho.** Petrópolis: Vozes, 1982.
- DERRIDA, J. **Manifeste pour l’hospitalité.** Grigny: Paroles d’Aube, 1999.

- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- FONTES, E.; LAGE, C. S. **Apropriação do espaço pelo turismo em Sauípe e seu impacto no desenvolvimento local**. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; LIMA, L. C. Turismo Comunitário e Responsabilidade Sócio-Ambiental. Fortaleza: Editora EDUECE, 2003.
- FREYRE, G. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 29ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Editora: LTC – Livros técnicos e Científicos. Rio de Janeiro. 1989.
- GONZALEZ, R.; C. L.; CARRIL, V. P.; SOLLA, X. S. **Paisagens Vitivinícolas e desenvolvimento do Enoturismo na Galiza. Uma olhada desde a Geografia Cultural**. In: I Congresso Internacional de Vinhos e Vinhas, *Anais*, Portugal, 2010.
- GOTMAN, A. **O turismo e a encenação da hospitalidade**. In: BUENO RAMOS e CAMARGO. **Modernidade, cultura material e estilos de vida**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008, p.115-134.
- GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
- _____. **Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado**. In: DIAS, C. M. M. (org.) **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.
- GUTIERREZ, G. **Lazer, exclusão social e militância política**. In: BRUHNS, H. E. GUTIERREZ, G. (Orgs.) **Temas sobre o lazer**. Campinas, Autores Associados, 2000.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ITABORAÍ, N. R. **A família colonial e a construção do Brasil: Vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 9, volume 16(1): 171-196, 2005.
- KOTLER, P.; BOWEN, J.; MARENS, J. **Marketing For Hospitality And Tourism**. São Paulo: Prentice Hall Pearson, 2005.
- LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço**. Paris: Armand Colin, 1974.
- _____. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.
- _____. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978.
- LEVI, D. E. **A família Prado**. São Paulo: Cultura 70, 1974.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

- LYNCH, P.; MACWHANNELL, D. **Hospitalidade doméstica e comercial**. *In*: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.
- LUCHIARI, M. T. D. P. **A Mercantilização das Paisagens Naturais**. *In*: BRUNHS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (orgs). **Enfoques Contemporâneos do Lúdico**, III Ciclo de Debates Lazer e Motricidade, Campinas, 2002.
- MALUF, M.; MOTT, M. L. **Recônditos do mundo feminino**. *In*: NOVAIS, F. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2004, v.3.p. 367-421.
- MARQUES, M. I. M. **O conceito de espaço rural em questão**. Terra Livre. São Paulo, n. 19, 2002.
- MARTINS, J. S. (org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. *In*: Sociologia e Antropologia, vol. II, pg. 37-184. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo rural: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas Públicas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Instituto Piaget: Lisboa, 1990.
- NICOLAS, D. H. **Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo**. *In*: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- OLIVEIRA, B. A. C. C.; MORAES, C. S. V. **A teoria das formas em Lefebvre**. *In*: MARTINS, J. S. (org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- OLIVEIRA, L. **A construção do espaço, segundo Jean Piaget**. Sociedade & Natureza, v. 17, 2005.
- ORBACH, S. **What do women want**. California: Berkley Publishing, 1999.
- PEARCE, P. L. **Farm tourism in New Zealand : a social situation analyses**. Annals of tourism research, v. 17, n°3, 1990.
- PELLIZER, H. A. **Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo**. *In*: DUNCKER, A. F. M. (coord.) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

- PENA-VEJA, A., NASCIMENTO, E. P. (org.) **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- PORTUGUEZ, A. P. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- PRAXEDES, W. **Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade**. Revista espaço acadêmico, nº 37, 2004.
- QUINTAS, F. **Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**. São Paulo: Global, 2008.
- REIS-ALVES, L. A. **O conceito de lugar**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004.
- RESENDE, S. **Interações entre rural e urbano: discussões e tendências de análise**. In: MARAFON, G. J.; PESSOA, V. L. S. (org.). **Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa**. Uberlândia: Roma, 2007.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- RODRIGUES, A. B. **A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental**. In: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- RODRIGUES, A. B. **Desafios para os estudiosos do turismo**. In: CARLOS, A. F. A.; YAZIGI, E.; CRUZ, R. C. A. (org.) **Turismo, paisagem e cultura**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SAMARA, E. M. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1986.
- SARTI, C. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SAVARIN, B. **A Fisiologia do Gosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SILVA, A. P. **Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII – séc. XX)**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 14, n.1, jan-jun, 2006.
- SOROKIN, P.; ZIMMERMAN, C.; GALPIN, C. **Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano**. In: MARTINS, J. S. (org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SOUZA, J. **A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?** Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 16, n. 45, fev, 2001.

- STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.
- STRINGER, P. F. **Hosts and guests: the bed-and-breakfast phenomenon**. *Annals of tourism research*, v. 8, nº3, 1981.
- STRUMINSKI, E. **A Ética no Montanhismo**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 7, p. 121-130, jan./jun., Editora UFPR, Curitiba, 2003.
- TELFER, E. **A filosofia da “hospitalidade”**. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- VISSER, M. **O ritual do jantar: as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras a mesa**. São Paulo: Campus, 1998.
- WALTON, J. K. **O negócio da hospitalidade: uma história social**. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.
- ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.